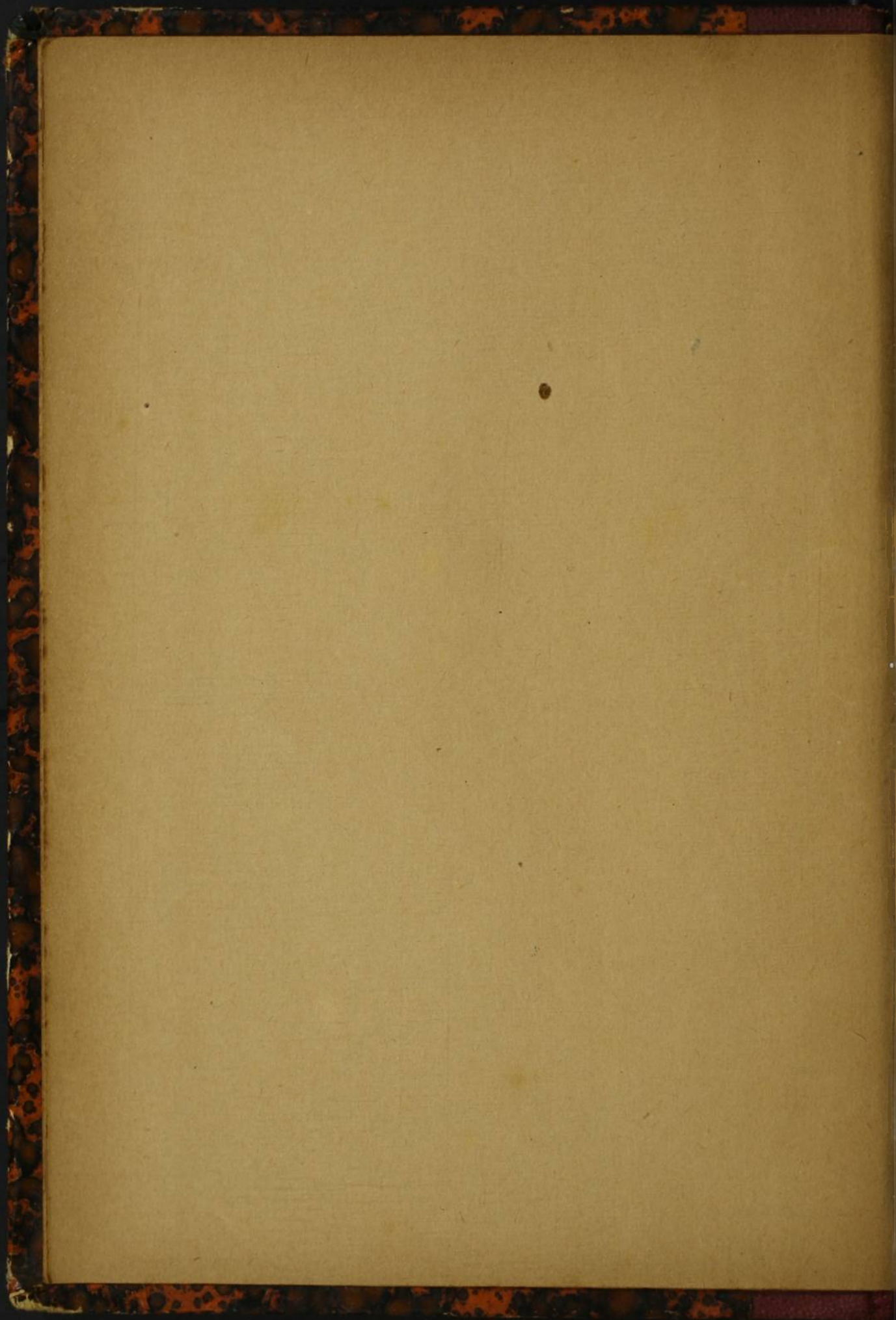


Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

12



OS ROMANCES DO EXILIO

*Edgard Assoluto*

||  
São Paulo - 18. Setembro 1928

**A Estrella de Absyntho**

---

ESTE LIVRO FOI ESCRITO EM  
S. PAULO, DE 1917 A 1921. — RE-  
FUNDIDO VARIAS VEZES É DADO  
Á PUBLICAÇÃO EM 1927, MAS NA  
SUA FORMA PRIMITIVA :: :: ::

---

*Para o Edgard  
este absyntho*

EDITORIAL HELIOS LIMITADA  
SÃO PAULO 1927

*Ima*  
1942

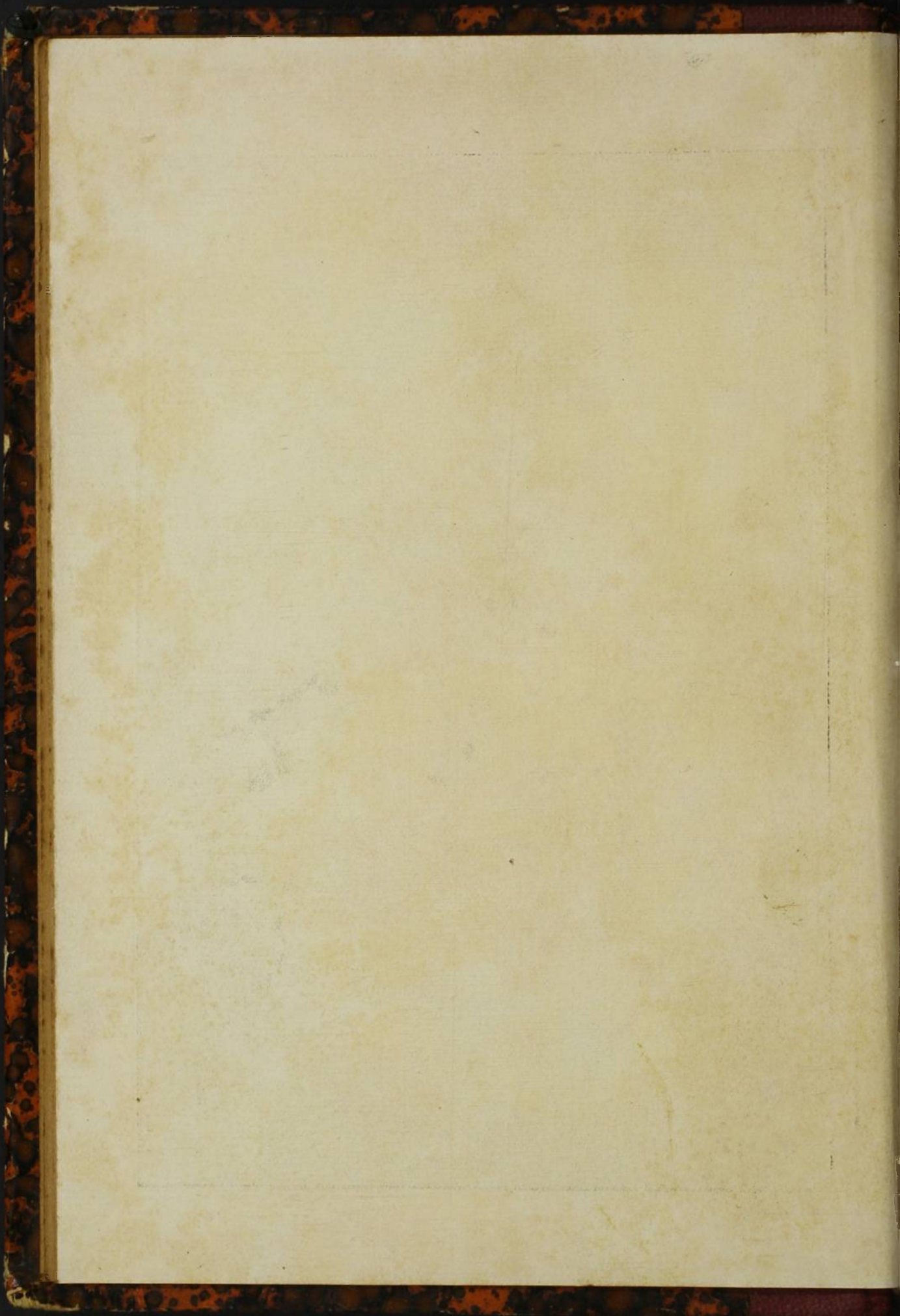
DO MESMO AUTOR

Pau Brasil  
Memorias Sentimentaes de João Miramar  
Primeiro Caderno do Alumno de Poesia Oswald de  
Andrade  
Serafim Ponte Grande

Os Romances do Exilio

- I Os Condemnados
- II A Estrella de Absyntho  
*A sahir*
- III A Escada





# O depoimento contemporaneo

## ELOGIOSAS REFERENCIAS DA LITERATURA, DA CRITICA E DO JORNALISMO A' PERSONALIDADE E A' OBRA DE OSWALD DE ANDRADE

A minha opinião é de namorado. Adoro Oswald de Andrade.

Alvaro Moreyra

“... os formidaveis “Condemnados” que li como os ouvi em São Paulo e nem o tempo nem a distancia me esqueceram ainda a impressão que se traduziu na mesma palavra... me doem ainda! Vocês são uns scelerados passionaes entre o Dostoiewski do “Crime e Castigo e o Charles Louis Philippe do “Bubu de Montparnasse”, entre o Poe dos pesadellos e o Wilde das perversões”.

Afranio Peixoto  
da Academia Brasileira

Je lis de temps em temps un de vos charmants poèmes de Pau Brasil et je sais par cœur Prosperidade qui m'enchante.

Valery Larbaud, o grande traductor das obras de James Joyce e Gomes de La Serna.

Pelas duzentas paginas desse romance feito por  
mão de mestre, passa a sensibilidade de um dos mais  
elegantes espiritos do Brasil contemporaneo.

Olegario Marianno  
da Academia Brasileira

Los tres volumenos de la obra de este autor seran  
la tragedia mas intensa que existe sobre el dolor  
humano.

Sanches Saes

Poesia synthetica. Poesia sem rhetorica. Poesia  
essencial. "Simplesmente poesia com P. grande, bro-  
tando do solo natal inconscientemente" na phrase  
lapidar do Sr. Paulo Prado.

Oswaldo Costa

A psychologia dos personagens está perfeitemen-  
te estabelecida. Todos vivem rigorosamente logicos  
dentro das premissas do temperamento e da fata-  
lidade. A vida de Luquinhas resalta vivida, primoro-  
samente cinematographada numa serie de quadros a  
Griffith.

Monteiro Lobato

Quanto ao Sr. Oswald de Andrade a sua poesia fez mais admiradores que discipulos. Não é facil imital-o. No emtanto, talvez houvesse conveniencia em propol-o como modelo a muitos desses rapazes que se estão pervertendo em outras companhias. Ainda ha pouco, o Sr. Antonio de Alcantara Machado dizia-me com carradas de razão "Para mim não deve haver modelos. Mas querendo seguir um, a meninada de hoje deve seguir o Oswald de preferencia a qualquer outro. O Oswald não se incommoda com que os outros fazem. Primeira vantagem. Depois trabalha sem se incomodar com a opinião dos outros e sem a preocupação absorvente de querer fazer moderno".

Rodrigo M. F. de Andrade

Oswald é um grande emotivo, que interpreta com singular bizarria e propriedade a alma das coisas.

Carlos Dias Fernandes

... um talento como o delle, um dos mais originaes da nova geração um dos que mais hão de marcar nas nossas lettras...

Tristão de Athayde

Dans ce roman hardi, Mr. Oswald de Andrade dissèque avec un scalpel que nulle émotion apparente ne fait trembler, une humanité sacrifiée. Mais on devine à certains accents plus âpres que la pitié comme chez Dostoiewski, prend le masque de l'ironie.

Il a révélé un tempérament vigoureux d'écrivain, épris de concision alerte, sachant aborder les problèmes de front avec la rude et provocante sincérité d'un novateur.

**G. Le Gentil**

Professor das litteraturas de lingua portugueza na Sorbonne.

Vossa novella empolga pela parte tragica, dolorosa, caracteristica da vida dos desherdados e pela verdade observada.

**Fabio Luz**

E' uma das obras mais violentamente realistas que conheço.

As notações a Dostoiewski e Tolstoi destacadas como pontas de aço ou atiradas de proposito numa

confusão de semi delirio, adquirem por vezes rara e singularissima eloquencia.

**José Antonio Nogueira**

Este romancista sabe torturar e sabe emocionar como os russos. Ha nelle uma dor positiva, flagrante, uma dor nua.

**Carlos Drummond de Andrade**

O senhor não é um amoralista; sente pelo contrario, indominavel revolta contra o meio social que produz "Os condemnados"...

**Nestor Victor**

O Sr. Oswald de Andrade era antes um bom poeta brasileiro. Com a publicação do "Primeiro Caderno do Alumno de Poesia" elle se tornou um grande poeta brasileiro.

**João Alphonsus**

... Oswald de Andrade, o verdadeiro filete da corrente nova, e o que o Sr. Graça Aranha está a divertir-se pregando o que não faz...

Carlos de Laet  
da Academia Brasileira

Oswald na sua vibração continua, na sua intelligencia trepidante, na sua intelligencia electrica, no tumulto das suas imagens, das suas palavras que atropelam como automoveis, é uma cidade, uma capital, um paiz. Oswald é o Brasil, o Brasil que se multiplica, o Brasil enorme, o Brasil que chega até Paris.

Antonio Ferro

Quem no Brasil ainda não ouviu o seu nome? Nesta atoarda dos ultimos anons, elle apparece a todo instante. Porém, quantos sabem que você tem o tumulo de Tutan-Kamen sob as areias de um aparente amadorismo? Não quero dar um troco, por lisonja ou mesmo elogio facil: você sabe quanto sou feroz; porém não posso deixar de dizer a você: sou

dos poucos homens que sabem quem você é. E isto, meu caro, é verdadeiro, e verdadeiramente triste. Triste? Avancei uma palavra idiota. Isto é que dá alegria. Isto é que é bom! Antigamente, no tempo da Praça da Republica, quando você me prendia em São Paulo dias inteiros de hospedagem bohemia só para conversarmos (conversas de 15, 18 horas!) antigamente eu era como os indios de 1500, que sabiam de roteiros de minas, atravez do matto irrevelado. Porém com a differença que eu gostava de ensinar o caminho aos outros. Hoje você é uma especie de mina do Morro Velho, com estrada de ferro para lá e caravanas de turistas curiosos. O que os turistas não sabem, no emtanto, é das camadas mysteriosas além dos pavimentos attingidos pela engenharia ingleza... O ouro que vem de lá só poucos reconhecem. Ainda ha pouco no Rio, passámos horas inteiras na garçonniere do Manoel Bandeira, elle, Prudentinho, Sergio Buarque e eu a reler o Pau Brasil. E' quasi doloroso este gozo de perceber e sentir as minimas intenções! Mesmo onde você põe certas nuanças difficilimas e raras (O Féra, por exemplo) nós chegamos, nós puzemos o pé, nós attingimos e

voltámos encantados. Creio que seria inutil o esforço de tentar explical-o ao respeitavel publico.

**Ribeiro Couto**

Teu espirito é uma chamma purificadora, um generoso incendio em marcha. Tens o dedo agil dos creadores, dos homens tumultuosos que estão acima do bem e do mal.

**Ronald de Carvalho**

... Mario Guastini é mal educado, cafageste, parallelepipedo, burro, illetrado quando todos estão fartos de saber que Oswald aprendeu com Mario Guastini as poucas letras e a educação que possui ou julga possuir.

**Commendador Mario Guastini**  
**Consul do Peru'**

Na Revue de l'Amerique Latine, de Paris, o Sr. Manoel Gabisto occupa-se com a litteratura brasileira, parecendo dar importancia á "Poesia Pau Brasil" que felizmente aqui ninguem conhece.

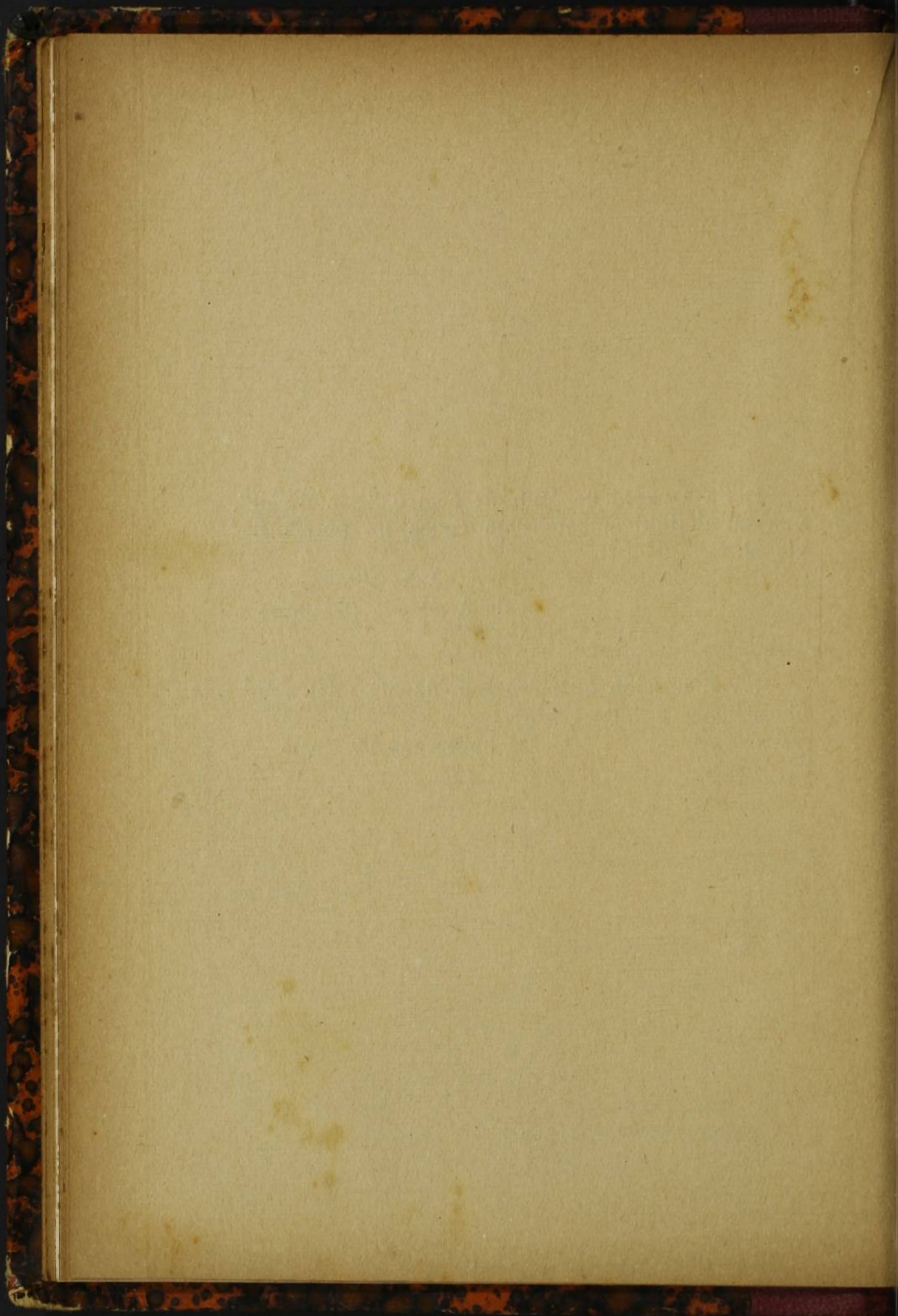
**Pinheiro Junior**  
o das "Coisas da Cidade"

O Sr. Oswald de Andrade com o "Pau Brasil",  
marcou definitivamente uma época na poesia na-  
cional.

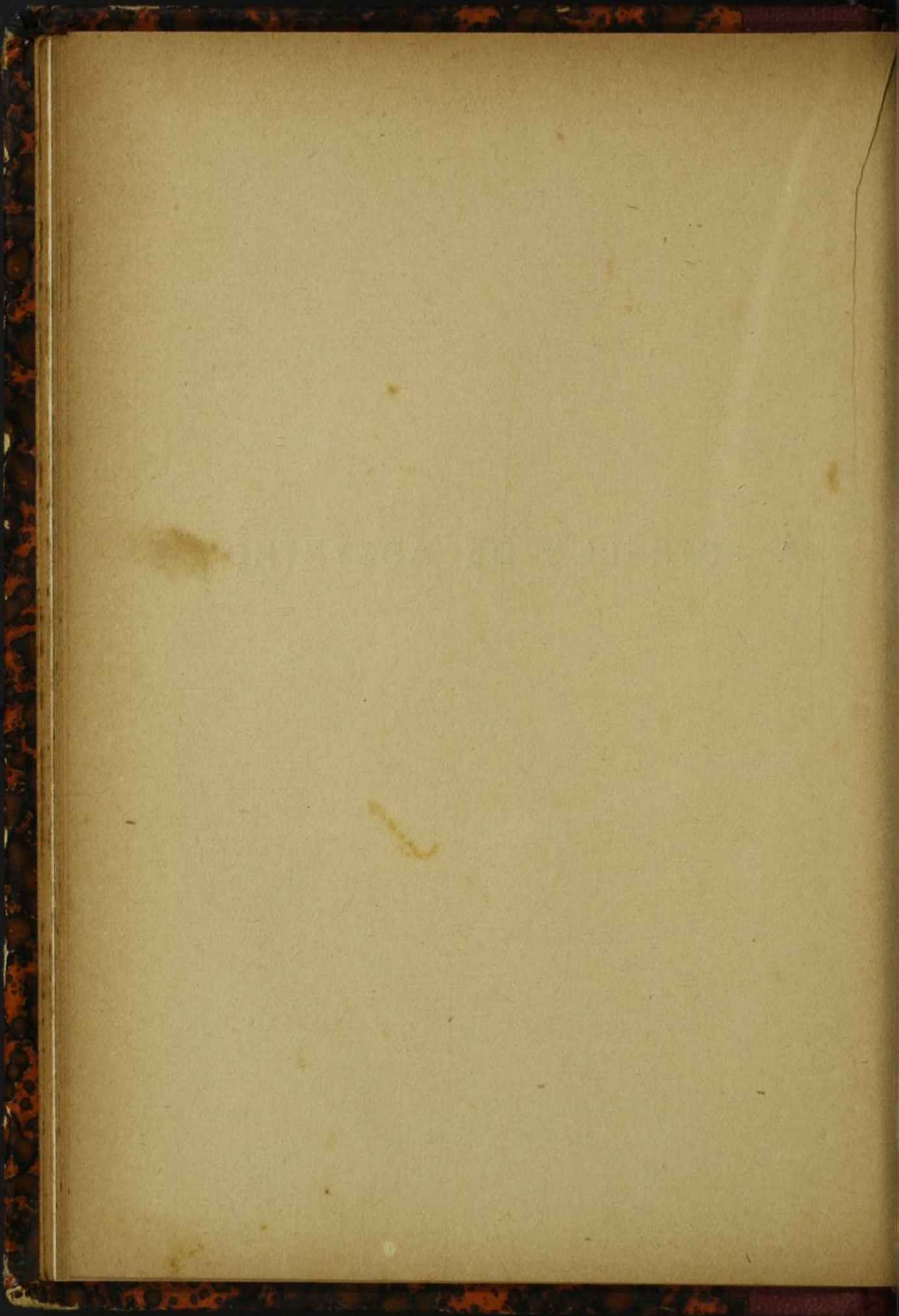
**João Ribeiro**  
da Academia Brasileira

... o nascido atingirá sem dúvida altos cami-  
nhos, honra e "alta conta".

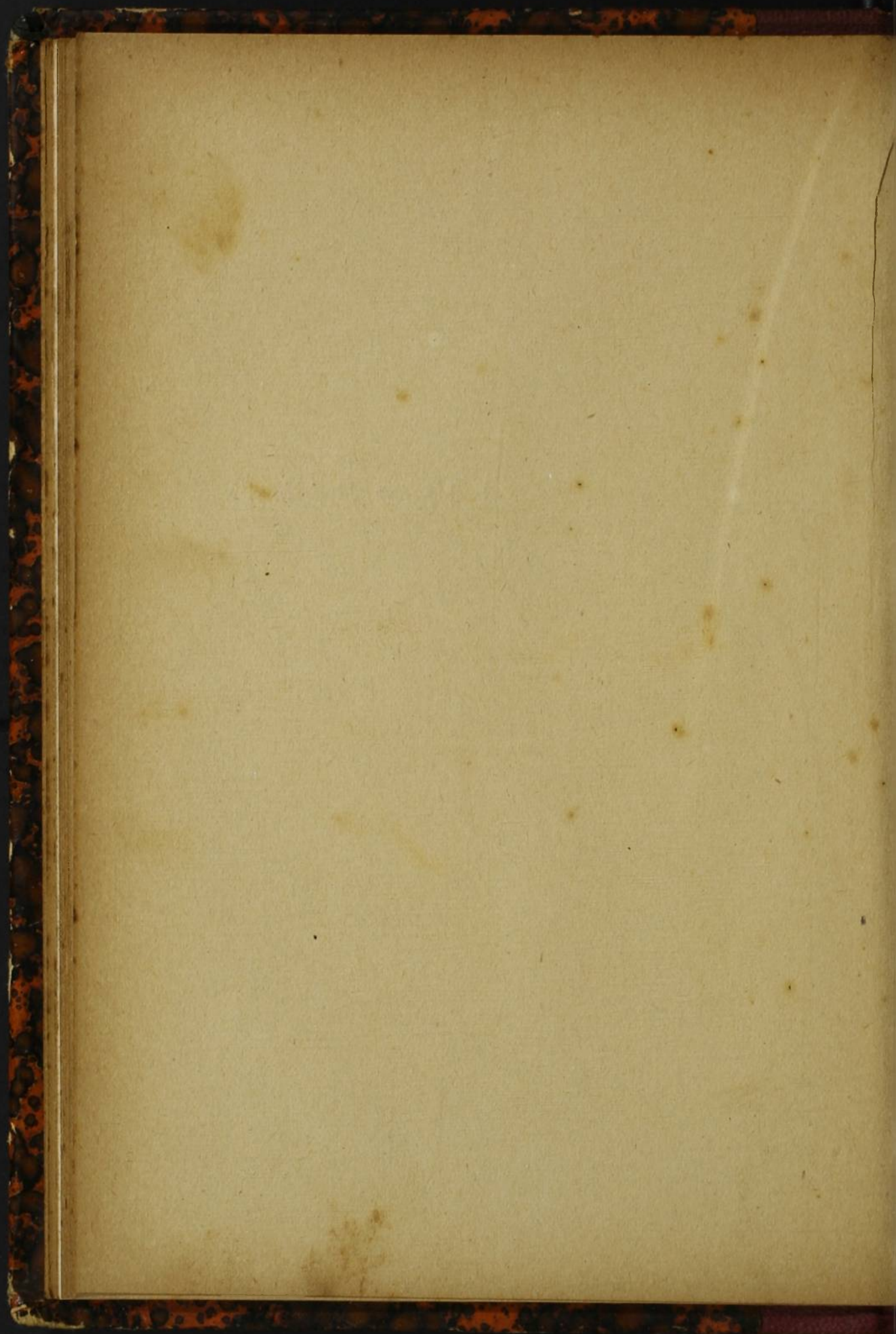
**Do horoscopo do Poeta**



A ESTRELLA DE ABSYNTHO

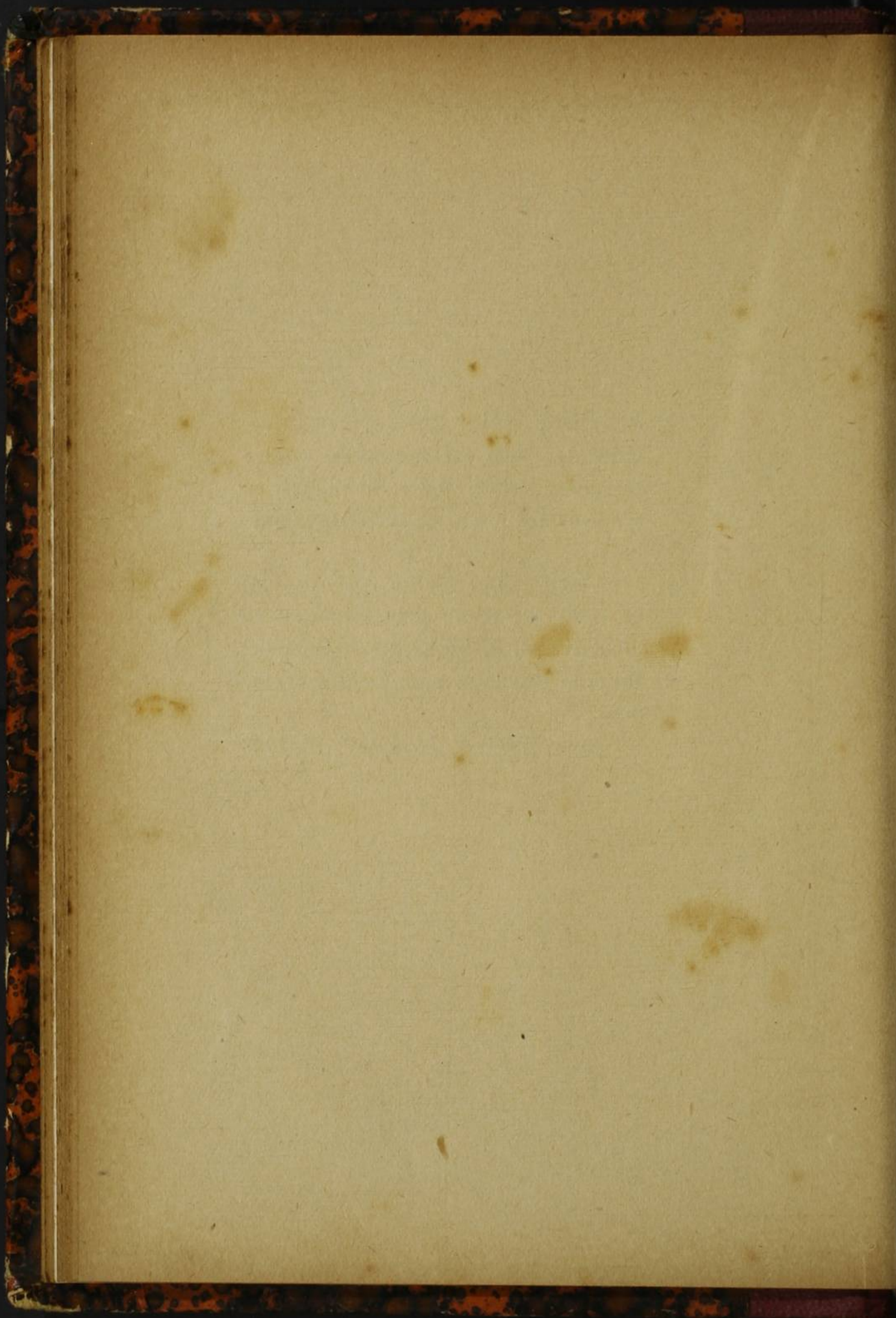


*A Victor Brécheret*



10. Et tertius angelus tuba cecinit et cecidit de coelo stella magna, ardens tamquam facula, et cecidit in tertiam partem fluminum, et in fontes aquarum;
11. et nomen stellae dicitur Absynthium; et facta est tertia pars aquarum in absynthium, et multi hominum mortui sunt de aquis, quia amarae factae sunt.

Apocalypsis B. Joannis A. — C. 8.



- 
- 
- 
- 
- 
- 
- Que pensas dos homens?  
— Uns canalhas...  
— E das mulheres?  
— Tambem.

Na luz medida do atelier de esculptura, cerrado ao meio por um biombo, recoberto em azul, Jorge d'Alvellos movia-se sem trabalhar.

Sentia-se alegre aquella manhã na sua pátria, de onde partira em busca de victorias com dezoito annos. Voltara ao Brasil, artista ignorado, quando longo tempo fazia já do seu embarque, com o avô que o levara até o porto de Santos.

Jorge d'Alvellos fixava obstinadamente aquelle resto readquirido de sua gente: uma mulher quieta e grande, sob o capacete côr de cobre dos cabellos.

Estavam sentados junto á porta fenestrada que apanhava, por cima do claustro,

as montanhas lisas, empastadas em massas tenue-roxo dos fundos de São Paulo.

O vime rangeu sob o estofado de cretone, com flôres rubras, enormes. Jorge deitara-se aconchegando ao rosto uma almofada esphérica de seda. Perto de ambos, no chão, uma pequena esphinge de doze mamas estacava.

— Uns canalhas...

Fazia uma santa manhã lá fóra.

Era no Palacio das Industrias, onde o esculptor armara atelier na parte já terminada do pavilhão central. Haviam-no deixado montar ahi casa de doido, com desenhos cyclopicos tirados a carvão no soalho e baldes e greda e fôrmas e fragmentos e estatuas.

Elle ficara a principio seduzido pela mudança de céu e de ambiente, depois subitamente horrorizado com artistas e criticos que conhecera, agora contente com a reaparição de Alma.

Ella estava de novo ao seu lado alli... e elle repetia-lhe mentalmente o nome, olhando-a sem ver.

Parecia-lhe que fóra numa missa de Natal, em Areias, a ultima vez que a vira, antes da viagem. Ella conservara-se na frente delle, num vestido curto de etamine, de onde emergia a forte carnadura sob os cabellos. Não havia padre. E no côro, um trio instrumental com vozerio que parecia vir de tubas,

eternizava Dominus Vobiscums em escalas de Marselheza. O povo esperava, bestificado, cheirando a areia, como quem espera milagres.

A parte fatigada de terra que fica nos limites do Rio, cemiterio de cem kilometros com cruces de cidades. Tinham ambos, elle e ella, na vinda do Amazonas, corrido o inicio da vida, por lugarejos parados e seculares, entre as tentações distantes das grandes capitaes: em pleno dia, aldeias, onde se ouvia a roçada das formigas, sob um céu voraz, feito de milhões de azas de insectos.

Elle sentia isso numa repercussão. Haviam parado alli somente um anno e o paiz safaro parecia tel-os marcado. Elle era como os rapazes da região que, estalada a puberdade, migram, deixando o mulherio ficar numa prévia viuvez, de coxas ardentes e semi-abertas, como para depoimentos, e calores eternos, sonhando casamentos absurdos e prostituições impossiveis. Partira no chamado da sua eleição. E a familia ficara se desarvorando.

Mary Beatriz tinha permanecido na Italia, estudando.

Não quizera reatar na partida. Os olhos serios, morena, nas toilettes americanas. Jorge revia-a, diversa das burguezinhas usadas que viera encontrar em São Paulo.

Alma, no entanto, com os seus vinte e cinco annos auguraes, repunha dentro d'elle a personagem de guignol que dormia, seculos, quem sabe, desde a invasão do grande rio pelos seus avós, que retirados do bulicio dissolvente das civilisações peninsulares, se tinham honrado na conquista de Mazagão em Africa, e depois varado o Amazonas até as suas cabeceiras de febre.

Mary Beatriz... ter-se-ia mesmo casado com ella, se ficasse em Roma. Começara tudo na surpresa de Jorge por vel-a conversar em portuguez com a mãe, numa cauda de theatro. Escrevera-lhe cartas. Pintava giestas e papoulas, numa eclosão do temperamento. A descoberta do amor puzera uma floração de colorido em pequenos quadros que manchavam de luz o atelier, no chão, nos muros, nos moveis. E do busto fragil, de seios em pera, o esculptor tinha inacabado uma estatua.

Alma sahira.

O artista permanecia no cretone, num mergulho pelo passado.

Suas tendencias para a esculptura tinham-se revelado na obsessão infantil dos

bonequinhos de lama com que vivia sujando as mãos e a casa do avô negociante, escriptorio da firma commercial em que o puzeram para começar a vida.

Seu pae, quasi paralytico, estacionara ao lado do velho Lucas, em Areias, numa ultima tentativa de enriquecer, como creador. Depois viera definitivamente para São Paulo.

Mano Anthero, com a barba redonda dos antepassados, seguira a tradição de investida contra o mato, da raça passada para a America no começo do ultimo seculo. O pae de Jorge, depois d'elle, deixara tambem uma manhã o porto de lenha barrento do Amazonas, onde perdera a mulher e a primogenita, Carolina.

Na vinda de Areias, Jorge entrava na adolescencia.

O Amazonas reapparecia ao esculptor. Via-se numa rede, num quarto enorme, á noite. No cacaual, lá fóra, sobre as folhas cahidas, começava a ronda das onças. Lembra-se da descida pelo estuario, com a familia dizimada, numa barca que tinha um toldo de esteira. A floresta conversava desde manhã com o rio. Os barqueiros, torrados e suarentos, mergulhavam n'agua, num salto, para tomar de novo os remos tapuyos, ao sol. Noite cahida, havia paradas soturnas nas

*Reythmo*

brechas da terra e o appello dos homens chamando.

Depois, o mar, a cidade branca de Fortaleza, o Rio de Janeiro entre montanhas, o exilio de Areias, São Paulo e os primeiros bondes electricos, o avô vacillante na casa de louças e brinquedos. Depois da morte do pae, fôra passar demorados mezes no Seminario dos monges brancos em Pirapóra.

Tio Anthero propuzera leval-o, como fizera depois inutilmente com Alma — rumo da fazenda de Nova Olympia, centro das suas culturas crescentes, na entrada do sertão de Yacanga. Lá, elle se incorporaria ao paiz, sob o céu propicio da America. Casar-se-ia, fundaria novas plantações, proseguindo, a cavallo, ás quatro horas, na posse brutal da terra promettida e achada.

E não teria tido a vida que tivera na Europa.

Jorge d'Alvellos levantou-se de um salto. Se Alma quizesse ser sua... Na America das cidades de acampamento, elle armaria barraca á parte. Se Alma fosse morar com elle!

E porque não quereria e porque não viria, se era tudo o que lhe restava?

Jorge d'Alvellos passou com força as mãos espalmadas sobre os olhos, estirou-se num bocejo e andou passos até junto do grande grupo em gesso das "Amazonas e o Caval-

lo”, teve impetos de mandar um socco ao focinho arreganhado, ossudo e vivo do immenso animal, tal o vigor que lhe pulava da bocca, dos olhos, dos membros distendidos. Ao lado, as Amazonas, de seios em escudo, dominavam o bicho processional.

Haviam deixado o atelier, num deslumbrado carinho, o loiro Carlos Byron e Mario de Alfenas, unicos amigos rehavidos em São Paulo, por Jorge d’Alvellos, na sua volta.

Sozinho, o esculptor obstinava-se na modelagem da figura central de sua “Fonte da Vida”. Na blusa, sobre uma escada aberta, no silencio mudo, marcava agora os cabellos architectonicos.

Alma surgiu inesperadamente, num tailleur folgado de lan clara, septentrional sob um largo feltro branco.

O artista descido immobilizara-se. Ella pisava o atelier com o seu passo lepidio e solido, clarificada na luz de studio. Em silencio, no canapé, tirou o chapéu, descalçou uma luva. Abriu num voluntario desastre o casaco felpudo e revelou, sob rendas, alvos comços de seios.

Depois, empilhando almofadões, depositou as pernas, na seda esticada das meias, sobre o cretone. E Jorge surprehendeu, entre linhos, promessas da sua nudez de pellos fulvos. Achegou-se numa persuasão.

Quiz prender-lhe num beijo a bocca carminada. Ella teve um refugo do rosto pallido e ardente.

— Resolveste posar?

— Sim, respondeu ella pelos dentes.

Embolara-se, fugindo, como um animal no cretone.

Jorge encostou a cabeça de cabellos fartos e enormes sobre as suas coxas violentas e quiz prender-lhe a cinta nos braços. Ella teve uma ondulação flexuosa de defesa. E fixava-o, os labios entreabertos, vermelhos, molhados.

Elle buscou-a numa apaixonada força. Ella retirou-se, risonha, electrica. Na luta, os dedos de modelador tinham seguro um seio destacado e pequeno. Ella poudesferir-lhe ainda um tapa certo e frouxo nas palpebras...

Deixara-o prostrado de felicidade no divan. Recompuzéra-se, buscou o feltro e as luvas. E ante um minuscuro espelho que retirou da bolsa de missangas, avermelhou os labios fanados.

— Adeus!

Sahira. Os seus passos amorteciam-se lá fóra na escadaria lateral do Palacio. Onde iria?

Jorge d'Alvellos sentiu que aventurava tudo nesse amor.

Alma trazia-lhe no escuro passado, no presente inquieto, minutos seculares de angustia, de humilhação e de praser. O seu apparecimento fóra um aviso de devastações. Elle offertava-se ao romance presentido numa dadivosa ambição victimal.

O dia caminhava azul lá fóra, festivo e calmo. Vinham de longe ruidos de pedra trabalhada, de bondes que passavam, de carroções que estouravam o calçamento.

Jorge d'Alvellos, de costas, nas almofadas do divan, cerrou os olhos. Revia a imagem adorada. Ella já estaria longe, onde? Na direcção da Luz, do bairro confuso que habitava com o outro, o amante confuso. E o seu coração fechou-se, vagarosamente.

Jorge d'Alvellos passou o olhar pela esphinge atarracada ao lado de Alma, pelas

estatuas cançadas de ouvil-os na tarde cahida.

As estatuas dobravam mais seus gestos mudos, abriam mais suas boccas inertes. E victorias e bruscos torsos punham na sombra inicial cambalhotas ironicas.

Encontraram-se sem difficuldade no tumulto cowboy que áquellas horas de partida e chegada de comboios á noite, enchia a gare achatada da Sorocabana.

De longe, Jorge adivinhara, sob jerros electricos, a silhueta vigorosa, num gorro de viagem, uma valise minuscula nas mãos enluvadas. Um carregador acompanhou-os e elle comprou dois bilhetes de ida e volta.

— Dois?

— Querias ir só?

— Pensava que sim.

Tomando-lhe a valise, Jorge seguiu-a até a plataforma onde o trem formado chiava. Por toda a extensão havia grupos de pessoas e nos wagons uma malta de gente.

Alojaram-se num banco defrontado por dois rapazes loiros. Passavam carregadores

com malas e viajantes atarantados á procura de lugar. Uma campainha retiniu longamente. A plataforma teve um minuto de attenção. A machina longinqua apitou e o trem partiu de vagar.

Alma conservava-se impassivel e extactica no seu canto. Houve uma curta paràda. Ella levantou-se e sahiu na direcção do carro da frente.

Só, no assento de palha, o esculptor continuou o sonho em que ia perdido. O trem deslocou-se de novo. Sahiu de uma pequena estação com quintalejos, bananeiras e luzes. Alma demorava-se, Jorge levantou-se impaciente. Ella não tardou a apontar ao fundo do corredor. Vinha segurando-se ás paredes do carro. Atravessou num esbelto gesto os bancos occupados e fez Jorge sentar-se.

— Sabes quem está ahi?

— Quem?

— Elle.

O esculptor recusou-se a comprehender. Houve uma longa pausa. Depois elle interrogou-a.

— Quem?

— Não sabes?

— Não.

— Mauro.

Jorge sorriu sem crer.

— Queres vel-o?

— Para que?

— Tens medo... fez ella emmudecendo de novo.

Jorge conservava-se incredulo. A idea desse encontro que elle previra e desejara com o homem de Alma, agora, naquella viagem improvisada a chamado de Camilla que se achava doente em Baruary, parecia-lhe absurda.

— Encontraste-o onde?

— No outro carro.

— Fallou-te?

— Conversámos...

Jorge sentia-se tomado de uma surpresa que o varava. Esboçava-se-lhe vagamente no cerebro, no peito, uma perturbação lamentosa de homem que se ludibria.

— Tinhas combinado o encontro? perguntou.

— Não. Mas talvez elle descobrisse...

— Sem que tu o dissesses...

— Ou tú!

— Não creio, terminou Jorge impaciente.

— Tens medo de ir vel-o, fez ella.

— Talvez.

Calaram-se. O trem ia deixando para traz campinas escuras entre rolos de fumaça. Jorge não se conteve muito tempo.

— Vamos!

Ella ergueu-se e atravessou o wagon. Elle seguiu-a. O trem agora amortecia a marcha. Quando elles pretendiam passar para o outro carro, uma onda de passageiros que desembarcava os conteve. O comboio parara numa pequenina estação animada. Jorge mantinha Alma pela cinta. Depois de um velho magro de capote — carregando jornaes na mão, vinha um rapaz forte, de chapéu coco, sob uma larga capa preta. Passou sem fitar ninguém. Alma apontou-o:

— E' esse...

O pequeno estribo do carro esvaziara-se. Na plataforma batida de luzes, guardas e viajantes passavam. Jorge desceu e procurou o homem que Alma indicara. Elle conversava num grupo alli perto. Encararam-se. O homem tinha um olhar côr de cinza por sobre o nariz quebrado de aguia. A bocca entravalle bruscamente num rictus perenne.

Sem hesitar, Jorge enfrentou-o. Depois, vendo que elle se desviava para conversar, poz-se a andar. E quasi roçou no homem que pareceu não o perceber. Ao voltar para junto do estribo, onde Alma permanecia, grande, sozinha, ella levou a mão á bocca num gesto de quem supplica. Mas nada disse e sorriu. Jorge voltou de novo. Estacou a dois passos do outro. Elle tinha a voz metaliica e

lenta. Um apito cortou a estação. Uma lanterna verde oscillara. O trem ia sahir. Vagaroso, sem perder Mauro Glade com os olhos, Jorge subiu ao primeiro degrau do carro. Alma, segura a um balaustre, deixara de sorrir. O trem moveu-se, passou pelo grupo, onde o homem de capa preta esperava. Elle e Alma trocaram olhares eguaes, fortes. Jorge teve impetos inuteis de obstar que ella o fitasse. Houve um segundo tragico. E o trem rolou de novo, por campos escuros.

Ao sentar-se com Jorge, Alma disse num susurro:

— Que olhos lindos elle tem!

O esculptor calara-se numa agitação lancinante. Alma não deixaria nunca de amar esse homem.

Apparecia-lhe agora, alli, naquella estação pequena de hinterland brasileiro, pela primeira vez. Não se perturbara um instante; nem por um instante deixara a sua linha sinistra e glacial.

E Jorge sentira o olhar vendido de Alma, na partida.

— Encontraste-o por accaso?

— Não sei.

— Mandaste-lhe dizer que ias só.

— Não tive por quem mandar dizer...

— Que importa? E' um covarde.

Calaram-se. Os moços loiros conversavam em inglez. O trem corria.

— Que vem elle fazer ahi?

— Tem amigos.

— Nunca anda só.

— Medo de ti...

— Não tive delle. Provoquei-o, esbarrei-me nelle. Estava acompanhado, podia atacar-me.

— Quem sabe se nos acompanha?

— Melhor! Verei até a proxima estação.

Quiz levantar-se. Alma reteve-o com força.

— Não quero, Jorge.

— Dizes que tenho medo.

— Exijo que fiques.

— Mas porque?

— Porque te amo.

— Jura que o não avisaste da viagem.

— Juro.

— Por quem?

— Pelo Senhor de Pirapora.

— E's capaz de ir jurar no sanctuario?

— Irei. Não vim para ver Camilla. Quero cumprir uma promessa que fiz...

E accrescentou:

— Na festa de amanhã...

Jorge recordou pensativo e incredulo a romaria de Agosto em Pirapora.

Levantou-se. Foi até ao fundo do comboio. Nos ajuntamentos, nos carros, até os dormitórios fechados, procurou inutilmente a silhueta encapotada de Mauro Gladc. Voltou. Alma esperava-o de pé, no estribo do carro.

— Creio que ficou...

Ella então, num persuasivo silencio fel-o ceder. Iriam pela manhã, a Pirapora.

Tinham chegado a Baruary. Desceram. O trem partiu fazendo vacillar a lanterna vermelha do ultimo carro, pela escuridão da linha. Jorge examinou detidamente os passageiros desembarcados na plataforma minuscula.

Para dormir, pediram informações. Um menino grande e sujo acompanhou-os longe, pela villa nocturna plantada na brutalidade.

Havia uma casa aberta, numa estrada ladeirosa. Deram-lhes um quarto ao fundo, abrindo duas janellas acima de um paredão a pique. Para lá do quintalejo, em baixo, começava o valle negro até bater no rio, leguas além. Havia lua no ceu distante, uma lua amorpha, entre nuvens esfarrapadas. Do astro doente, cahiam reflexos na terra morta.

Alma fechara a luz. Perdido á janella,

Jorge d'Alvellos contemplava fóra a noite magica.

A serrania invisivel e crestada parecia constituir na distancia infinita um fundo de palco. A lua sobre ella despencava theatralmente. Apagaram-se um a um os reflexos. Uma coruja gargalhou, voando perto da casa, no escuro. Lá em baixo, um trem desenvolveu-se, passou, desapareceu, trecho ras-cante da terra desaccordada. E ficou tudo immenso e côr de nankim.

As rodas do trolly mordiam o tijuco da estrada. Aquelle morro calvo e negro, elle já o vira, com emoção, quando o tinham trazido para o collegio. E o rio, matinal e sagrado, como outrora, sobre as pedras vivas, junto á ponte. Era uma grande ponte, outrora...

Um ajuntamento colorido de feira gra-lhava na lama extensa da rua principal. Mulheres mascaradas de gesso, prostitutas de São Paulo, familias ingenuas, negras de trunfa. E o batuque guerreiro na sombra do samba media, por cima de tudo, o tambor secco, igual, com o caracaxá e o ribombo longinquo do bombo. Era Pirapora.

*mythos*

E como Alma quizesse regressar, Jorge teve impetos de matal-a na agitação rumorosa do hotel.

— Fizeste esta viagem, então, para que? Para vel-o somente, para encontral-o?

— E desejo voltar porque não quero vel-o, não quero encontral-o.

— Elle combinou vir até cá!...

Ella não disse nada. Jorge ergueu-se do leito numa rapida suspeita. Mauro era audacioso. Se tivesse chegado agora no automovel que acabava de cortar, sob a janella, a rua alacre...

Deixou o quarto. Dirigiu-se para a sala de entrada. A' porta, um empregado encostava-se mollemente. Sentou-se a uma cadeira de balanço, abriu um jornal e dirigindo-se ao homem:

— Novos hospedes?

— Não senhor.

Passaram-se minutos longos. Jorge foi ver a rua. Barracas de turcos, onde camelots enrouqueciam, punham nos balcões e nas tendas velas de cera, rosarios, quadros, ex-votos. Um cavalleiro festivo passou por entre gritos exagerados da turba.

Jorge d'Alvellos sentou-se numa crescente anciedade. Um automovel estacara em frente ao hotel. O empregado agitou-se. Desceram malas. E sereno, bem installado, numa

roupa de brim, subiu os dois degraus de entrada, um fazendeiro de barbicha e corrente de ouro no collete.

— Bom dia!

— Bom dia!

O homem foi-se com o empregado. Mauro podia estar em outro hotel. Jorge veio ler machinalmente o jornal, dobrou-o num gesto. Na sala, havia um espelho ao centro da parede, ladeado por pantomimas oleographicas com índios e portuguezes.

Foi tomar o chapéu no quarto, onde Alma permanecia, recurva no leito, lendo um volume rasgado.

Andara na multidão. Penetrou de repente da Sala das Graças, em frente á igreja. Toda a humanidade como que se photographara para encher aquellas paredes enormes.

Tomou o caminho do Barracão dos Romeiros. Era o mesmo antigo hangar de calíça, com olhos furados de janellas. Entrou esbarrando num negro cow-boy, herculeo e risonho, que levava nos hombros uma creança linda.

Gente cafuza espalhava-se no chão por cobertores vermelhos e pallidas esteiras, rodeando os pilares quadrados. Um pandeiro invisivel batia um fremito de azas metallicas. Uma dansarina preta, de olhos cerrados, atravancava a passagem numa roda estabe-

lecida por um grande bombo reteso. Ao lado, um aleijado de cavaignac sustido em muletas, tinia o caracaxá. Ella ia e vinha, de passos meúdos, de gala e de offerta.

No andar de cima, mysteriosa e inflexivel, desconnexa e rapida, passava a luxuria religiosa, esganiçando-se em bandos lubricos, em bandos ardentes, em bandos triumphaes. E subito, o artista descobriu no clamor, um anão de ebano grudado a uma menina branca e caôlha, num remeximento descompassado de cópula, para o onanismo sensacional de redor.

Estava na lama da rua, indeciso de novo. Um sino feriu uma pancada forte e tremula na torre enorme. Fez a volta do templo, recordando. Regressou ao hotel: o empregado encontrava-se de novo á porta.

— Temos um pedido para a noite...

— Quem é?

— Um casal.

Como ficasse sentado longamente, não tendo animo de ir ao quarto, onde cahiria sem solução no drama que o dilacerava, o homem falou-lhe:

— O senhor veio cumprir promessa?

— E'.

Jorge pensou em tomar informações a respeito de Mauro, talvez fosse conhecido alli, mas achou-se ridiculo e perguntou quem era o senhor que tinha chegado.

— Fazendeiro em São Simão. Já no tempo da defunta D. Augusta, elle vinha visitar o Senhor Bom Jesus.

Uma vontade saudosa apertou-o. Porque não iria lá em cima ao collegio da meninice? Porque não se dissolveria no chamado das orações?

Do Brasil todo, corriam para alli: numa confiança secular, os paes, as mães, as mulheres salvas de maus transes, os homens que tinham tido dramas na vida. Vinham todos inundar a Sala das Graças de photographias até o tecto, rostos de cera, mãos, torsos, pinturas ingenuas de chagas.

A imagem das aguas, o Senhor d'divoso, de grandes palpebras erguidas sobre o fulgor de eternidades, inundava-os de soccorros invisiveis. E elle? Como voltara até o santuario?

Tinham sahido para fóra, onde o samba dos homens se despedaçava sob o samba das estrellas. A lua dansava muito negra no espaço. E o rio, espumoso e nocturno, dansava.

A uma esquina, um grupo de carnaval ia e vinha, com musica e folhagens, festejando uma duzia de homens alinhados, impassiveis, soberanos. Era a esmola de um baile perante um acampamento de morpheticos. No auge da competição dos corpos rythmicos, os dansarinos convidavam os lazaros com gestos. Mas elles sorriam apenas, extaticos, envolvidos de chales, com sorrisos longinquos, onde se escarrava a saudade da carne roida dos narizes, das orelhas, dos olhos.

Depois foi o revolto fim e um grito dos mutilados lentos:

— Deus lhes pague!

Alma pediu a Jorge que a levasse á bacchanal nocturna do Barracão. Penetraram na kermesse de luz mortiça, espaçada, onde trovejava o ribombo do bombo. Subiram. Parecia um palacio de columnas infinitas, onde uma luzida mascarada de negros festejasse.

Subito, deante delles, o anão de pixe abriu circulo, dansou. Era uma metade lepada e preta, grudada com tenazes de mãos em ancas polpudas que vibravam. Sob o chapéu enterrado até a bocca de dentes immensos, as pernas trabalhavam, batiam os pés basi-

cos, enlameados e enormes em vae-vens de samba e de maxixe.

E o coral empolgante, religioso. gritava de toda parte, por cem peitos metallicos de femeas e de machos, num desfallecido estreitamento de ancas e de sexos.

Na hypnose lubrica do quarto silencioso, elle sentia-lhe o halito, os beiços carnudos. Apertou-lhe o rosto com as duas mãos. Ella cerrou os olhos.

— Amas ainda...

— Amo-te!

— E por isso arrasta-me a uma viagem em que devias ser delle?

Ella então perguntou:

— Queixas-te... Foste tu o ladrão...

— Nasceste para mim.

— E provocas ainda o homem roubado...

— Matal-o-ia.

— Serias capaz? sussurrou ella, de olhos interrogativos, a bocca descerrada.

— Matar?

— Matar.

Uniram-se. Embolaram-se no leito.

Jorge d'Alvellos ficara a um canto num tamborete.

O apartamento que havia tomado para ella, depois da promettida renuncia, era entre silencios e barulhos longinquos de bondes, num primeiro andar da Rua Scuvero, no Cambucy. O quarto atravancava-se de vasos, crayons, flores e livros — recordações trazidas da Europa pelo artista.

Um enorme abat-jour de ouro descia exaggeradamente a luz, encerrada num circulo, sobre um tapete central.

A' janella do estreito patamar aereo para o jardim mal cuidado, uma cortina branca enquadrava a silhueta vermelha de Alma.

— E falaste-lhe...

— Que remedio...

Voltara-se, crescera sorrindo.

— Responderei então á carta de Roma.

— Ella te visitava?

— Como tu.

— Ia ao teu atelier?

— Como tu.

— Foi tua amante?

Elle baixou a cabeça. Ella disse:

— Responde! Eu volto ao meu amor.

— E's digna delle!

— Cala-te, Jorge. Faz hoje um anno que nos encontrámos.

Jorge recordou a tarde em que a vira no Correio, pela primeira vez, depois da longa separação.

— Oito horas! proseguiu ella, desmanchando os cabellos. E atirou-se num salto pesado de gata, ao leito.

De fóra, de um quartel vizinho, vinham sons de corneta na noite de resonancia. Depois, foi um brum-brum-brum de tambores. E a corneta mais clara, cortou insistentemente o silencio.

— Ouves? fez Jorge, de pé, num subito carinho. Esta noite de recordação permanecerá na nossa vida. Escuta como se recertam bem essas notas, como tocam profundamente esses tambores... tudo para ficar gravado.

E approximando-se, convincente:

— Como me falam os teus olhos ruins! Rodeia-os uma inquietação...

Houve um silencio persuasivo.

— Deixarás de ser a boneca que foste! Vê como é triste ser uma boneca... Que foste até agora? A boneca maltratada dos que te formaram longe de mim; depois, a boneca delle, desse salafrario! E a tua consciencia, que é a minha consciencia, morta, apagada,

inutil! Será preciso que leves a minha vida para accordar em ti a mulher que és?

Ella murmurou:

— A boneca morreu...

— Quando?

— Agora. Não ouviste o funeral de tambores?

— Alma! gritou Jorge, querendo beijal-a toda.

E ficaram escutando a corneta que tocava, cheia<sup>a</sup> sonora, na noite de estrellas.

A fanfarra de quartel cessou num ultimo tru-tru! tru-tru! de tambores. E no silencio inesperado, a voz d'elle cresceu, alongou-se emocional.

— Fiz-te passar pela coisa mais bella da vida... exclamou ella.

— Por que?

— Pela desgraça.

— Alma!

— Beija-me agora e vê como é bom.

— Que lindo theatro!

Riram ambos. Houve um silencio jocundo. Jorge d'Alvellos buscou seu pijama de listas numa cadeira, entre vestidos atirados. E apertou o botão da luz, dizendo na escuridão ainda doirada:

— Representamos bem hoje. Toca para a frente o nosso carro de ciganos!

Carlos Byron promovia uma excursão a Santos, naquella noite enorme de lua.

Jorge d'Alvellos recusara-se a ir sem Alma. E numa effusão os amigos que tinham acabado de jantar num gabinete commum do Pierrot, decidiram buscal-a.

Além de Carlos e de Jorge, havia Mario de Alfenas e seu irmão Bruno.

A Cadillac foi tomar essencia. E conduzida por Carlos Byron, deixou o centro da cidade pelo Largo da Sé.

— Vimos roubar-te para ir a Santos, disse Jorge, entrando.

— Em trem especial?

— No meu trem de setenta cavallos, annunciou Carlos que subira tambem.

— Vamos sós?

— Com os dois Alfenas.

— E o chauffeur?

— Eu mesmo.

— Vae fazer-nos derrapar na serra?

— Consequencias de uma aposta, fez Jorge. Como choveu toda a semana e a estrada está horrivel, Bruno de Alfenas apostou uma ceia com champagne como Carlos não era

capaz de descer a Curva da Morte com o pé no acelerador.

— E nós vamos nos prestar á experiecia. Lindo! Vocês vão me esperar no auto...

Beijaram-lhe a mão e sahiram para o escuro onde o carro estacava.

Ella veiu muito grande, toda em jersey, recostou-se entre Jorge e Mario de Alfenas, ao fundo.

Sentado ao volante, tendo ao lado Bruno, Carlos sahiu.

Conversando, passaram a garganta populosa do Lavapés e tomaram a estrada do Ypiranga. Houve a primeira parada á sahida de São Paulo: um homem com somno, veiu examinar a viatura sob o arco de ferro illuminado. Penetraram no estirão fofo e duro do Caminho do Mar. Num rasgar de bandeiras desfraldadas, Carlos Byron gritou:

— Cento e noventa á hora!

A flammula branca da Hippica Paulista fremia sobre os holophotes. Desceram de repente. Subiram. Tinham attingido as primeiras luzes de São Bernardo em dez minutos. Passaram, alcançando logo a thmosfera fria da Serra.

Bruno de Alfenas, voltado completamente para o banco do fundo, contava um passeio sensacional que fizera com o pintor Mei-

ra, o musico quieto Torresvedras e o impagavel Barrinhos, todos bebedos.

— O Meira bateu o record kilometrico do vomito. Foi molhando o caminho todo. Na Serra, o auto, um velho Hupmobile, guiado por um motorista de praça, virou sleeping-car — todos dormiam, inclusive o chauffeur. Resultado: demos de banda numa pedra e foi preciso terminar a viagem a pé. Pela estrada. o Barrinhos queria convencer o Torresvedras de que o devia pôr em opera. Quando chegámos ao Largo do Rosario, ás cinco horas, o Meira exigiu uma pharmacia, sinão morria. O Barrinhos, muito myope, viu uma porta accesa e levou-o para lá — era um açougue!

Riram todos. Apenas Alma conservava-se silenciosa e recurva. A descida fazia-se com subitas derrapagens. Brecado, o carro guinchava perigosamente no declive. Subia do escuro um cheiro forte de borracha queimada contra o cascalho e á direita, abriam-se valles onde boiavam estiradas copas de arvores. A uma volta panoramica, as luzes de Santos desenharam-se ao luar, perdidas num mappa de enseadas e montanhas. O auto marchava com velocidade cautelosa, contornando os de repente sobre despenhadeiros sem fundo. Calavam-se agora os viajantes e da Serra vinham vozes de agua e de folhas. A lua pare-

cia muito proxima, acima da barranqueira.

Subito, Jorge percebeu que a mão de Alma, tocava ligeiramente a mão de Bruno, sempre voltado para elles; e teve um recuo para o seu canto. Alma achegou-se tambem. Bruno poz-se de novo a falar, repetindo os perigos que passara alli.

Jorge sentia um mal-estar profundo e um odio torvo invadirem-lhe o peito. Alma apertou-se mais contra o seu hombro. Num incontido gesto, elle enterrou-lhe as unhas na carne do braço. Ella não teve um gemido, um movimento de defeza.

O auto continuava a fazer ladeiras em curva, por entre enormes arvores pasmadas. Sahiu, em baixo, no caminho estreito do Cubatão. Veloz agora, deslisava pela madrugada na direcção de Santos.

— Que tens? sussurrou Alma a Jorge.

— Nada.

Haviam attingido a estrada lisa, de pedra soccada, beirando a cerca da ferrovia.

Jorge d'Alvellos sentia mais uma vez que não podia abandonal-a. Atirado de novo ao chão, no conjunto amado, debruçava a cabe-

ça sobre o collo preferido, que uma saia de gabardine branca, com largos botões, fechava.

De fóra, no meio dia azul, vinham baques repetidos de roupa, num tanque.

Sentada ao leito, ella foi mansamente descobrindo os agasalhos intimos e offereceu-lhe as coxas, entre rendas, para a caricia habitual.

A' luz filtrada, elles descansaram alli numa reconciliação insistida e feliz.

Alma entrara com a carta amarrotada na mão, pela vingadora manhã, no atelier do Palacio. E disse:

— Sabes quem me perseguiu até aqui?

— Quem?

— Mauro.

Num irreflectido susto, não querendo por nada perdel-a, o esculptor pensou num segundo em fugirem ambos para outros tumultos de cidades, onde elle os ignorasse. Ia propor... Mas ella ria, grande, fulva. Tinha mentido. Jorge devorou a carta. Era d'elle, despedindo-se, datada de bordo de um paquete americano.

Tomára nas mãos o seu antigo vigor.

Ao tocar o Brasil, compuzera num estouvamento, o grupo das “Amazonas e o Cavallo” que passara logo em gesso.

No impeto da luta com a resistencia de Alma, viera a “Fonte da Vida”.

Fôra sempre um fragmentario. Em torsos quebrados, metades, estudos largados, concentrava numa predilecção alegre e constante, a força reveladora de sua arte. Era um creador de mutilações.

O vasto atelier compunha-se assim: para lá em branco, as Amazonas com o animal; no cavallete central, a estatua de Alma, e esboços e trechos e torsos e bronzes vindos da Europa e photographias das exposições e amphoras altas.

Alma aquietava-se em silencios felizes, no divan de flores monstruosas, mãos perdidas entre os joelhos. Elle vinha beijar-lhe os olhos. Ella recusava-se a accordar daquella perplexidade de extase contente, na luz das manhãs.

E elle seguiu-a sem ser visto pelas ruas centraes de São Paulo. Havia chovido. Passara por ella num momento de acaso e não fôra percebido. Decidiu então seguil-a á distancia, numa delicia de admiração ingenua. Onde iria? Ao Palacio das Industrias de certo.

Alma trajava um vestido suave, onde da gola redonda, das mangas seccas, emergia a carne viva. Marchava sem pressa e seu chapéu vermelho e copado fluctuava acima das cabeças, no movimento da tarde, na Rua 15 de Novembro.

Cortou direito o Largo do Thesouro, atravancado de bondes e vendedores de jornaes. Jorge teve uma ligeira surpresa. Porque não descera na direcção do Palacio? Talvez fosse para casa, sem lhe fazer a visita habitual. Ella estava agora perto do Largo da Sé. Não dobrou a Rua Direita, enveredou para os lados do Carmo. Elle sorriu satisfeito; ella iria ao Palacio das Industrias e, numa phantasia de creança, escolhera o caminho mais longo.

— Chapeuzinho vermelho! murmurava seguindo-a.

Ella ia descer pela ladeira ingreme do Carmo, até a varzea ajardinada. Tomou a Travessa da Sé.

Mas ella não desceu a ladeira curta do Carmo; tomou para a frente, dirigindo-se no mesmo passo tranquillo e lento até a Rua da Bôa Morte. Jorge deixou entre ambos maior distancia. Havia poucos transeuntes. Ella passara a igreja e o collegio. Elle acompanhava a surpresa, temendo ser visto.

Subito, Alma parou em frente a uma casa baixa. Um moço sahia. Ella interpelou-o. Elle voltou, fez a chave correr na fechadura. Ella desapareceu. Elle fechou de novo a porta e veiu na direcção do esculptor. Ia passar por elle. Jorge interrogou-o.

— Pode dizer-me se móra naquella casa o Sr. Mauro Glade?

— Não conheço.

— Não é a casa delle?

— Não. E' uma garçonnière de rapazes...

Fôra andando. Jorge estacara. Numa obsessão euphonica, voltava-lhe cem vezes a phrase que vinha dizendo: — o lobo te espera! o lobo te espera!

Num impeto, alcançou a porta, bateu; Alma assomou á janella ainda de chapéu.

Depois, veiu calmamente, abrir.

— Que vens fazer aqui?

— E' a casa de uma amiga. Queres entrar?

Jorge penetrou. Um corredor extenso levava até o fundo indeciso.

— Não vale a pena, fez ella.

E sahiram, batendo a porta.

Voltaram em silencio, um silencio que se seguira á estupefacção rapida de ambos.

Começou de repente a chover. Occultaram-se meia hora, calados, a uma porta de sobrado. Depois, puzeram-se a andar na mesma vaga direcção.

Dois dias vieram e foram, inflexiveis e inuteis. Jorge engulia distancias, descia alamedas, contornava praças animadas de algazarras infantis, perdia-se em bairros longinquos.

O seu raciocinio emperrara numa conclusão tremenda: Alma trahia-o, entrara numa garçonnière, elle vira-a entrar, retirara-a lá de dentro. Não havia sophisma que a pudesse defender. Alma trahia-o.

Subitamente, tomou um electrico que passava para o centro. Desceu no Largo da Sé, esperou passeando para cá e para lá. Com um rumor surdo, chegou um bonde do Ypiranga, cheio de gente. Subiu, sentou-se. Ia vel-a pela ultima vez. Queria apenas que ella confessasse. Não obtivera nada do seu obsti-

nado silencio na volta daquella tarde. O bonde passou o Largo João Mendes e desceu pela Rua da Gloria.

Jorge apeou um quarteirão antes, tomou a rua Scuvero e entrou rapidamente em casa.

Alma estava sentada ao leito, mal vestida, na penumbra morrente. Continuou pregando a uma calça um largo monogramma azul.

Jorge começou:

— Alma, não quero mais do que uma palavra tua, uma palavra de confissão. Perdoarei se a disseres. Não ha nada de peor na vida do que a incerteza. Fala, conta! Tens um amante?

— Tenho.

— Quem é?

Alma erguera a cabeça, largando o trabalho. Elle sentou-se a uma cadeira.

— Conta!

— Um velho conhecido, disse ella.

— Um velho amante?

Ella calava-se.

— Esse telegraphista de quem me falaste no Jardim da Luz, nos primeiros dias...

Duas lagrimas involuntarias despenca-ram dos ciliós baixados de novo.

—' elle?

Ella fez um gesto que não.

Houve um enorme silencio.

— Quem é? Por tua mãe morta, fala!

— Um rapaz.

— Como se chama?

— Arthur.

— Que faz?

— Não sei. Sei apenas que conversa muito bem e densa muito bem.

— Onde o encontraste?

— Na rua.

Calaram-se. Jorge sentia um aniquilamento definitivo cortar-lhe a vida.

— Como chegaste a ir lá?

— Tinha o endereço.

— E foste procural-o?

Insultou-a pesadamente. Alma não se moveu, olhando o tapete numa fixidez insensível.

— Mas como foi? Como? Porque? Não te bastava o teu caften?

— Nunca te trahi com Mauro...

— E trahiste-me com outro, agora, quando eu pretendia ligar para sempre a minha existencia á tua... Perdeste-me... Perdeste-me...

A noite vinha de fóra. Alma levantou-se, ficou toda nua, grande, fulva. Poz um pijama de sêda e veiu enroscar-se no fundo do leito.

Uma molle sensualidade quebrava o corpo de Jorge. Deitara-se ao lado da amante

polluida. O contacto de uma anca, sob a sèda, interpelou-o.

Um demonio novo, pouco a pouco, ia tomando conta delle, persuadindo-o, convidando-o. Na penumbra tonta, ao seu lado, Alma permanecia núa, no pijama, sobre a carne. Jorge perguntou-lhe:

— Como te entregaste?

— Ia passando, elle estava á janella, fez-me entrar.

— E depois?

— Foi mostrar-me o quarto. Sentamos ao leito, para conversar. Uma aranha pequenina assustou-me. Elle riu, dizendo: araignée du soir, espoir! E deitou-me.

Jorge, tomado de uma volupia espantosa, ao ouvir a cynica narrativa, queria minucias, obstinava-se de dentes cerrados.

— Foi para mostrar os dessous novos que te entregaste?

A sua mão, fazendo-se automatica, attingira-lhe o pijama que se rachava frouxamente. Ella deixou-se acariciar, acariciou-o tambem, com as mãos longas e brancas. Mas de um salto Jorge levantou-se, fugindo ao espasmo diabolico que o tomava. E ria agora num doloroso esgar:

— E' a vida!

Veiu de novo, disposto a tortural-a. Cingiu-lhe os seios com as mãos numa violencia

de bruto. Ella gemia, fugindo. Elle atacava, furioso. Agatanhara-lhe a garganta.

— Pede-me perdão! pede!

Ella recusava-se, gemendo sempre. Pequenas lagrimas apontaram-lhe aos ciliós; e gritou afinal na sombra, sentindo-se esganada:

— Per-dão!

Largou-a e fugiu para o patamar. Des-cera. Parou um instante á esquina. Depois, foi-se alquebrado e triste.

Mezes passaram-se rapidos sobre a desgraça mortal de Jorge d'Alvellos. São Paulo tumultuava na expectativa das festas do Centenario. Artistas brasileiros, recémchegados da Europa, armavam ateliers ao seu lado, no Palacio das Industrias, agora em rapido acabamento.

No pavilhão terreo, alinhavam-se as maquettes do concurso para o Monumento do Ypiranga. Havia uma pulsação desconhecida nos meios artisticos da cidade. Fundavam-se revistas, lançavam-se nomes, formavam-se grupos.

Em contraste, a vida de Jorge desnuda-

ra-se. Elle destruíra friamente, doidamente, a martelladas implacaveis, o grupo immenso das “Amazonas e o Cavallo”, depois maquetes e torsos; atirara para o fundo uma esguia Victoria alada em marmore branco. E no cemiterio de greda partida e gesso espedaçado, deixara apenas ao centro, presa ao gancho recurvo do cavallete, o motivo palpitante que arrancara do corpo de Alma para a “Fonte da Vida”. Modificara-o, entretanto. D’uma espiritualização tragica de linhas, tirara effeitos hallucinantes, erguera os braços para cima em parallelas infinitas, immobilizara um rictus poderoso na maxilla, arredondara o craneo sob os cabellos em toalha — e a figura ficara numa exclamativa postura de necropole. Della se derramava um isolamento penetrante e gelado.

Jorge cobrira-a totalmente de pannos. E apenas, uma manhã, quando Alma appareceu e depois de examinar em silencio a derrocada do atelier lhe pediu para ver “A Fonte da Vida”, elle sorrindo descobriu a estatua.

Ella quedou-uma hora inteira no divan de largas flôres.

Ella levava os seios para o outro.

Haviam-se despedido hostilmente e Jorge, á primeira esquina, regressara para seguir-a, na noite accesa da cidade.

Ella ia voltar de certo á Rua da Bôa Morte, por elle ter-se recusado a acompanhá-la. Ia voltar... Qualquer coisa se passaria de tremendo, qualquer coisa que já se consumára e que elle queria, por força, evitar ainda.

Caminhava lepida, levando para o outro o leite elançado e quente de seu corpo. E por tudo que se engrenava dentro d'elle — odios luminosos, dôres assassinas — coruscava ás vezes uma invasão lubrica e tonta dos sentidos.

Jorge caçava-a com os olhos, na viravolta dos beccos, egualando o andar e o porte á marcha dos transeuntes de acaso.

E durante um quarto de hora, viu-a estacar a um canto escuro da Rua das Flôres.

Voltava. Não fôra até lá. Uma victoria irreprimivel cantava dentro do esculptor. Mas a lutuosa memoria do que se passara invadiu-lhe o animo de canceira. De que servia, se ella estivera outras vezes com o outro.

E lá ia, sozinha, num convite lascivo á gula anonyma dos homens que paravam nas calçadas, a contemplá-la, a querel-a.

Retomara o caminho habitual da casa, cortara a Praça João Mendes.

Um rapaz alto e imberbe, de jaquetão, fez passos atrás della. Depois percebeu Jorge e parou.

Na Rua da Gloria, um homenzinho que sahia de uma casa, recuara ao vel-a. E logo se poz a caminhar, acompanhando-a. Tinha um chapéu coco, um guarda-chuva e o andar molle.

Jorge seguia ambos num confiante interesse. Ella não fôra ter com o amante, não se deixaria levar assim, agora. Atraz, parecia vir lentamente o rapaz de jaquetão, pela outra calçada.

Mas Jorge só temia o outro, o que a essas horas talvez ainda a esperasse.

O homenzinho de chapéu coco afrouxou os passos a uma esquina, parou, decidiu voltar. Jorge notou que elle tinha os bigodes para cima.

E elle ia tel-a, sua de novo... ella era a sua caça, elle a prendera melhor que todos e era quem lhe construíra o ninho inviolavel... ninguem mais subsistia, ella e elle, na terra indifferente.

Mas tocaram-lhe no braço. O rapaz de jaquetão estava parado, indagando d'elle em que rendez-vous, por favor... Sem comprehender, o artista perguntou porque.

— Por nada, eu a conheço.

Ante a revolta que fuzilava no interpe-  
lado, o outro angustiou-se na voz e na pos-  
tura.

— Não, cavalheiro. Porque eu não gosto  
de empatar ninguém.

Partira. Jorge percebeu que a cidade to-  
da a conhecia, a caçava com indiscutíveis di-  
reitos. Quiz fugir, deixar tudo...

Mas baixou a cabeça. E caminhou para  
o ninho quem sabe se dez vezes conspurcado,  
mas seu aquella noite.

Elle a principio quizera esquivar-se, fu-  
gir. Mas mil argumentos detiveram-no. Como  
deixal-a? Para vel-a cahir nas mãos do ou-  
tro? Para vel-a prostituir-se definitivamente,  
ella, o seu amor, o seu amor?

Seguira-a de novo, semi-doido, e não a  
vira voltar á casa baixa da Rua da Bôa Mor-  
te. Passara noites inteiras de garôa peneira-  
da nos lampeões, sob beiraes, a verificar se  
alguem surgia para tel-a em casa.

Apenas, uma noite, Camilla viera visi-  
tal-a. Ella desceu até o portão, em sandalias,  
para despedir-se.

Um soldado de ronda no Lavapés, hespanhol velhusco, de grossos bigodes, entrou a conversar com elle e interrogado, disse-lhe que da casa visinha sahia ás vezes uma moça franceza com um homem e na outra, entrava sempre, tarde, depois dos theatros, um rapaz fardado.

Jorge deu dinheiro e cigarros ao soldado hespanhol, pediu-lhe que prestasse toda a attenção ao sobrado de rotulas, voltaria na noite seguinte. E nunca mais voltou.

Alma, entretanto, tratava-o como se nada houvesse acontecido. A experiencia escudara-a contra o amor envolvente do artista: tinha por elle um sentimento crescente, de curiosidade e no começo tivera apenas uma resolução de voluptia. A's vezes, mostrava-se enternecida ante aquelle aniquilamento pertinaz.

Certa noite, voltara uma crise da velha annextite e pedira-lhe que arranjasse uma creada. E havia apparecido uma mulher sem idade, vindo como elles das areias de Areias. Chamava-se Milagre e tinha o corpo como o corpo de Alma.

O esculptor deixara de espional-a para, numa obsessão delirante, surprehender e descobrir o homem que lhe arrazara a vida. Passou tardes e tardes guardando a casa da Rua da Bôa Morte. Era fevereiro, fazia um grande sol. E uma vez elle viu, num passo desprevenido e largo, approximar-se um rapaz delgado, lenço a fluctuar, chapéu de palha enterrado exageradamente na testa, a defender o rosto da luz crua. O desconhecido passou sem o ver: tinha a barba azulada a navalha e uma esplendida bocca bem rasgada, sob bigodes negros e curtos. Alma disse-ra-lhe uma vez sorrindo: — Si soubesses como é bella a bocca de Dom Juan!

O rapaz parou em frente á casa baixa, tirou um mólho de chaves que luziram, deu volta á fechadura, entrou.

E Jorge passou a enconral-o quasi todos os dias. Era um typo do Triangulo. Fixava-lhe de longe o porte fino sob chapéus elegantes, a gingar sozinho pelas ruas centraes; e acompanhava-o como um paranoico perdido na sua idéa fixa. Disfarçava para não ser visto e seguia-o e andava, procurando dar-se uma grave missão de castigador e subito achando, num paradoxo infernal, razões para applaudir a proprio derrota.

Um dia, estava no Viaducto de Santa Ephigenia quando o desconhecido passou. Dois homens commentavam-no.

— O Arthur... do escriptorio da Brasileira, secretario dos Bandeirantes de Momo...

Era esse o homem que lhe infernara a existencia — um empregadinho que sabia dansar, um secretario de club carnavalesco...

E parava sempre nas cercanias da casa baixa afim de encontral-o. O desconhecido sahia, arrastava-o como um iman. Mas ruas cheias de movimento, lá ia Jorge d'Alvellos sonhando, atraz do outro que sonhava. Procurava nos menores detalhes, uma ida ao Correio, um bonde tomado, reconstruir, adivinhar, compor aquella vida errante. Quando o homem parava num encontro de amigos, approximava-se para escutar-lhe o timbre da voz, para apprehender-lhe idéas, phrases... Via-o sempre rir muito, rir com a bella bocca de bellos dentes.

A figura do malandro de grande cidade acabou por seduzir o artista. Uma vez, Jorge surprehendeu-se parado, num borborinho de praça, que o outro atravessara no seu passo de tango, a murmurar:

— E' o irmão bohemio della...

A corrida das semanas e dos mezes acalmara lentamente a dôr irritada do esculptor. Alma fôra se tornando gentil, carinhosa. Elle mostrara-lhe certa vez, uma photographia risonha de Mary Beatriz, no caes de pedra do Lungotevere. E com delicia, sentiu ella entristecer.

Uma tarde de prolongado amor sereno em que os dois haviam partido de automovel até a lagôa côr de sangue do Engordador, pelo caminho silvestre e sinuoso, ella lhe disse, mão na mão:

— Quando me surprehendeste aquella tarde, senti que apesar da tua magua, esperavas ainda em mim.

E contou-lhe então a modificação que lhe impuzera, dia a dia, noite a noite, o seu tragico desalento.

— A destruição das estatuas! A transformação da “Fonte da Vida”... Não imaginas, Jorge, o que foi para mim o teu atelier devastado!

O artista que num esforço colerico tentara reatar o romance deixado em Roma, vira de novo esvair-se, perder-se, a lembrança da artista. Alma empolgava-o numa domi-

nação de sentidos e de cerebro que o levava a um estado de beatitude quasi imbecil.

A's vezes, no emtanto, reabria-lhe de um golpe a intima ferida. Uma noite, disse-lhe:

— Porque os homens hão de ter sempre as mesmas palavras de espasmo? São grosseiros...

Elle reviu num segundo a posse della pelo outro e calou-se numa doida revolta.

Nesses momentos, procurava um pretexto e sahia a pé na direcção da casa de Mario de Alfenas ou da garçonnière de Carlos Byron num palacete da Praça da Republica. Outras vezes, ia até a Avenida São João para fechar-se em seu quarto, sentindo que fugia á vida como a um immenso castigo. Ficava a ler, a fumar, a pensar e passava a noite sem somno. Duas manhãs, Alma viera reconciliar-se no seu manto esbelto de inverno; despira-se e deitara-se com elle até dia alto. Mas outra vez, brigaram rudemente, sem dizer palavra, ella vestiu-se e sahiu. A' tarde, elle encontrou-a distrahida e aspera, irritou-se, perguntou-lhe se tinha visto o homenzinho do Carnaval.

— Encontrei-o ao deixar a tua casa.

A noite esboçou-se insupportavel para ambos. Elle convidou-a a ir a um theatro.

Ella enfiou um vestido que elle lhe dera: a blusa justa em setim negro, sem mangas, a tunica da mesma côr com flôres largas de ouro. E nas meias de cinza até em cima, fechou as ligas monogrammadas, ficou de pé sobre sapatos de setim negro com fivelões ardentes.

Subito uma rusga tragica estourou. Não iriam mais.

Elle poz o feltro e antes de sahir, pediu-lhe um pouco de Pernod: fazia frio lá fóra, ia longe.

Ella atirou para uma cadeira o chapéu immenso, foi buscar a garrafa verde e bojudá que gastavam habitualmente e virou sobre um copo esguio, a botelha de crystal com agua.

Sentia-se lá dentro Milagre arrumar. Jorge pensou ainda em beijar a amante. Ella esbofeteou-o n'um impeto hysterico. Elle ia espezinhal-a no vestido, mas preferiu partir.

A' sahida, escorregou na lama da calçada. A rua, em concertos de illuminação, levantava ao seu longo pedras empilhadas e montes de terra solta; uma lanterna vermelha indicava o começo da excavação urbana.

Elle rodou longamente sem rumo, pelas travessas abandonadas do bairro. Seriam nove horas apenas. Gente desprevenida passava: soldados, midinettes, homens do povo. A' uma esquina, Jorge parou, pensando que não tinha destino. Iria para o seu quarto ser de novo roído pela propria desventura. Alma não se corrigia, não perdia as antigas maneiras suspeitas, não comprehendia que o seu martyrio ia longe demais.

Absorto, fez sem sentir o estirão da Rua da Gloria, até o Largo da Sé. Esbarrou num antigo collega de Seminario em Pirapora, sempre muito effusivo e cortez. O rapaz pediu-lhe noticias do avô fallecido, e confundindo tudo, informou-se se continuava a estudar pintura em Paris. Jorge desembarçou-se molestado, cortou pelo lado mais deserto e dahi a pouco fazia subir o elevador do sobrado de commodos da Avenida São João.

Não teve coragem de despir-se. Poz apenas o paletot grosso do pijama, guarnecido de alamares. Deitou-se com os braços sob a cabeça e mergulhou no seu sonho obsecante. Eram onze horas quando lhe vieram bater á porta, apressou-se em abrir. Entrou Bruno de Alfenas que tinha quarto no mesmo andar. Vira luz e viera visital-o.

A conversa rolou futil e desinteressante, pouco alimentada pela frieza polida do escultor. Bruno obstinava-se em falar da vida frívola da sociedade interlope de que fazia parte: o jazz da Rotisserie, umas meninas esplendidas que descobrira com o barão húngaro de Kaseliz numa travessa do Arouche, as ultimas piadas do joviolissimo Barrinhos, o Mendes gordo que trouxera da Europa uma voiturette Mercedes de ultimo modelo.

Depois de um silencio longo que Jorge procurou manter, Bruno despediu-se com o seu ar desempenado a altaneiro. Jorge rodou de novo sozinho pelo quarto, foi até o seu pequeno bureau, abriu-o. E debruçou-se alli sobre folhas de papel, a escrever uma carta a Alma.

Fumou um cigarro, depois levantou-se. Sentia-se inquieto, incapaz de dormir. Tirou o pijama, vestiu-se de novo, sahiu.

Uma força chamava-o para o canto escuro do Lavapés. Que faria Alma a essas horas? Elle não tinha chave, iria entretanto até lá, rondar, perscrutar.

As ruas estavam molhadas, Jorge beirou o Theatro Municipal no asphalto luzente. Deixando o bar, grupos elegantes de noctambulos paravam e riam ~~com~~ grandes chapeus. Era mais de uma hora da madrugada.

com  
mudas de

Elle tomou sem pressa pelo velho Viaducto. Um auto passou. No centro, havia o ultimo borbolino dos cafés accezos. Tylburis claudicavam vazios. O Largo da Sé parecia dormir, junto á Cathedral, num silencio de ruinas em folha.

Pela Rua da Gloria, caminhavam deante delle dois moços conversando. Elle percebeu que vinham de um theatro, discutiam a Viuva Alegre. Jorge pensou em Roma, nas noites que tivera com Mary Beatriz. Onde estaria ella?

Jorge d'Alvellos parou. Estava na esquina da Rua Scuvero, atravancada pelo movimento de pedras e de terra. Uma valeta longa subia a ladeira até o fim. Nem um soldado, nem um transeunte... Jorge beirou o sobrado, procurando sustar o ruido dos passos na areia molhada do passeio. Pareceu-lhe que havia luz em cima. Depois de um minuto, voltou. A luz era no quarto de Alma, ella talvez estivesse accordada. Ou então... uma lancinante suspeita suffocava-o. Pensou em fugir para não verificar. Estacou em baixo, no Lavapés deserto: Longe, cortou a rua uma silhueta encapotada de guarda, com passadas regulares. Jorge juntou-se nervoso a um tronco. Mas, se fosse assim, elle saberia agir, pularia o fragil portão, subiria cautelosamente ao patamar e surprehendendo-a com o ou-

tro, acabal-o-ia a tiros. Chegou-se ainda, procurando para sempre mais perto. Foi escutar de novo o silencio da esquina. E impulsivo, resolutivo, agil, subiu as grades velhas, passou uma perna, parou espiando para fóra... Apenas a lanterna vermelha fitava-o entre montões de terra.

Deixou-se cahir justo a um canteiro de terra. A casa parecia dormir: nenhum ruido vinha della. Caminhou entre folhas humidas. E receioso, subiu os degraus, carcomidos, estacando, ouvindo.

Estendera a cabeça até a janella. A cortina larga defendia o interior, accezo. Apenas por uma fresta, viu o desalinho do quarto. Sobre um tamborete, ficara sentado, de braços para cima, um macaco caricatural, de panno.

Percebeu num susto que a vidraça estava aberta. Veiu-lhe uma momentanea afflicção; depois, empurrou de vagar.

Soergueu a cortina esticada: ella estava descoberta no leito. Nem sequer se despira. Parecia resolvida no luto do filó, onde transpareciam entre rosaceas as coxas violentas emergindo do monogramma das ligas.

Cavalgou o peitoril. Penetrara... Tocou desastradamente num movel, houve um baque de caixa cahida.

Alma suspirou qualquer coisa por entre os dentes cerrados. E ficou tudo quieto de novo.

No toucador, estava junto á botelha de crystal esvasiada, a garrafa de absyntho, boudada e aberta. Ella tinha bebido tudo, depois que elle partira; apenas o copo guardava um resto de droga opalina, fazendo sobrenadar uma mosca morta.

De palpebras tombadas, ella murmurou de novo alguma coisa, um nome talvez. Então, num movimento, Jorge apagou a luz,

Do escuro, foram sahindo pouco a pouco, as formas dos quadros, das cortinas, da cama.

Alma repetia numa ternura fatigada duas syllabas confusas. Elle passou-lhe a mão pela testa glacial.

Como que animada, ella suspirou:

— Comprehendes... sou tua...

Jorge, gelado, inteiriçado, escutava na sombra... Ella entreabriu os labios grossos e disse:

— Vem!

Tomara-a pelos braços carnudos no escuro do leito. Uma volupia sinistra enlaçou-os. De seios tesos, a bocca ululante, ella absorvia-o todo.

E na noite de corpos unidos, soluçou:

— Ar-thur...

Sugado de gozo até a espinha, elle quiz retirar-se, fugir, mas ella atracou-o, cataleptica, soluçante...

Jorge levantara-se atordado; Alma continuava no filó, estirada, morta. Elle então recompoz nervosamente o leito, galgou de novo a janella descerrada, desceu, espiou por cima do portão, saltou num subito medo e partiu pela madrugada das ruas.

Na manhã demorada, Alma appareceu no quarto da Avenida São João, risonha e esbelta. Tinha os olhos enfaixados no luto das olheiras.

— Passaste bem a noite, lindo?

Jorge não respondeu. Ella moveu-se pelos tapetes, foi á janella, sob o cloche de palha rustica, dizendo:

— Não dormi nada.

Sentou-se. O esculptor continuava calado, olhando-a, no grosso pijama.

— Passei uma noite de farra...

— Onde?

— Por ahi, com Camilla.

E depois de um silencio:

— Preciso de cem mil reis...

— Para que?

— Para pagar uma divida de honra.

Jorge espreguiçou-se, ella insistiu:

— Podes dar-me?

— Tens divida de honra?

— Fiz hontem a primeira.

— Como?

— No jogo.

— Sonhaste...

— Não. Fui á Ponte-Grande jogar. Acabou-se o dinheiro que tinha. Camilla emprestou-me.

— Onde isso?

— Numa casa...

— Foste á Ponte-Grande?

— Fui...

— Quando? A que horas?

— Depois da meia-noite, á hora do jogo.

— Mas onde?

— Numa casa em que ia ás vezes, quando era honesta e tomava ether... Aborrece-te? Não encontrei ninguem... Voltei só.

— Andas de novo sozinha pelas ruas, á noite?

— Que mal ha nisso? Não te trahi... isto é, sabes, trahi-te esta noite...

Jorge passara naquelle instante de dialogo, por todos os horrores de que vinha tendo longa reprise. A sua credulidade excessiva, immutavel, atavica talvez, talvez volunta-

ria, feita de ancia de artista, seduzido pelo delirio do absurdo, não oppunha argumentos á phantasia perversa de Alma. Acreditava que de facto ella tivesse sahido. Entretanto, tinha a consciencia do que fizera ás mesmas horas — a escalada, o encontro della, bebeda e irrequieta no leito...

— Sei que me trahiste...

Levantara-se, andou pelo quarto, depois estirou-se sobre os lençóes, disposto a ficar. Mas a sua imaginação inquietada trabalhava.

Perguntou de repente:

— Com quem me trahiste?

Ella sorriu:

— Queres que te conte?

— Quero.

— Com um principe. Eu era a bella adormecida no bosque de minha cama... Elle veiu...

— E accordou-te?

— Não. Dormiu commigo.

— Quem?

Alma ficara um momento pensativa.

Disse:

— Foi um sonho mau.

— Mas com quem sonhaste? Com elle?

Com o teu cafageste?

Ella olhou-o num assomo rapido de odio, quiz levantar-se, mas elle tomara-lhe os bra-

ços violentos, tentando derrubá-la sobre os travesseiros.

— Amassas-me o chapéu, bruto!

Insensível, Jorge proseguiu:

— Conta! Sonhaste com elle?

— Sonhei.

— Foi um sonho?

— Quem sabe?

— Como?

Jorge largara-a, deitara-se de novo. Alma compoz o cloche de palha rustica, retomou a bolsa matinal de missangas.

— Vens commigo?

— Espera... disse elle.

Ergueu-se, vestiu-se, enquanto sentada, Alma olhava sem ver.

Num regresso de psychose angustiada, Jorge sentira logo um odio renovado contra a desgraça que lhe fizera a maior humilhação da vida.

Nos encontros com o desconhecido que continuava a gingar e a sorrir pelo Triangulo, numa indiferença natural e bem vestida, o esculptor tinha impetos de destruil-o. Chegou a enroscar-se numa premeditação de as-

sassinato, por toda uma semana. Esperal-o-ia á volta de um baile no deserto escuro da Rua da Boa Morte. Tinha confiança na sua firmeza. Ninguem poderia descobrir, pois ninguem sabia.

Perdia-se horas e horas num circulo vicioso de idéa fixa: queria saber somente do outro, seguil-o, arrazal-o. Uma vez, viu-o no centro, acompanhando uma menina alta, de luto. Sorriam numa mutua sympathia conversando. Pararam um instante á vitrina de uma casa de modas. E na outra semana, pela noite, num dos seus passeios dolorosos pelos bairros distantes, o esculptor surprehendeu a mesma silhueta de luto, em sua frente. Passou por ella num subito interesse, ella sorriu-lhe na sombra.

— Onde móra?

— Aqui perto...

E acompanhou-a a um rendez-vous da vizinhança. No ambiente vulgar do quarto mobilado, ella despiu-se num velho habito de prostituição. Era banal, sem intelligencia, sem attractivos. Elle manteve-se frio, incoherente, absurdo. A mulher chamou-o de viciado, depois perguntou-lhe se sabia aneddotas. Quiz excital-o inutilmente. Elle pagou e sahiu.

Mauro atirou-se num impeto de morte. Ella quiz salvar-se, correr para o quarto de Milagre. Arrastava-se de cocoras, gemendo, o rosto marcado de horror.

Elle agarrara-a e batia. Espedaçou-a contra um movel. Voltou como um fugitivo. Sahiu.

Ella ficou estirada no sobrado, Parecia que lhe tivessem arrancado qualquer coisa lá dentro.

Na alva estrellada, Jorge d'Aivellos accorrido pediu a Deus, de joelhos<sup>a</sup> no patamar solitario, que fizesse parar a terra, para que não amanhecesse.

Lá dentro, junto de Milagre que dormia embrutecida da vigilia, Alma gritava, estraçalhada de perfurações.

Estava desfigurado. Sahiu cambaleando. Voltou com o clinico do bairro, na manhã in-

sensível e luminosa. O homem velho e baixeiro interrogou-a.

— Foi um tombo da escada. Rolei até em baixo...

E de novo torcia-se, gritando.

Elle não quiz intervir. Podia ser um caso grave. Aconselhou o internamento num hospital popular.

Numa reorganisação de forças perdidas, Jorge d'Alvellos murmurou providencias desconexas. Milagre partiu, buscar um taxi.

O automovel atravessou a portaria engradada em negro da Rua Cezario Motta, contornou suavemente o jardim de cactus e cyrestes, e estacou á primeira porta da larga entrada em tijolo da Santa Casa de Misericordia. Havia uma ambulancia parada um pouco adiante. Jorge gritou por uma padiola ao enfermeiro da Aisstencia que o olhava.

Depositaram-na na sala da entrada, á esquerda.

Jorge ficou alli, um instante, inerte, idiota, vendo-a quasi no chão, sobre aquella maca de feridos. Depois, penetrou desabaladamente pelos corredores extensos, pedindo

pelo amor de Deus que lhe deixassem falar com uma irmã de caridade.

*Septico*  
O medico que conversava com outro sobre a janellinha de Krause, aberta, pela manhã, na cabeça de uma trepanada, explicou-lhe que era preciso intervir logo. Houvera um alarmante começo de paralytia intestinal. D. Alma soffria de certo de uma velha annexite. A queda precipitou o material sceptico na cavidade. Apresentava todos os symptomas... Fôra um horroroso desastre...

Cahira a tarde. Puzeram-na entre lençóes na maca rolante da pejada enfermaria. E o carrinho seguiu entre camas curiosas, até a sala grande de operações, clara, rigorosa, na sua installação de armarios e boiões, onde desinfectantes punham cheiros acres e côres amargas — verde, roxo, laranja.

Por cima, desenhava-se vazio o amphitheatro donde os estudantes assistiam ás lições vivas do hospital.

Sem pinga de sangue no rosto citronado, reconduziram-na cautelosamente para a maca horizontal. No cortejo de irmãs e enfermeiras, Jorge ia, automatico, solemne.

Estavam na terceira manhã de hospital. Alma resistira ao choque operatorio. Mas o nariz se afilara extremamente entre os olhos roxos e baixados. Amarella de cera, a doente passara assim todo o dia e a noite; depois tivera pouco a pouco, uma normalização de estado geral, sem vomitos, que puzera doidas esperanças no coração de Jorge e fizera mesmo o medico interno pensar que a salvava.

A febre não subira nas crises da tarde. Mas agora, ao anoitecer daquelle dia, Irman Maria retirara o thermometro marcando quasi quarenta graus.

Jorge sentiu gelo na espinha e veiu per-  
scrutal-a. Ella parecia dormir; descerrou o  
martyrio dos olhos e vendo-o extactico, disse:

— Eu não queria morrer... Era tão bom quando tu chegavas em casa... Lá fóra, a fanfarra do quartel...

Aterrado de estar só, ouvindo-a, elle chamou nervosamente a irman que agasalhava outra doente. Ella veiu na sua roupagem branca.

— Irman! supplicou a enferma, dá-me o crucifixo...

A freira desprende a grande cruz de metal que lhe pendia do peito e, ajoelhando-se, fez Alma beijal-a.

— Deixa-o commigo, Irman!

— Deixo, filha.

— Jorge, meu Jorge, que castigo! Vou morrer...

Elle quiz falar, protestar, mas ficou olhando-a, immovel, petrificado. Uma sensação fria penetrara-o, conservou-se dolorosa nas espaldas, nos braços, nas pernas; e teve a certeza physica de que sahiria dalli, mata-ria Mauro e rebentaria os miolos a bala.

A tarde descera num immaculado azul lá fóra: era Junho sem frio.

A sala sussurrante cahia em sombra. A enfermeira da noite veio saudar a doente e accender as luzes centraes que espalharam dos abat-jours de vidro, sobre os leitos inquietos, uma claridade offensiva. Apagaram-nas depois, para deixar sómente ao fundo uma lampada presaga.

Jorge ia e vinha, olhando tudo: a passageira incolor, a marcar um caminho sem fim, entre as camas, as doentes largadas como trouxas, as convalescentes em riscadinho... Alma que o detivera, a principio, junto ao leito, deixava-o agora.

Mas elle parecia perseguido por uma idéa. Achegou-se, anciado, opprimido de soluços. Ficaram naquelle silencio de desastre.

— Alma! Exclamou elle. Quero pedir-te uma coisa... Crês em Deus, eu tambem. Tenho, desde creança, uma oração miraculosa. Vamos resar juntos!

— Quero, disse a enferma, pondo nelle os olhos verdes, maguados e distantes.

Então, no murmurio da sala, Jorge leu em um papel o psalmo 90 de David. Alma acompanhava-o em tom fragil, de mãos juntas sobre os seios. Jorge tinha inflexões ardentes que se perdiam no sussurro das febres. Depois, a della seguia, credula, terna, supplicante.

— “Elle é o meu Deus. Nelle porei toda a minha esperança, porque me livrou dos laços dos infernaes caçadores e da rigorosa palavra. Elle te fará sombra com Suas azas e tu esperarás debaixo de Suas pennas. As Suas verdades te cercarão como um escudo e não te perturbarão os temores nocturnos, nem a setta que vôa de dia, nem o ar contagioso que anda nas trevas, nem o encontro do demonio meridiano...”

Houve uma pausa. A doente reabriu os olhos marinhos, liquidos de lagrimas. A oração continuou calorosa, no desespero crescente de Jorge, entrecortada nos labios frouxos de Alma.

— “O mal não chegará para ti. O flagello estará longe de tua casa, porque, em teu favor, elle mandou os Seus anjos que te guardarão em todos os teus caminhos...”

No corredor matinal, Irman Maria interpelou-o.

— Escute, Senhor. Porque não chama um padre?

— Ella morre?

— Não digo isso. Tenho visto outras assim se salvarem.

— Assim... nesse estado?

— Nesse estado.

— Mas o doutor me falou em peritonite...

— Ella está passando mal, precisa de conforto. Consinta que eu traga o nosso capellão, um padre velho...

— Amanhã respondeu Jorge, abstracto.

A noite passou-se na mesma desesperança. Elle dormiu como sempre, na polé de uma cadeira exigua.

Irman Maria veiu muito cêdo. A temperatura continuava alta. Os vomitos reappareceram. Reappareceram as dores fulgurantes e os soluços. A respiração era intercadente, oscillada.

Jorge que acompanhara a freira até o corredor, disse-lhe:

— Traga o padre, mas avise-o de que não a assuste.

O doutor appareceu ás nove horas. O capellão edoso, muito limpo na sua estreita so-taina, seguia-o.

— Trouxe-lhe um amigo, disse o medico á enferma.

Ella sorriu, vendo o sacerdote que se adeantava, falando:

— Minha filha... vae sarar logo... Está melhor?

— Assim... murmurou ella.

— Então. Coragem! proseguiu elle sentando-se á cabeceira do leito. Isto vae passar...

O medico apressado, no seu grande avental, afastou-se. Alma continuava a sorrir meigamente para o confessor. Jorge deixou-os, seguiu o doutor, interrogando-o. Tinham sahido para o corredor.

— Só um milagre...

— Está perdida?

— E' a minha opinião. Não pudemos debellar a peritonite. Houve ruptura das trompas na queda. Avisou a familia?

— Ella não tem familia.

— Esperemos um milagre, disse o medico despedindo-se.

Jorge voltou. Percebeu que Alma se confessava. Um soluço longo convulsionou-o todo. Atravessou vivamente a passagem entre os

leitos a approximou-se numa violencia de choro.

O padre absolvía a doente reanimada, segurando-lhe a mão. Com passos vacillantes, Jorge ajoelhou-se junto á cama. E dilacerado de dôr intima, com a voz cortada, pediu perdão. O padre procurava levantá-lo, contel-o, mas elle insistiu num tumulto de lagrimas:

— Perdão! Eu quero que ella me perdoe.

Tinha a mascara, torturada, franzida, lavada de pranto. Alma olhava-o commovida, sorrindo.

— Não, meu filho, disse energico o padre. Jesus perdoou tudo, basta!

Jorge debruçou-se sobre a mão de Alma: ella acariciou-o sem forças. E elle ficou alli, chorando aos pés do sacerdote.

A peritonite progredira, frustrando a drenagem laparatomica. Jorge, desilludido, num enlouquecimento, esperava ainda um milagre. Toda a sua fé infantil voltara. Deus podia tudo, podia tambem resuscital-a da começada agonia, extinguir-lhe a febre maldicta, reter aquelles espantosos vomitos inuteis. Fazia promessas doidas, surprehendedentes.

— Senhor de Pirapora! Esculpirei o vosso milagre para a Sala das Graças! Subirei de joelhos o vosso altar carregando-a!

A freira veiu accordal-o do seu canto. Elle olhou-a com olhos vagos, assustados, sem comprehender.

Ella havia trazido uma vela de cêra já gasta por outros agonizantes e um pequenino livro preto de orações.

Seriam dez horas da manhã. A luz era doirada e azul. O medico ordenara que se abrisse a janella proxima para o jardim cheio de arvores. Lá fóra o ceu alto faiscava.

A enfermeira approximou-se e logo depois o padre appareceu. Então, no silencio que cortava a respiração oppressa no leito, a voz de Irman Maria ergueu-se numa fieira de preces.

Duas lagrimas isoladas correram pela face agonica. E de novo, a voz pertinaz e cantante da freira, elevou-se na gloria matinal que enchia a sala.

Era uma ladainha que o padre acompanhava e na distancia, as convalescentes repetiam:

- Santa Mãe de Deus
  - orae por ella!
- Santa Maria Magdalena
  - orae por ella!

A litania resoava: era um supremo ap-  
pello aos santos pontifices, aos confessores,  
aos monges e eremitas. Subito, mudou:

— Sêde propicio! Perdoae-lhe Senhor!  
Por vosso nascimento! Por vossa cruz e pai-  
xão!

A angustia dyspneica parecia crescer na  
cama, alongar-se, afflictiva, suffocante.

A freira accendeu a vela benta, chamou  
Jorge que se atirara de bruços na sua cadei-  
ra. Elle veio tropego, collocou o cirio na mão  
desfallecida de Alma, e de joelhos, seguiu as  
orações.

A freira, erecta, apostolica, exclamava:

— “Parti deste mundo, alma christã! Em  
nome de Deus padre omnipotente, que vos  
criou; em nome de Jesus, filho de Deus vivo  
que por vós padeceu; em nome do Espirito  
Santo que se diffundiu em vós; em nome dos  
Thronos e Dominações; em nome dos Princi-  
pados e Potestades; em nome dos Cherubins  
e Seraphins...”

Jorge d’Alvellos não se reteve mais. Aper-  
tando frouxamente o cirio na mão do seu  
amor agonizante, soluçou. Eram dois haustos  
de respiração violenta, incontida, que o to-  
mavam, uniformes, isochronos, como se um  
braço invisivel e de ferro o sacudisse impla-  
cavelmente pelo peito! Percebeu atravez da  
cortina de lagrimas, ao seu lado, os circums-

tantes. Elles permaneciam extacticos como modelos, em composição esculptural, para um grupo da Desgraça.

Alma entrara em agonia. Com os olhos immobilizados para sempre, da garganta sahiam-lhe sons enrouquecidos e surdos...

Houve um ligeiro tumulto. O padre erguera-se, aproximara-se. E de pé, engrandecido no quadro começou:

— Kyrie Eleison!

Christe Eleison!

Kyrie Eleison!

A doente agitava-se. Teve uma primeira contorsão dolorosa de mascara.

— Vas spiritualis!

Rosa mystica!

Turris Eburnea!

Domus Aurea!

Foederis Arca!

Janua Coeli!

Janua Coeli!

Ella morria. Teve uma contorsão mais dolorosa.

— Janua Coeli! clamou de novo o sacerdote, no silencio horrivel, de braços erguidos, nervosos, como a sacudir gonzos invisiveis.

E ella acalmou-se de repente. Partiu na direcção da Porta que o padre fizera estremecer e abrir-se, enquanto carrilhões a seguir-a cantavam a gloria de Deus na manhã.

Pelos vidros do taxi parado, Carlos Byron que vinha com Torresvedras, viu o chauffeur e o guarda vermelho e rapado do largo portão dos fundos da Santa Casa se disputarem sem resultado. Gritou com raiva, pela janella, que era para o enterro.

O homem gesticulou justificativas e abriu lentamente, desvendando no terreiro, junto ao necroterio, dorsos negros e luzidios de cavallos emplumados e um carro com doirados no oblongo da caixa.

Desceram os amigos de Jorge d'Alvellos que o tinham deixado no quarto da Avenida São João, em companhia de Bruno e Mario de Alfenas.

E pela escada exigua, subiram até a parte inicial da capella mortuaria, reservada aos pensionistas, que a piedade vigilante de Irman Maria conseguira para o cadaver de Alma.

Dois internos do hospital, risonhos e moços, sahiam dialogando.

Carlos e Torresvedras penetraram e viram um caixão sob um altar elevado, onde quatro velas, chorando as suas ultimas lagrimas de cera, se apinhavam ante um Christo de latão. Entre os castiçães, o Christo, na

cruz desmesurada de pau preto, parecia pregado alli, inutilmente, ironicamente, havia vinte seculos.

Outra mesa sustinha outro caixão, ainda recoberto pelo panno xadrez da casa funeraria.

Torresvedras abriu o que se achava junto ao altar.

E numa capa celeste, sobre a roxa tunica, de olhos apagados e a expressão de quem supplica eternamente, por dôres eternas, Alma d'Alvellos, desaparecida na magreza do proprio corpo invisivel, parecia o cadaver da Nossa Senhora.

Apenas o nariz se lhe tornara mais adunco, a bocca entreabria-se, chorando immutavelmente, as mãos não se viam sob a ampla capa da mãe de Jesus.

Um bafio denunciando podridões iniciadas fez os dois homens recuarem, fechando a morta. E como viesse Irman Maria, ataram o caixão e tomaram as alças finas, auxiliados por um negro gordo que guardava os cadaveres e pela figura ensebada e velha do gato-pingado solitario do carro.

Fizeram passar o caixão pela abertura apropriada das grades. Gente vestida de riscadinho, convalescentes idiotizados das enfermarias, paravam vendo. Irman Maria ficou compungida á porta do necroterio.

Houve uma expectativa respeitosa. E conduzindo-a, a carruagem de segunda classe, no garbo emplumado dos quatro cavallos, negros e solidos, no ouro dos arabescos e das columnas, sahiu numa apotheose.

O taxi levando os dois rapazes rolou atraz.

E logo, homens que passavam descobriram-se. Adeante, um senhor grisalho parou e tirou o chapéu. E nas calçadas das ruas, grupos operarios que iam, moços petulantes, velhos e meninos saudavam tambem.

Carlos Byron pensava que a morte era um triumpho: a repudiada de hontem, a só, a rapariga, ia alli tirada pelo trote possante de quatro cavallos, num coche preto e doirado, e todos instinctivamente se descobriam.

O carro funebre rolava nas pedras, o taxi fungava atraz. O dia nublado de Junho apagava as cores e as linhas.

De repente, Torresvedras moveu-se do seu canto, falou com a voz grossa, pegada na garganta:

— E agora?

Não disseram mais nada até o Cemiterio. E o coche cantava nas pedras perguntando. E o taxi fungava atraz perguntando.

Carlos Byron comprou uma maçaroca ridicula de saudades á porta do Araçá.

O florista descarnado e solícito, ajudou-os a tirar o caixão, com o gato-pingado velho, lamentoso, numa sobrecasaca de ministro anglicano.

Na capella alta, com vidros de côres baralhadas, descobriram de novo a morta. Tinha o grande pescoço torcido pela marcha, a cabeça de cobre fulvo despencada e continuava a supplica perenne no manto celeste de Nossa Senhora.

As manilhas do caixão cortavam os dedos dos quatro homens na immensa caminhada. Haviam penetrado por entre arvores funereas e agora desciam a encosta terrosa dos mortos sem nome que têm covas alugadas.

Dois sapadores burocraticos, inexpressivos, nos uniformes municipaes, vieram tomar o caixão.

Atiraram-no por cordas ao fundo de uma exigua abertura, junto á sepultura esquecida do avô que se chamara Lucas d'Alvellos. Carlos Byron depositou o maço de saudades sobre o chão removido de fresco. Torresvedras quiz contar os tumulos para saber facilmente a distancia da primeira aléa, mas achou inutil.

A' sahida, depois das gorgetas, o florista polido e funebre, que acompanhara sempre os amigos do esculptor propoz:

— Se quizerem, eu posso fazer tambem uma cruz de cimento.

O cadaver nú, de cabellos atados numa toalha, foi levado, cautelosamente até a parede do imaginario atelier.

Elle apanhara-lhe o dorso, despencado em ligeira curva. Um velho felino, barbudo e de bocca furada, conduzia de costas o cortejo, tomando-a pelas axillas, e um grande diabo ossudo, levava as pernas geladas para sempre.

Depuzeram-na no estrado de pau, inerte e dura, murcho o ventre acima do triangulo negro e symbolico.

Depois, começaram a crucifixão.

Para lá, na vastidão respeitosa da sala, havia estatuas atadas aos punhos para traz, com retorcimentos fixos, todas recobertas como imagens em Semana Santa.

E havia amphoras e flôras.

Iam crucifical-a na parede nua e branca. O velho levantando-a pelos inuteis seios, dava ordens impassiveis.

O outro batia já o seu longo prego. E apenas o braço que lhe haviam entregue a

elle, endurecera e resistia, empurrando-o para traz.

O velho esperava. O outro tinha uma cabeça de furia. Era preciso dominar a consciencia resistencia do braço. Aos repellões o membro em angulo cedeu, acceitou a linha recta da cruz, num crac-crac de ossos internos. Elle tomou o martello e o prego longo, bateu a primeira pancada inutil na palma cartilaginosa. E dizia que era preciso haver martyres.

O velho atravessara victoriosamente a mão que prendia. O outro baixara-se a perfurar os dois pés sobrepostos na mesma agulha de ferro.

Elle então bateu. E houve um tinir repetido de aços, apagado pela repulsa de borraça dos membros anquilosados e murchos.

Salpicaram gottas glaciaes como remorsos nos braços musculosos e nús dos crucificadores.

E a cabeça de frango virou, o corpo suspenso desceu num peso bruto, alargando as chagas nos pregos e pondo em relevo estrias de pannos, de nervos, de costellas.

Então, abriu-se a porta e um esplendido homem nú, coroado de folhas, appareceu e gritou como um arauto.

— Sangue frio!

Ella permanecia toda estylizada na parede, que ficara como uma cruz de mil braços...

E Jorge d'Alvellos viu que era o cadaver de Alma que tinha crucificado para estudar anatomia... Ella despregou as grandes postas rachadas, latejantes, viva para elle...

O esculptor abriu os olhos na escuridão de seu quarto. E percebeu a madrugada neutra num silencio de vidas estranhas.

Onde estava ella? Escorregara-lhe dos braços afflictos. Onde estava? Levantou-se da cama num salto. Ella fugira...

Atirou-se para a porta: permanecia fechada na noite. Voltou, bateu os angulos desertos, foi ao leito. Pareceu-lhe vel-a ainda. Levantou os lençóes, o colchão: não estava.

Estava longe. Onde? Na enfermaria. Não, mais longe. No necroterio. Não, mais longe. Na cova...

Jorge d'Alvellos sentou-se. Viu descer no escuro, num desequilibrio sobre os hombros que tinha aconchegados, um mundo bruto e apagado de formas.

Pensativo, mysanthropo, nervoso, Jorge d'Alvellos sahiu, depois de duas horas da tarde, do seu quarto da Avenida São João. Estava um tempo inconstante. Havia chovido, agora ficara claro. Uma ponta de sol varava a cinza do ceu, fazendo brilhar as poças de lama das ruas, os trilhos dos bondes.

Jorge dirigiu-se lentamente para o Triangulo central de São Paulo. Subiu a ladeira ingreme e penetrou de repente na Praça Antonio Prado. Ia dizendo, comsigo: — o sobrenatural existe dentro de nós. A vida com Deus é hypocrita, sem Deus é cynica.

Passavam homens e mulheres. Tinham todos no rosto uma estupidez triumphal e cruel. Em limousines perfeitas, as senhoras dos grandes ricos exhibiam, bellas e risonhas, a sua vermina insolente de prole — meninas espigadas em sêdas, meninos morenos e desdenhosos.

A cidade toda movia-se, rodava. Maniacos, sonhadores vencidos, faziam tambem trotar na ciranda os esqueletos vergados e velhos, sem perceber a inutilidade dos seus gestos de pressa.

O esculptor ia de vagar pela Rua 15 de Novembro. A' porta dos bancos, homens parados abriam caras neurasthenicas e vazias. Outros passavam, correndo, semi-loucos, discutindo alto os seus angustiosos sonhos de lucro.

Rapazes irreprehensíveis, de olhos vermelhos sob oculos redondos e enormes, gigolavam nas esquinas.

Elle chegara ao Largo da Sé. Parcu na convulsão extactica de populares, á porta dum grande edificio; olhou e viu, na distancia, as obras da Cathedral côr de cinza, como um grito lancinante, que tivessem cortado pelo meio na immensa praça apagada. Desceu aos encontrões com a gente que se movia pelas ruas atravancadas de bondes e vehiculos. Estava perto de uma leiteria, entrou. Um homem calvo tomava notas com um lapis no balcão. Elle perguntou-lhe se havia sandwicks. O homem não ouvira; repetiu a phrase fazendo uma violencia physica para falar.

E de pé, poz-se a comer.

Mocinhas de avental branco iam e vinham, fazendo o serviço das mesas, pagavam á caixa, buliçosas, sorridentes. Jorge pensou que ellas podiam ser desgraçadas um dia.

Inconscientemente, tomara outra vez ao Largo da Sé. Estacou incommodado, ia tomando o rumo da casa de Alma. Estava agora em frente á montra pejada de uma livraria.

E Mauro? Com certeza fugira.

A tarde baixava, ameaçadora de novo. Um vento leve e constante levantara-se. Elle andara, achava-se na Rua do Carmo, divisou ao longe a casa baixa, perdida entre outras

na Rua da Boa Morte. Pensou que devia levar o desconhecido á quadra desolada do Araçá, onde Alma repousava. Mas encaminhou-se para o Braz.

No fim glabro do dia, o bairro negro fumegava com recortes sobrepostos de casas, chaminés, fabricas, gazometros.

Descera á Varzea; seguiu para a frente, sem tomar o caminho do Palacio das Industrias. Massas de poeira elevavam-se, cahiam na planicie desolada que a rua cortava.

O vento recrudescia. Homens aos grupos, negros, apressados, iam como num romance.

O esculptor foi andando. Quasi anoitecera no ceu de anathema. Pingavam gottas de agua, batendo nas arvores, no chão. Uma carroça passou, estridula, em disparada.

No desamparo penetrante de tudo, Jorge d'Alvellos, com gestos de polichinello quebrado, mergulhou na noite sem Deus.

Um barulho silencioso de trovões havia passado em sua vida. Depois, nada, o aniquilamento, o cahos girando.

Edipo, Hamlet, Fausto — todos os grandes perseguidos — haviam soffrido horrores defi-

nitivos como elle. Mas tinham tido platéa e, a seguil-os, côrtes de figurantes, fanfarras de Fortimbraz, sabbaths rodando, o Diabo em pessoa. O rei Lear vira despejar-se de furnas mythologicas, a hostilidade dos elementos.

Elle, não. Apenas um barulho silencioso de trovões. Depois, nada.

Jorge d'Alvellos levantou-se da cadeira em que estava. Olhou-se ao espelho oval do quarto. Tinha a pelle fresca e branca, o rosto marcado e energico, os cabellos negros e ondulantes. Sahira da tempestade assim, robusto, cheio de saude, uma saude cynica, insensível ao descalabro.

Decidiu voltar ao Palacio das Industrias. Mas a idéa de que fora um crime cõsciente tel-a deixado para Mauro vir a matal-a obsecava-o. Não o denunciara. Para que? Para saberem tudo o que ella era? Diabinhos subtis appareciam para conversar com elle no silencio do quarto, emphaticos, pondo a serviço de sua dialectica, as recordações que o estrangulavam como incubos.

Elle parecia agradar-se daquella tortura, gostava das longas horas de companhia in-

fernal em que discutia as suas culpas. Sem aquella brutalidade do casten, ella viveria de certo ao seu lado, boa, carinhosa, amiga.

Chorava copiosamente. Propunha-se castigos, por não tel-a defendido, castigos theatraes: deixar-se arrasar sob a estatua della que levantaria alta e massiça de quatro metros... Mas, de repente, a idéa de soffrer a morte, a morte que ella tivera, com todas as torturas, apavorava-o, deixava-o como um cão batido.

Tinha momentos eroticos: exigia para a sua desgraça uma compensação sexual. O instincto esfomeado miava dentro d'elle; e a alma ferida, espezinhada, consentia benevola, covarde.

Revoltava-se profundamente contra o catholicismo. Nos dias que precedera a morte nem uma prece lhe faltara aos labios, nem um grande nome de santo tinha deixado de vir ao seu coração angustiado, supplicante. Nunca milagre nenhum tinha sido reclamado pela fé como aquelle. E o ceu permanecera impassivel: ella morreria, ella, o seu amor, morta por que elle a abandonara sempre.

Chegara a um materialismo resignado. Alma morreria: nunca mais elle tornaria a vel-a, nem nesta nem em outra vida — exactamente como seu pae, sua mãe, seus avós, sua irman... Tinham-se esfarelado na terra

creadora. Era melhor assim. Alma não soffria mais aquellas dores de fogo... Deus não o tinha ouvido, porque não havia Deus. Ella agora descansava. Era melhor.

Nesse monologo obsecante, Jorge d'Alvellos vestira-se. Não choraria mais, para que chorar? O crime? O proprio Mauro talvez ignorasse as consequencias da queda. Era innocente. Todos eram innocentes e cúmplices.

Sahiu. A manhã ia alta. Desceu de bonde para o Palacio das Industrias, encontrou o atelier aberto. O formador — um portuguez de grande gravata de artista — ficara com as chaves. Saudou-o, perguntou-lhe se não passaria mais a estatua em gesso.

Desembaraçando-se do chapéu, Jorge viu a um canto, sobre um pequeno aparador, dois lenços que Alma lhe trouxera, por occasião da ultima visita, dois lenços perfumados de *Malia* e sobrepostos num carinho feminino. Do outro lado, brilhava o espelho redondo na moldura de mogno, graciosamente suspenso: tinha sido o ultimo presente della.

Jorge despediu o homem, foi fechar a porta. Passos afastaram-se, duros, regulares. O formador tinha tirado os pannos que recobriam a figura. Jorge fitou-a, gelado: era como um presagio posthumo e inutil. E subitamente, pularam-lhe do intimo, myriades de angustias suffocadas. As lagrimas vieram com

gritos; elle tinha os punhos virados, convulsos. E a crise foi-se apaziguando pouco a pouco, em lamentações. Elle revira Alma inteira naquelle nú de sepulchro. E dizia, chorando para a estatua:

— Pobre! Pobre!

Resolveu fazer dalli o tumulo de Alma. Comprara o terreno exiguo do Araçá, junto á sepultura do avô.

E agora, manhãs, tardes e noites perdia-as num carinho enternecido, no vasto atelier.

Recebera da Italia uma carta e uma photographia de Mary Beatriz, magra, num tailleur inteiriço de inverno. Mandara-lhe tambem um registrado: foi ao correio procural-o. Era um livro de arte que abria com o testamento de Rodin. Começou a lel-o e forçando-se um pouco, collocou o retrato sorridente sobre a chiffonnière abaulada, por traz de um bronze.

Sentia-se arrasado para novos empreendimentos de vida. Sem Alma, ficava como se estivesse incompleto, provisório, desharmonico, partido pelo meio. O seu consolo era fechar-se alli, com a estatua da desaparecida.

Pretendia apenas recobril-a, onde ella se santificasse num sudario, os braços para o ceu inutil, deixando adivinhar o corpo no martyrio dos ultimos dias. O rosto gelava: era a morte.

Levara para lá uma recordação da Santa Casa, um volumezinho da “Imitação de Christo” que o capellão lhe dera — envelhecido por longo manuseio. Abrira-o uma vez e lera: “Toda a vida de Christo foi cruz e martyrio e tu queres que a tua seja descanso e alegria. Erras, enganas-te se neste mundo buscas outra coisa mais que o soffrer tribulações, porque toda esta vida mortal está cheia de miserias e cercada de cruces”.

Levantou-se, caminhava inquietado. Uma vaga luz tremia em seu fundo supersticioso.

— Se pudesse rever Alma! Este enigma de mundo!

Abriu de novo o livro em outra pagina: “A cruz reconciliou o ceu com a terra que estavam em lucta. Da arvore da cruz brota o pomo da vida que se perdera no paraizo terrestre; do seu tronco mysterioso rebentam vigorosos ramos que penetram no ceu”.

Jorge sentia-se, com surpresa, invadido de esperança e perguntou a si mesmo:

— Porque havemos de ter essa credulidade? Porque ha em nós, no fundo, qualquer coisa que sempre crê, que sempre espera? Essa

qualquer coisa parece que não é o nosso corpo, é uma scintilla íntima que tem vida á parte.

Mas ao consolo trazido pelas reflexões vitalistas, foi-se succedendo mansamente uma grande sombra de tristeza. Se Deus existia, se a scintilla que reside em nós não era mortal teria que prestar pesadas contas á Justiça Divina. E foi para o seu quarto, tomado de um mixto extranho de volupia espiritual e de medo.

Uma noite, o esculptor demorara-se na Praça da Republica, num banco, ao lado de arvores. Mais do que nunca, sentia a tristeza do seu abandono. Alma não vivia mais. O remorso voltava. Elle queria fugir, distrahir-se, mas as recordações agarravam-no pela gola. Porque? Porque não estivera sempre ao seu lado para conter o impeto dos braços malditos de Mauro inesperadamente retornado. Antes o tivesse denunciado. Seria dez vezes melhor. Ella tinha dito tambem ao medico da Santa Casa que escorregara da escada. E agora não vivia mais! Levantou-se de um salto. Como? Mas como?

Andou. Sentia a loucura chegar. Tinha todos os corredores do cerebro habitados.

Pisou de repente na borda de um canteiro, o trauma physico sacudiu-o. O ar da noite pessoas que passavam conversando, a sua propria marcha dissolveram-lhe a obsessão embolada na cabeça.

E comprehendeu como havia gente que falava sozinha pelas ruas e gesticulava á tôa, andando.

Depois do enterro, elle regressara uma vez ao sobrado velho da Rua Scuvero. Milagre tinha ido ver a morta, vestida de Nossa Senhora, no caixão do necroterio.

Elle reviu o scenario inuitl do romance extincto, pediu á mulher um jornal, embrulhou cinzeiros, o medalhão de onix no fio invisivel de platina, um renard antigo, dois aneis. Disse a Milagre, numa generosidade enternecida, que a roupa era para ella. Mandaria buscar os poucos moveis, os tapetes e as cortinas.

Ficou ainda alli, olhando os objectos familiares, o linho desembaraçado das gavetas,

depois levantou-se, fez as contas com a mulher e partiu.

A libidinagem, entretanto, coruscava em meio daquelle derrocamento. Jorge d'Alvellos havia passado dois mezes de castidade. Os seus trinta annos idos, a sua vida sexual regulada na Europa e depois com a aventura que terminara tão mal, não lhe permittiam mais a frequencia humilhante dos bordeis ou a caça cynica ás migalhas do amor de aventura. Casar-se... Pensava em Mary Beatriz, mas repellia a idéa como se fosse uma injuria á memoria da morta. Voltar para a Europa, desorganizada pela guerra, e num impeto de satyro, macular corpos innocentes, comprar virgindades nos beccos, seduzir, gozar...

Uma das tardes geladas daquelle começo de Agosto, Carlos Byron apparecera no atelier, a paradoxar elegantemente a proposito das theorias de Freud. A libido era tudo: a libido é que fizera o mundo e que o continuava numa retesada volupia. Tudo copulava e, mais, tudo era copula: sentimentos, religiões, anedotas...

Nos dias que vieram, de incontida violencia carnal, Jorge desejava espojar-se sobre a

japoneza que lhe trazia o café pela manhã, sobre a vizinha, uma oxygenada, amante de Bruno de Alfenas, sobre a filha morena da porteira, de onze annos... E fungava, de dentes unidos, o cerebro fechado na obsessão espasmodica:

— A libido é tudo! A libido é tudo!

Vinha-lhe depois uma sensação enojada de miseria physica. Tinha somnos maus e no dia seguinte, dores de cabeça, cançãos. Aquella situação não podia continuar assim...

Ao pôr a chave na porta enorme de ferro do sobrado da Avenida São João, Jorge d'Alvellos pensou na luta impotente que mantinha contra o sexo. Iria poluir os lençóes em sonhos idiotas. Hesitou. Depois, subiu lentamente até o Largo do Paysandú, com automoveis parados e um ruído de vida alegre, ao lado dos theatros. Tomou por uma rua quieta. A' porta de uma casa, estava uma mulher magra, de saias curtas e cabellos de bebé. Elle parou. Atraz, vinha um casal burguez, deixou-o passar. A mulher chamava um cãozinho pelludo que insistia em cheirar a sarjeta. Conversou com ella, perguntou-lhe o nome do cão. E tentou entrar. Mas ella olhava-o, séria, num subito receio, e disse com delicadeza:

— Non, monsieur, je suis occupée...

Jorge tinha o chapéu enterrado na cabeça, os membros lassos, o olhar fixo.

— Bien... Au revoir...

Subiu a rua. Voltou immediatamente e foi se deitar.

Milagre viera agora vel-o no Palacio das Industrias. Sabia o caminho que Alma lhe indicara uma vez.

Tinha se empregado numa casa de familia, morava num quarto do Piques. Trazia alguma coisa de Alma: os sapatos altos, a camisa de bordado fino.

Jorge fitava-a, subitamente despertado. E perguntou-lhe a idade.

— Trinta e um annos...

Entabolou uma conversa ôca, procurando interessal-a. De pé, Milagre olhava-o com olhos expertos. Elle levantou-se, foi até a porta que ficara entreaberta, cerrou-a, deu volta á chave, veiu sentar-se no divan e, ao passar por ella, reçou-lhe no corpo de cavalla.

Milagre afastara-se: dava-lhe as costas. Foi olhando as figuras da parede, nús, torsos, estatuas. Parou em frente a um estudo de satyro que ficara esboçado a crayon. Riu-se do membro desmesurado. Jorge aproximou-se. Foi uma vertigem. Apanhara-lhe na bocca o beijo sujo, adstringente, pequeno.

Envolveu-a. Ella tinha os meudos olhos deslumbrados, as mãos quentes. Veiu trazendo-a sem resistencia.

E notou que Milagre tinha as pernas esbeltas de Alma e trazia uma calça de rendas da morta.

Sentia agora em toda a sua hediondez a desgraça moral que o devorava.

Deixara de ir ao Palacio das Industrias, com medo de rever a mulher que tivera num espasmo subtil e doloroso, nas calças de Alma.

Ficara manhãs inteiras no quarto, a ler, a rodar, a descobrir pela janella o estirão de ladeira, com arvores nos canteiros de gramma, entre os asphaltos largos. Automoveis passavam businando; bondes lá em baixo cruzavam-se. E desfilavam mulheres, escolares, prostitutas, mendigos — era o seu drama de grande espectaculo. Havia uma sorveteria em frente, quasi ao lado do Conservatorio: um sujeito gordo e sujo bocejava e servia lentamente os freguezes, tirando o troco de uma bolsa a tiracollo.

Fazia vir o almoço alli mesmo, comia sem os antigos cuidados de limpeza. Quando sahia,

voltava logo. O ambiente de velha estima, decahia. Deixara mesmo de fazer encerrar o soa-lho.

Aquella noite, numa obsessão, abysmava-o a aventura com Milagre. No instante do grande aviltamento, em que elle a possuira nas roupas intimas da morta, alguma coisa gritara-lhe do fundo do sêr: — Não! Não! E elle consumara o acto abjecto.

A ausencia de punições sociaes para o crime de Mauro, tornara-o inquieto, desharmonico. A sua consciencia exigia tribunaes. E tirando do peito a medalha em que Alma lhe deixara o seu antigo riso serio, exclamava exaltadamente:

— Porque não me matas, querida! Mata-me! Vinga-te em mim! Eu te daria o coração em pedaços... Mata-me!

Se, ao menos, pudesse adoecer da chaga moral que o invadia todo, morrer disso como

um morphetico de sua lepra. Mas não. A Justiça Divina movia-se. O seu castigo seria outro, bem peor.

Enrodilhado numa cadeira, na noite velha, Jorge d'Alvellos pensava na possibilidade de ter engravidado Milagre.

Reunia numa extranha composição a figura de mulher á paizagem tragica de Areias e sentia, numa transposição da propria desventura, sob um vasto ceu de queimada, o trabalho invisivel das formigas.

Um filho com esse monstrengo que juntava todas as miserias neutras da vida.

Um filho! Ella perseguil-o-ia. Obrigal-o-ia a adoptal-o, a crial-o. Seria forte, gordo, idiota. Vaias infinitas vinham-lhe ao ouvido, pertinazes, dilacerantes. Era a vingança triumphal da assassinada: como ella riria no inferno!

Jorge levantou-se. Estava lavado em suor.

— Que idéa! Que idéa!

O plenario dos diabinhos meúdos, com sapatinhos de vidro, reunira-se para julgal-o. No centro, o juiz de barrete vermelho e tendo uma mancha na toga, apontava-o.

Elle esperava, cheio de presentimentos. Estava de pé, havia guardas em torno, atraz, na porta. A mancha era uma caveira que guinchava, pondo a lingua. Vinha-lhe uma vontade cega de gritar, de dizer desaforos. E o diabinho juiz esticava o pescoço de tripa, perguntava-lhe:

— Quer matar tambem?

Elle tinha os olhos seccos, fixos. O diabinho proseguia, com gestos de convite, fazendo toda uma mimica postica de discurso.

— Venha, atire-se, de ponta-cabeça. Venha! E' bom...

Estava no chão, estirado num doloroso cansaço syncopal. Levantou-se. Tinha um inchaço na frente, que batera, no tombo, contra uma quina de movel.

No entanto, a imagem adorada de Alma vacillara da sua primitiva fixidez.

— A vida é viva! gritara ao esculptor, num encontro de rua, o impagavel Barrinhos, risonho, baixo, nervoso.

E elle repetia no silencio do atelier:

— A vida é viva...

Cerrou o volume religioso. E ficou alli, no divan, a pensar no pequeno cemiterio que guardava na alma, sagrado, inviolavel á torrente da vida. A amante morta jazia no fundo subterraneo do seu sêr, no inacessivel fundo — immortal, perenne companheira para as noites de solidão, para as horas amargas. Que importava trahil-a? Era o corpo que trahia, a miseria physiologica, um apodrecimento disfarçado de cellulas, a lutar contra o inexoravel caminho que as havia de desagregar em sêbos pestosos e gazes e liquefacções e pó no escuro de um jazigo.

A scentelha eterna restava fiel ao compromisso assumido.

Jorge teve um sorriso illuminado e triste. Voltava-lhe persuasiva, tentante, a suggestão theologica de que o corpo, como a semente, precisa apodrecer na terra para florir e fructificar.

Encontrara-se aquella noite com o musico Torresvedras, sempre mudo, sempre lento, no seu terno grosso e côr de burro, sob um chapêlo preto de artista. E puzera-se andar com elle pelo Triangulo.

Carlos Byron regressara do Rio, onde tinha passado um mez. Assistira a um baile fluctuante, a bordo de um couraçado e descrevera-lhe a festa num impressionismo: os reflexos da bahia haviam feito de Guanabara, Veneza á noite, vista com vidros de augmento, e os flirts nos canhões, com officiaes ingenuos e fortes pedindo beijos ás moças...

E levara-o inutilmente aos cabarets na roda alegre de Mario de Alfenas.

Era outro mundo o de Jorge: o mundo que presentia em Torresvedras, guardando thesouros immensos de sonoridade, de realisação, correntes de força, de magia, de amor, no silencio vagaroso do seu passo, — fechado como a *Peau-d'âne* da fabula naquelle terno ridiculo de casemira felpuda.

Foram andando e toparam de repente no Viaducto com a figura desengonçada e viva, buliçosa e espiritual do pintor Lino de Albuquerque, chegado de Paris. Era um menino quasi, nos seus vinte annos ageis e sonhadores. Abraçou-os expansivo, dizendo logo:

— Vou morar aqui. São Paulo é estupendo! Hontem, depois do baile no Automovel Club era pura Londres. Só cartolas e o fogg... Sabem, chegou minha pequena do Rio, a Lolote...

Naquelle tumulto confiante, Jorge d'Al-

vellos reviu-se aos vinte annos na primeira investida da vida, em Roma.

Lino contava o desembarque da mulher, por engano, na estação do Braz e depois fez, num arremesso de gestos:

— Estou contente. São Paulo é estupendo. Amanhã, installo a Lolote. Vou fazer um album intitulado “Nos bordeis da America”... estudar os Anjos da Terra, vocês conhecem essas senhoras que posam Murillo nas rotulas...

Partiu num alvoroço de risos. Ia á Rotisserie visitar uma familia.

Os dois sorriam andando, empolgados por aquella effusão dyonisiaca, solidarios com o artista creança que tambem tinham sido. Mas Jorge entristeceu-se dizendo:

— Como a vida canta em ti! Como a vida ha de chorar dentro de ti!

Foram a um circo na Barra Funda, com fanfarras, palhaços, trapezios, pantomimas. Voltaram a pé. Uma mulher alta e flexuosa passou, seguiram-na. Depois deixaram-na. Tinha chegado ao Viaducto central. Jorge veio acompanhando o amigo. No parapeito da ponte, sobre o Anhangabahú, havia ajuntamentos escuros. Para os lados da Luz, uma fogueira elevava-se sobre as casas no ceu ardente. Carros de bombeiros tilintaram na distancia.

Jorge despediu-se e desceu para o quarto, murmurando:

— A vida... um circo, uma mulher, um incendio...

Compuzera o pannejamento ligeiro da estatua de Alma, a recobrir-lhe a descarnada nudez. E passara-a para o gesso, com outro formador, italiano longo e triste.

Ia desnudal-a num domingo. Carlos Byron promettera levar para ver o trabalho um critico de arte, collaborador e correspondente de jornaes.

A estatua, ennovellada num bloco informe, fôra transportada para um pavimento isolado do Palacio que abria dois quadros de janellas largas sobre a cidade. De um lado, via-se o Cambucy, panoramico, extenso, com a sua capellinha de Lourdes em alta miniatura, sob o ceu sereno, do outro, era a elevação do casario do centro, onde as torres de pedra da Abbadia de São Bento subiam direitas, no ar lucido. Os dois trechos recortavam a nitida manhã, emmoldurando-a nas janellas.

E numa alegria innocente, o esculptor trabalhava.

Num veston de velludo, trazido de Roma, pendurando-se á escada aberta, adeantava o escalpellamento. Tinha retirado uma grande parte da fôrma — e o dorso velado da figura saltava já, branco, numa grande harmonia presentida.

Jorge d'Alvellos continuava, integrado pela primeira vez depois de desastre, na alegria de crear. O formão, dirigido pela mão leve e certa, revelava detalhes, compunha trechos de movimento, tirava pedaços de vida sepultada na massa. A's vezes, o esculptor parava para arrancar as ligações de ferro que cingiam todo o bloco, e partes inteiras da fôrma, agora inutil, desmoronavam aos pés da estatua. Descobriria quasi toda a figura e enervava-se em cima, num carinho, atacando de frente o rosto, numa ancia de tiral-o daquela suffocação inerte. Forçava cautelosamente o formão até attingir o trecho colorido em rosa, annunciando a presença immediata dos relevos.

E a estatua sahiu do soterramento, moveu-se, livre, morta. . .

O artista descido contemplava-a. Quanto a grêda, o bronze e o marmore eram a vida espectacular das formas, o gesso era a morte empedrada. Alma estava alli, branca, de pé, cinerea, sepulchral, num passo curto, de

braços infinitos. O rosto ria um riso de outra vida, perturbador, gelado.

Mas ouviram-se vozes. O esculptor foi á porta. Subiam pela escada provisoria Carlos Byron e um senhor petulante num fraque preto. Trazia oculos e fumava. Carlos apresentou-o: era o critico.

Haviam-se calado deante da esculptura. Jorge perscrutava-os. No amigo elegante, bello, desenvolto, percebeu logo uma sympathia radiosa pela obra; mas o jornalista emperrara num exame attento, descoroçoador. Disse afinal com significativo desprezo:

— Isso é futurismo...

Jorge teve uma angustiada surpresa. Depois, tentou explicar. Era moderno, quizera pôr a sua nota pessoal. Auxiliado pelos recursos de cultura de Carlos Byron, defendia a estatua.

O critico continuava insensivel á suggestão emocional. Jorge então abateu-se num grave mutismo colerico.

Despediram-se. A' porta, Carlos Byron disse que o viria buscar para um passeio a Santos.

Estava de novo só.

Até a arte lhe negavam! Conseguira até agora vender somente aos amigos. Com isso se mantivera. Uma tristeza cortante possuiu-o. Sentou-se, olhando para Alma rediviva no sudario de gesso.

Como todo artista, acalentava a confiança ingenua do seu valor. Consentira effusivo naquella visita. O espirito do poeta precisa de espectadores, mesmo que sejam bufalos, dissera Frederico Nietsche.

Uma manhã, em Roma, fazendo uma grande estatua da Dôr, no acabar festivo das mãos de grêda, sentiu uma imperiosa necessidade de apotheose para a obra terminada. A casa toda dormia: era um domingo. Sahiu até a porta da rua. Um lixeiro varria as pedras. Chamou-o, fel-o subir, respeitoso, pensando que era para retirar immundicies do interior. E o artista perguntou ao homem que pensava da estatua.

— A me, mi pare bene, signorino. Cosa rappresenta?

—Il Dolore.

— E' vero. Per questo ha le mane cosi...  
Sembra dolorata, sembra dolorata...

O lixeiro entendera, o critico não.

— Oh! war ich nie geboren! murmurou  
Jorge d'Alvellos.

Era a phrase de Fausto. Sim, antes não tivesse nascido. Veiu-lhe como que um resentimento tardio de sua pouca fortuna. Outros haviam sempre tido casas, repousos entre arvôres, conforto, familia... Elle, que tinha sido até agora? Um va-nu-pied! As encomendas que tinha davam-lhe apenas para viver. Precisara emprestar dinheiro a Carlos Byron para pagar s despesas occasionadas pela morte de Alma. E negavam-lhe mesmo a arte!

Uma revolta fez estuar-lhe o sangue. Levantou-se, atirou uma martellada mortal ao elevado centro da estatua branca. Os braços cahiram como azas.

Tinha terminado a devastação. Permanecera no sócco, pondo para fóra esbeïçamentos de estopa côr de ossos na junccão alva dos joelhos, a parte movimentada das pernas, as pernas altas, de Alma.

O artista ficou offegante. Sentia o rosto molhado, a bocca repuxada de lagrimas. E ante a belleza que ficara naquellas linhas em ruina, teve o impeto de cahir de joelhos e supplicar a misericordia collectiva para a obra-prima mutilada.

Jorge fizera uma desabalada corrida com sentinella á vista e resolvera parar, entregar-se.

Tinha a consciencia fatalizada dos condemnados irremissiveis e monologava na sombra: Entretanto, tua vida poderia ser bôa. Tu a estragaste com uma pertinacia de doido, ella, a filha unica! Vê como ficou tudo em cinza... Escuta os baques de desaterro que estrondam dentro da alma! São os ultimos amparos do teu destino...

Recomeçara a trabalhar, num odio subito contra a cidade que parecia negal-o, insensivel, quando não hostile pela estupidez dos seus criticos. Planejara um immenso relêvo, grande como as "Portas do Inferno" de Rodin, de que o Penseur era um simples detalhe. Faria "O Limbo" — um quadro gigantesco de aspirações contrariadas, de desejos inviaveis, de coleras mortas no nascedouro, abortos de pensamento, de vida, de acção, de poesia.

Desenhara no chão do atelier, o esboço marcando os grupos, as attitudes, as figuras.

Ia armar os primeiros elementos da maquette, mas ergueu-se numa subita perturba-

ção. Foi lavar as mãos grudadas de greda a um dos baldes de agua do canto. E pensou de novo no deserto em que o deixara a terrivel aventura. A ausencia da companheira accentuava-se com o tempo, trazia-lhe tristezas de horas inteiras, acabrunhamentos indiziveis, mortaes.

— E' impossivel! E' impossivel!

Entretanto o atelier compuzera-se de novo, com a imprevista chegada a Santos de dois grupos monumentaes e um Retrato de Antepassado -- talhado sobre um medalhão em plenos de ferro. Eram trabalhos de Roma, que elle encarregara um amigo de mandar. A demora da vinda fizera-o esquecel-os.

Naquella manhã, Lino de Albuquerque que entrara num tumulto, extasiava-se ao lado de Torresvedras. O primeiro grupo era uma "Vingança de Fauno", alta, construida em attitudes claras, lembrando a terra pre-homerica. O outro impressionava. O artista chamara-o "Descida". Era uma suggestão de scena santa — Christo desmantelando-se, de cabeça pendida, enorme, o pescoço esticado, a bocca aberta e horrenda, os olhos apenas de

uma serenidade amortecida. O grupo construía-se num grave rigor architectonico, unindo Virgem e cathecumenos, carne na carne, ao Deus morto que amparavam.

— Maravilha! gritava Lino de Albuquerque — maravilha! Quando digo que São Paulo é estupendo! Ora vejam se um pernambucano podia fazer isto, entender isto!

Olhava rindo para Carlos Byron que tinha a familia originaria de Pernambuco.

Palrador, incontido na sua effusão de vinte annos.

— E' um delinquente! E' mais que genio!

E contou reminiscencias de viagens, fez phrases, aneddotas.

Carlos Byron agora insistia na ida de Jorge a Santos, com o grupo, afim de festejarem Torresvedras, que obtivera pensão do governo, para estudar musica em Paris.

— Elle dará um formidavel concerto na Ilha Verde, onde o Claro tem casa.

Jorge accedeu com sympathia por Torresvedras. Este chegara-se a elle, interessado:

— Você está triste, homem!

— Esta vida anda durando muito... respondeu o esculpior, estirando os braços nervosos.

Os outros protestaram. Lino de Albuquerque exclamava:

— A vida é boa. Eu estico a minha como uma bala puxa-puxa. Outro dia, a Lolóte quiz assassinar-me com uma pua desconhecida no faqueiro da familia. Fiz escandalo. Chamei o gendarme. Foi presa, naquella ambulancia de presos.

Jorge apromptou-se e deixou o Palacio com os outros.

Hypocondriaco, quebrado de dôres absurdas, o esculptor sahiu á tôa pelas ruas. Não iria ao atelier aquella tarde. Sentia-se fraco, indisposto. Lembrou-se de que o director da Revista do Brasil mandara-lhe pedir por Carlos Byron photographias de trabalhos seus e notas biographicas. Subiria até lá, a ver o que desejavam fazer por elle.

Chegara ao Theatro Boa Vista, ia subir ao andar superior. Um homm estava parado na calçada: era elle, o desconhecido, na sua imperturbavel mocidade. Tinha um feltro claro, o collarinho alto, um water-proof elegantemente enrolado no braço.

Invadiu Jorge uma vaga vontade de destruil-o, estava armado...

Depois, como estacasse, teve medo de ser percebido pelo outro. Escondeu-se á entrada

do theatro, com cartazes na porta. E ficou alli, olhando para o homem, como para qualquer coisa de enorme na sua vida, qualquer prodigio funesto e invencivel, contra o qual nem pudera lutar. Era como um raio, um castigo supremo, uma força obscura da natureza ou do destino.

Na sua analyse angustiada, o esculptor percebeu que elle era bello.

Teve uma vontade enorme de fazer parar os transeuntes, apontal-o, discutil-o, indagar se os outros achavam nelle alguma coisa de sobrenatural que lhe dêsse o direito de amontoar ruinas assim.

O homem despegou as pernas balouçantes, finas, na calça cinza; andou indifferente, dobrou a esquina da Rua do Rosario.

Jorge seguiu pensando como encontraria o outro, o assassino, Mauro Glade.

Na garôa vermelha, accesas em fôcos irregulares, nos bicos de luz dos combustores, o artista caminhava.

Trabalhara o dia todo, sahindo apenas uma vez para comer num hotel das vizinhanças da Estação do Braz

Desde a tragedia maxima de sua vida, não tivera um dia de tão grave labuta material. Haviam-no forçado a mudar de sala, por causa da exposição annual no Palacio.

Começara cêdo o trabalho brutal da transposição das estatuas e dos cavalletes para o pavilhão superior, o mesmo onde destruiu a estatua de Alma.

Interrompera tudo com o cahir funerario da noite sobre a Varzea. E no crepe gelado daquelle bastidor de inverno extemporaneo, fôra olhar do alto torreão, as luzes encarvoadas dos bairros interminos e, por cima, o paredão encasurado do centro, com mil janellas baças.

Permanecera em repouso no divan do atelier improvisado até mais de dez horas. Sahira com frio no agasalho fraco do seu velho capote de Roma.

Não encontrou ninguem na Varzea. Mas subindo, no desconforto do scenario pobre de casas baixas de uma ladeira, passou por elle, soluçando alto num lenço, um vulto magro, de casquette. Parecia um vagabundo adolescente de estampa.

Jorge parou, vòltou-se interessado, vendo-o abrandar os passos.

Era um pequeno de grandes olhos e rosto moreno. Tinha um braço em tipoia, duro e enrolado. Obstinava-se no choro falso que começara:

— O soldado não quer que eu peça esmola... Disse que me prende...

No claro, Jorge percebeu-lhe a bocca polpuda e vermelha de mulher, recortada sobre dentes alvos e grandes, os olhos pestanudos e canalhas:

— E esse braço?

— Foi meu pae que me deu uma paulada. Eu cahi... Estive na Santa-Casa.

— Venha commigo.

O rapazola de casquette e o artista subiram. Um grupo de homens encontrou-os e todos os olhos se fixaram no adolescente imundo. Jorge sentia, inilludível, crescente, victoriosa dentro d'elle, uma presciencia de diabolica ventura. Trancara todas as portas do cerebro aos raciocinios. E caminhava ao lado do mendigo como se levasse para o primeiro encontro uma mulher amada.

Na Rua do Carmo, um typo de barriga e bigodes, num sobretudo castanho, fitou-os num espanto cynico.

Jorge affroxou a marcha. Veiu-lhe um absurdo terror de se ver denunciado do acto que meditava. Passos resoavam atraz d'elle. O homem de barriga e bigodes, no sobretudo, passou, olhou numa verificação cheia de desaforos. Acreditara talvez ser uma mulher desfarçada o maltrapilho lindo sob a casquette. Parou entre arvores, á entrada do Largo da

Sé, por onde elles iam, para ver novamente. Jorge adivinhou-lhe todos os pensamentos. E a sua volupia cresceu.

Atravessaram o Triangulo distanciados.

O homem partira. Estavam em frente ao Conservatorio. Jorge abriu a porta pesada. E sem dizer palavra o vagabundo entrou.

Amanhecia.

Fel-o calçar velhos sapatos, trazidos da Europa. Elle embrulhou os outros, amarellos, de elasticos, escarnados nas pontas. E partiu.

O esculptor deitou-se pensando em começar bem cedo, na manhã gelada do novo atelier, a estatua monumental do seu "Santo Satyro" que projectara uma vez em Roma, nos bons tempos idos. Depois... o vagabundo voltaria, seria o seu modelo. Elle abrandar-lheia a carne aspera, laval-o-ia, fal-o-ia seu...

Na noite seguinte, mordido de remorsos inuteis, Jorge deixou o Palacio mais cedo, para não encontrar o mendigo cynico.

E elle lá estava na ladeira, agora cortada de transeuntes, sentado a uma soleira de porta confusa. Vendera de certo os sapatos do esculptor, pois tinha encarrapachados sobre a lama da calçada, os mesmos pés amarellos e rasgados da vespera. Baixou repentinamente a cabeça aos joelhos unidos, escondendo, sob o escudo da casquette, o rosto lindo e o braço partido.

Jorge d'Alvellos sentara-se ao fundo da barca trepidante que conduzia os convidados para a Ilha Verde, na noite rumorosa de estrellas.

Claro Dutra ficara em terra para levar as mulheres em outra lancha. E além d'elle e dos homens do motor, iam naquella embarcação, Carlos Byron, Torresvedras, Lino de Albuquerque e Bruno de Alfenas.

A praia, em circulo de areia, despejava laminas de claridade sobre o mar encrespado.

Havia milhares de estrellas, algumas enormes, ardentes, irregulares.

Os rapazes riam, cantavam. Apenas Jorge d'Alvellos olhava num humor negro a phos-

phorescencia das aguas molles que iam recordando.

A costa esquivava-se ao longe com massas de arvores.

E até o silencioso Torresvedras se deixara empolgar pela magia da noite scenica. Na sua voz de barytono, lamuriosa, cantante, trauteava uma canção do Brasil que compuzera. Cessou. Houve um tumulto de risos. Bruno tinha feito uma partida a Lino de Albuquerque, que protestava. Este agora lançara com a voz anasalada, saudosa, uma cantiga gaucha.

Para Jorge d'Alvellos, humilhado, recurvo, amarfanhado no seu canto, tudo amargava. Olhou o amplo ceu e viu uma estrella vacillar, cahir sobre as aguas. Tinha uma alma de losna: todas as fontes da vida estavam envenenadas para elle.

Sobre o mar, a voz de Lino cantava.

O carnaval chegara com guinchos, pandemonios, de cornetas e bombos.

Pelas ruas, começavam os atravancamentos de vehiculos adornados, anormaes, a impor a festa que o calendario marcava.

No domingo, Jorge sahio ao léo, de capa sob o braço, receando a chuva que o ceu indeciso annunciava. Desceu ao Palacio das Industrias, encontrando pelo caminho sujeitos pingados de alvaiade, com narizes postiços, flores berrantes de papel na botoeira, e sérios, casmurros, fechados, num andar de quem não admitte brincadeiras.

Era o Carnaval de São Paulo.

Por toda a cidade, havia de pairar qualquer coisa de heroico, de solemne. Os prestitos sahiam como procissões, com devotos a seguir os carros, numa convicção tenebrosa, segurando fios coloridos de serpentinas como fitas bentas de andores.

Isso fizera Alma dizer-lhe no anno anterior:

— O Carnaval aqui é sério, quem rir vae preso...

O esculptor teve os olhos obscurecidos de agua e seguiu.

Deixara momentaneamente todo trabalho. No atelier apenas se comprazia em ver, completar, affirmar a maquette iniciada do relevo. Subiu as escadas, fechou-se.

Lá fóra, na rua chuvosa e festiva, passavam ás vezes sons idiotas de cornetas.

Na noite cahida, veio pela Varzea com bondes illuminados e gente aos grupos. Pierrots lamentosos passavam. Um sujeito de barbas postiças mostrou-lhe uma enorme bengala de papelão da plataforma de um bonde. Um apache sem mascara deu um pincho desgracioso para o lado d'elle e accendeu-lhe uma luz no rosto. Um menino com a cara suja de rolha estendeu-lhe na mão tres serpentinas utilizadas e pediu-lhe um tostão.

A população na Ladeira João Alfredo adensava-se. O artista desviou-se do Triangulo: entrou para comer alguma coisa num restaurante do Largo do Palacio. Serviram-lhe demoradamente um menu brasileiro. Pedira o melhor vinho da casa: trouxeram-lhe uma garrafa de Bordeaux. Deshabituaado pela longa abstinencia, achou azedo o vinho no primeiro gole; depois com a comida secca, foi mudando de paladar; e agora, num subito conforto physico, olhava a vida.

A sala do restaurante estava quasi deserta. Garçons portuguezes de bigodeiras passavam, serviam. Elle notara, installado a uma mesa da entrada, um homem conversando com um dominó amarello. Tinham acabado de jantar e o dominó baixara a mascara. E parecia-lhe que o não perdia de vista. Devia ser um homem alto. Se fosse Mauro Glade?

Jorge, logo depois da morte de Alma, pen-

sara na possibilidade de um encontro funesto com o assassino. Mas a hypothese perdera-se com a normalidade quotidiana da vida do esculptor.

O mascarado olhava-o sempre. Seria o bandido? O bandido...

Jorge d'Alvellos constatou que tinha no bolso da calça o pequeno revolver Browning, trazido da Belgica. Sete balas!

O dominó pediu licor; bebeu suspendendo cautelosamente a mascara. Não era. O companheiro pagou, sahiram.

Jorge ficara só, na sala, onde as mesas vazias punham a sua nota de toalhas brancas. Pelo chão, havia confetti, destroços de serpentinas. Lá fóra, o carnaval rodava.

Viu a nota, liquidou-a e foi tambem para a rua.

Esquecera-se de tomar um licor. A lingua guardava um travo do vinho que o café ralo, servido numa grande chicara, não apagara. Estava no tumulto da Rua 15 de Novembro. As carruagens, regressadas do corso, succediam-se de vagar, parando, indo em cortejo, no estreito corredor que a multidão acotovelada lhes deixava.

Um mascarado ruivo, gingando, interpe-  
lou Jorge:

— Você me conhece, palheta!

E o esculptor incorporado insensivelmente ao batuque colectivo, na mesma marcha automatica de cem mil pessoas andando, na zanzarra desencontrada, informe e constante, foi pensando.

Automoveis de luxuria e carros altos, inflammados, paravam na gloria das luzes e das trompas. Mulheres encarapetavam-se aos grupos, revelando pernas elegantes, a dizer, a contar que, naquella hora, um toldo de taxi valia um throno e um loup divinisava.

E corpos juvenis esmagavam-se docemente contra Jorge d'Alvellos, no aperto geral e risonho. Esbarravam na suas, mãos suadas de moças, braços suados; sob as saias, iam pernas suadas tropeçando...

Continuou aos esfregamentos, ás atracaddellas. E foi envolvendo-o, persuasiva como uma revelação, a volupia premeditada e conseguida que ia alli, nos carros sensuaes, com nús quasi despídos, nadegas curvas, aberturas desenvoltas de pernas. O mesmo fremito passava nas boccas rubras, nos seios entrevistos por inteiro, no cheiro adivinhado das axillas. Carroções uniformizados atravancavam a arteria urbana. Delles sahiam cantos de vozes femininas. E Jorge só viu pares unidos, enlaçados, promessas de beijos e contactos.

Encontrou uma confeitaria ruidosa, entrou.

E enquanto esperava o garçon a uma mesa do fundo, um pierrot côr de ouro, palaciano, com oito voltas de tule negro ao pescoço e pon-pons fartos nos punhos, veio para o seu lado, flexuoso, sorrindo com dentes alvos pela bocca vermelha. Dois olhos interessados olharam-no pelas aberturas do loup. Seguiam-no um outro pierrot sem mascara, baixo, desengonçado, côr de rapadura na barba mal feita, e um rapaz inexpressivo e loiro. Sentaram-se alli, a outra mesa. Mas o pierrot côr de ouro gritou-lhe:

— Boa noite! Está triste?

E numa offensiva risonha, convidativa, levantou-se e perfumou-o longamente com o jorro frio de ether. Elle defendeu-se; depois, como ella persistia, correu, sahiu tocado de esperança. Comprou adiante um lança-perfume. Ia voltar. O pierrot sahiu sozinho para comprar tambem. Num tumulto intimo, Jorge atirou-se, conteve-a. Ella reconheceu-o e ficaram alli um minuto, na multidão ululante, longe da vida, num pleno e recolhido lethargo de perfumes trocados, persuasivos.

— Queres vir commigo, pierrot de ouro?

Procuravam-na os dois homens deixados no bar.

Jorge insistiu:

— Vem!

E ella murmurou, numa risonha promessa:

— Depois...

Elle ia seguil-a, vingar-se de todas as tristezas da terra, ter aquella bocca, aquelle corpo flexuoso, que lhe lembrava os modelos de outrora...

Ella atravessara correndo acompanhada de um bando novo de mascaras. A multidão tumultuava. Jorge quiz passar. Mas, no turbilhão de um prestito, com a alta voz dos clarins, o incendio phantastico dos fachos, as patas dos cavallos, viu-se contido, agarrado, preso ao carnaval monstruoso dos outros.

Em pijama, no leito de bronze fosco do seu quarto, deixara escoar-se lá fóra, a longa festa nocturna de segunda-feira. Não pretendia sahir. Para que? O pierrot côr de ouro? Passara, como tudo que promette, que faz desejar, entrever.

Quem não teve um pierrot côr de ouro na vida?

De fóra, da rua asphaltada e larga, vinha um cascadear continuo de vehiculos rodando, arfar de motores, gritos, cornetas.

O musico Torresvedras viera na tarde fina e limpa surprehendel-o no atelier. E sahi-ram juntos, attrahidos pelo imprevisto das coisas, na direcção do Triangulo.

Jantaram num desvão do centro, na descoberta interessada de um restaurante que lembrava ao esculptor casas de pasto de Roma.

Seriam oito horas quando penetraram no redobrado tumulto da terça-feira gorda.

Automoveis e vehiculos voltavam mais cedo da Avenida para a celebração dos prestitos nas ruas centraes. E enrolavam a cidade num desfile immenso, garboso e lento.

Os dois artistas caminhavam na busca innocente do maravilhoso que passava nos carros, com toilettes extranhas, evocativas de sonho, restauradoras de epocas e paizes.

Chegaram ao Largo de São Bento. Tomaram pela grande abertura asphaltada da Rua Libero Badaró.

O curso estendia-se, parado numa subita syncope; e elles divisaram até em baixo, longa, intermina, dobrando esquinas, fazendo voltas inteiras de quarteirões, atravancando os viaductos, a linha desmesurada de allego-

rias rolantes. Pernas enluvadas saham de saias curtas de setim; sobre capotas altas, Colombinas de gaze fechavam num recorte, o encosto dos torpedos arfantes; bouquets de pierrots e pierrettes ornavam pontas de taxis.

E os dois amigos seguiram, bebendo pelos olhos a successão de carros, automoveis, caminhões, que faziam a exhibição processional, sem mascara, da urbe cosmopolita e millionaria.

Subiram. As vias publicas estavam tomadas pelo glorioso desfile: era toda uma collecção victoriosa e intermina de seleccionados na forte vida da America, que se mostrava assim no deshabillé da noite tropical. Os moços cultivados no esporte, atilados no commercio; as moças lindas, esbeltas, com os olhos avivados, as faces pallidas, as boccas carnosas, offerecendo risos, revelavam a mocidade apurada em um seculo de investida migratoria por populações heterogeneas, vindas bater alli, num grande sonho, de todas as partes do globo.

A's vezes, a suburra passava, a pé, bamboleando em musicas nacionaes, o fundo perdido das seducções creoulas de umbigadas e contactos.

As moças, de cima dos carros, olhavam imperturbaveis, apparentando ignorar o convite lascivo dos maxixes espasmodicos. As

suas mães tinham sido possuidas no rendez-vous dos cafezaes, alinhados e verdes. na sombra das officinas, na agglomeração dos cortiços cidadãos, no alarido das terceiras classes de paquetes, em travessias atlanticas...

Ellas tambem saberiam entregar-se, bellos animaes, impassiveis, á espera do macho que viria. Presentindo em cada homem rapado e agil, um irmão de destino e de passado transcontinental, ellas promettiam nos olhos intelligentes, nos sorrisos alvos, nos contactos de carnes solidas, pernas elasticas, seios duros, pelles de sêda, fazer a fecundação victoriosa do futuro, num aperfeiçoamento de raça eleita.

O Brasil velho tambem passava — eram mascarar avulsos, encalistrados nos trajes de roça, ponches melancolicos côr de fumo, chapêlões tristes de palhinha... Eram no paiz flagellado, ronzeiro e bisonho, representantes desmoralizados duma tentativa pungida de esthetica e duma suggestão vaiada de nacionalidade. Acoitavam-se num e outro cavallo feio, á sombra dos grandes caminhões ou perdiam-se na indiferença accentuada da multidão que rodava. A's vezes, juntavam-se em caravanas lyricas, animando-se então na marcha e arrastando empóz rebotalhos de raças vencidas, de povos que desapareciam — e lá iam esmoendo uma demonstração de mu-

sica primitiva e ululante; ou caminhavam nostálgicos, de passo malandro e sentimental; recompondo serenatas inuteis de antigo interior.

Menina, se eu te pedisse  
Um beijinho só de amô...

Jorge pensava dando expansão ao seu instinto de charge:

— Foram os treponemas civilizados de Wilde que escreveram as melhores replicas de Salomé. Nestes versinhos collaboraram de certo o anquilostomo e o baratão barbeiro.

O desfile continuava com chapéus de mago, sacerdotisas, rainhas, Vinicius bellos e togados como no Quo Vadis dos theatros.

Passava de novo a suburra gingando.

E ficava em redor do prestito suave, o povo contente e accommodado, limpo, capaz amanhã, de trepar tambem aos toldos feericos com tunicas e dominós.

Jorge d'Alvellos mergulhou os pés numa poça de lama. Houve risos em torno. Um trecho do passeio havia-se quebrado naquelle ponto e tinham-no conduzido para alli, num *attrape-nigaud* idiota de carnaval. O artista procurou Torresvedras: elle havia desapparecido na multidão.

Jorge d'Alvellos sentiu-se subitamente contrariado. Acolheu-se numa grande timidez

por ter ficado só, a um canto de esquina. Per-  
to d'elle, marmanjos brincavam. Reuniam do  
chão maços fofos de serpentinas e jogavam-  
nos uns nos outros. Um guarda magro, de cara  
angulosa, sob o capacete londrino, investiu. E  
como um dos foliões escapasse por traz de  
Jorge, o soldado tomando o esculptor pelo mo-  
leque, reprehendeu-o, rude, ameaçou-o de pri-  
são.

Ao lado, um homem murmurou um não  
foi elle timido, vendo o esculptor calar-se.  
Jorge tinha perdido toda a serenidade bem  
humorada. Num subito suor, vira grades de  
xadrez.

Foi aos encontrões, certo de que não acha-  
ria mais Torresvedras, certo de que se despe-  
jariam de novo sobre elle cornucopias de hu-  
milhações, de revezes, de maus tratos.

Parara na Rua Direita. Os Bandeirantes  
de Momo vinham pelo Viaducto. Longe ainda,  
as cornetas annunciavam o prestito.

Jorge ficou num aperto de gente. Ia vel-o,  
o desconhecido, o homem que lhe aniquilara  
a existencia, sorrindo e gingando. Era elle de  
certo quem dirigia o prestito, como dirigira a  
sua vida com Alma, ás trombetadas.

Num clarão de fachos, entreviam-se na distancia confusas allegorias. O povo coalhava-se nas calçadas: familias defendendo creanças, mulatas gordas contendo negrinhos espevitados. Por detraz do esculptor, um sujeito alto, de fraque, nariz grande e pince-nez tinha um jornal aberto na mão e lia para duas filhas ,altas tambem, com paletots vermelhos de malha.

— “O Carnaval. Estupendo carro-chefe. Carro que ostenta no meio de magnifica projecção de luzes e de radiante aureola luminosa, o symbolo da folia, do gozo esfusiante, da inebriante loucura carnavalesca”.

Calara-se satisfeito. Jorge pensou que devia ser um funcionario publico, annexo a qualquer departamento informativo.

Os clarins haviam cessado. Agora, chegavam até alli, sons rachados de um maxixe de banda, sinuoso, repinicado, com uma zoadá meúda de pratos, de caracaxás e de bombos. Approximava-se o prestito mais e mais. Parou. Distinguia-se já a commissão de frente, toda de branco sobre cavallos brancos. A musica requebrou num subito frenesi de trombones rebolantes como ancas — e cessou. Da multidão, das janellas entrelaçadas de fios coloridos que se partiam ao vento, gritavam:

— Bis! Bis!

Jorge disse consigo: — As grandes coisas não se bisam.

O prestito continuava a sua marcha pomposa. O esculptor fôra fortemente empurrado para traz, por um magote de pessoas que tomavam o passeio de assalto. Numa ancia, empurrou, varou com os hombros. Havia de vel-o...

E sorridentes, discretos como o outro, barbeados como o outro, bellos como o outro, tirando o chapéu, num meneio gentil, os directores da carnalada passaram. Elle não estava. Antes, estava: desdobrara-se, multiplicara-se em seis, em dez, em doze cusparadas serenas sobre a pobre honra posthuma de Jorge.

Vieram os musicos, enrolados de instrumentos, com cabeças monstruosas de papelão jogadas ás costas, montando burros ordeiros, burros capazes de pedir perdão para passar...

De novo, numa syncope, o cortejo parára. Accendiam-se fachos estridentes em torno do primeiro carro: tomando o horizonte, num enleamento de cores, dragões mantinham até o alto corpos de bacchantes. Bem em frente a Jorge, os clarins impacientes esperavam. Eram nove figuras trajando de arautos, mulatos sem dentes, italianos gorduchos — a escoria philarmonica da cidade. Ouviu-se um apito e pa-

rados ainda os tres da frente, num movimento  
egual, puzeram as trombetas á bocca.

As cornetas cantavam metallicas, mar-  
ciaes.

Agora, os seis outros empunhavam os ins-  
trumentos curtos, direitos, para cima: e de  
novo, um sopro sonoro inundou de epopéa o  
quadro rumoroso e extatico. Naquella dezena  
de notas, cortantes e claras, passavam evoca-  
ções de batalha. Os cavallos tinham olhos tris-  
tes, olhos supplicantes, como se num fundo de  
ancestralidade nervosa temessem o mortifero  
fragor das cargas heroicas.

E rolando por entre gritos e extases, en-  
trelaçados de serpentinas, coloridos de luzes  
maravilhosas, conduzindo nús morpheticos de  
papelão e nús de carne, os carros desfilaram.

**Espezinhado mas immortal!**

Numa ultima offensiva de optimismo, o  
seu optimismo secular, amazonico, invencivel,  
Jorge d'Alvellos entrou numa casa de masca-  
ras para alugar uma phantasia.

— Agora, vamos ver a Santa Casa. Foi o ultimo caminho que ella fez, o ultimo passeio.

O pierrot preto que tinha a cabeça côr de luar, pulando de um tufo rubro de gaze e rodellas vermelhas de botões, parou.

— Não vou. E' o cumulo da tortura!

— Tens medo de soffrer?

— Tenho.

Deixara roupa na casa de phantasias. Trazia apenas comsigo o medalhão com o retrato de Alma, o seu pouco dinheiro, um lenço e o revolver Browning.

Continuava a andar pelo Viaducto de Santa Ephigenia, rumorejante ainda de povo, com pyramides rolantes, cá e lá. Espiou para a festa de luzes que estrugia no Casino Antartica. E o incubo lhe disse:

— Se te atirasses, cahias de ponta-cabeça lá em baixo.

Era um companheiro intimo que o tomara pelo hombro: sabia os seus mais dissimulados segredos, era vago, subtil e tinha a mania de convencel-o.

— Não vaes ao Cemiterio ha muito tempo...

Era longe e triste o Araçá: entretanto, elle obedeceu á suggestão. Estava em frente ao jardim extranho da Memoria. Entre arvores antigas, num arranjo colonial, uma

escadaria erguia-se em voltas até o obelisco secular.

— Uma vez, paraste ahi, com ella, vendendo...

O pierrot preto desviou o olhar. Pelo centro, incendiando as mais altas fachadas, de vermelho, de verde, os prestitos iam ainda. Chegava até elle o canto das cornetas heroicas.

Voltou. Andou em tropelias, em subitas quietudes. Foi por travessas desertas tropeçando.

E de repente viu que tinha sido conduzido á Rua da Boa Morte. No silencio, havia lampeões espaçados de enterro e, lá em baixo, no Braz, um fervilhamento parado de luzes.

Defrontava a casa baixa. A sala tinha ficado aberta e escura. Uma mulher elegante, moça, de chapéu, chegou á janella... O pierrot preto voltou, de hombros cahidos, a cabeça côr de luar para a frente.

E o incubo lhe disse outra vez:

— Agora, vamos ver a Santa Casa...

Havia horas já que elle seguia o rastro invisível de Alma, pelas ruas onde ella anda-

va, pelas casas de armarinho, fechadas em cobertas ondeadas de ferro, pelas confeitarias onde se haviam sentado juntos.

Ia agora rever o caminho amado da Rua Scuvero. Mas um homem e um dominó fizeram-no parar. O homem dizia-lhe:

— Senhor esculptor, como vae? Então...

Jorge reconheceu o critico que o fizera destruir a estatua de Alma e lamuriou um bom dia sem sentido.

— Está se divertindo tambem? continuou o outro. Imagine que massada! E' prohibido entrar nos bailes com mascara, depois de meia-noite e eu não posso desvendar este mysterio...

O dominó que recobria um corpo de mulher, permanecia direito, inteiriço. O critico despediu-se. Jorge dizia-lhe num lamentoso sorriso:

— Sinto muito... Sinto muito...

E poz-se de novo a caminhar.

Bateram-lhe ás costas com força. Elle teve mêdo. Voltara-se andando sempre. Era um sujeito de nariz enorme que chalaceava com senhoras, á porta de uma tabacaria.

— Que pierrot delicado!

Jorge, num subito tumulto de rua, dera um encontrão numa mocinha de cabellos fartos e desfizera-se nervosamente em desculpas. E ella ria com outra, commentando.

Chegou automaticamente ao Largo de São Francisco. Um acampamento barbaro occupava-o. Ao lado da estatua, no fundo, com as engrenagens phantasticas paradas, as boléas núas, um immenso carro desdobrava-se na feerica composição de sua montagem. Pares de mulas adornadas esperavam, atadas ás re-deas. Gente passava retirando-se. Taxis com colombinas de gaze nos toldos faziam voltas suaves; pierrots ornamentaes, em adaga que se abria no tufo do pescoço, corriam galantemente; cavalleiros do prestito morto trotavam pelas pedras. Atraz do grande carro, outros carros destacam-se, abandonados na desorganisação final, processionaes e immensos. Os ultimos foliões desciam para o chão. E Jorge viu alguem agitar-se dentro de uma abobora monstruosa. Estava de pagem. Tinha as pernas della, sob o busto apenas diminuido. E a voz de Alma repetiu-lhe o nome inteiro.

Ella deixara o carro; andava pelas pedras com o mesmo andar... veio para o seu lado: elle teve um impeto de levar as mãos á cabeça e gritar. Quiz sapatear alli, com os olhos engastados na que voltava. Era Milagre.

Parou no Piques. Bondes partiam apinhados. Subiu, andou. No centro, a festa terminava. Prestitos desciam ainda as ruas, de vagar, na desorganização suada do fim, com boleas vazias, cavalleiros a pé, a caminho dos Avernos. A banda montada de um, remexeu um maxixe puladó, picadinho, bem marcado de sons.

Uma maltrapilha que ia conduzindo á cabeça um mólho monstruoso de fitas coloridas, juntadas do chão, gingou. Riram em redor. Empurraram o monte de cá, de lá. O peso enorme vacillou, cahiu — e ella ficou apatetada. olhando Jorge d'Alvellos que passava.

— Bruto destino! Ruidos surdos dentro da alma! São os ultimos desaterros que estrondam... Mas porque me doem tanto os olhos? Parece que querem sahir fóra das orbitas...

Elle ia ao Palacio das Industrias. Parou na ponte de pedra sobre o Tamanduatehy que transbordava em lago, depois dormia em canal para as bandas da Luz. Havia olhos vigilantes de torres, fixos, longe. E lampeões e a cidade e estrellas no ceu... E a correnteza em baixo, redobrada e murmurante.

O incubo disse-lhe ao ouvido:

— Se te atirasses, ias sahir na excrementeira da cidade...

Ao atravessar a palissada, pela primeira vez o esculptor leu numa taboa, sobre o portão, em letras pretas “Palacio das Industrias”. Contornou a immensa e muda construcção em acabamento. Penetrou. No corredor impreciso e largo, erguiam-se maquettes alinhadas como monumentos funereos.

O pierrot preto subiu tacteando as escadas. Entrou no atelier, riscando um phosphoro.

Ao inesperado clarão vacillante, as estatuas tiveram gestos recuados de ameaça. Era a sua obra, desconhecida, da cidade indifferente, que applaudia lá em cima os monstregos trepidantes de papelão pintado, nos carros grotescos.

Jorge procurou a esphinge de gesso que permanecia á cabeceira do divan, levantando no plano do sócco, uma velha lampada romana. Accendeu. A esphinge ficou dourada no rosto, enigmatica, terrivel. E a luz levantou sombras por detraz das estatuas crescidas no atelier.

Houve pelo quarto uma expectativa.

O artista sentou-se. Não temia o phantasma escorregadio que não ousava enfrental-o senão nos momentos de via-sacra voluntaria, pelo calvario que Deus lhe instituiria. O incubo não o levaria ao suicidio. Mas num desanimo resignado, sentia que ia morrer, hoje talvez, amanhã... debaixo das rodas de uma carroça de rua, perdido nas suas lucubrações de predestinado, ou então na fatalidade de uma subita paragem do estafado maquinario interior. Morreria, devia morrer...

Olhou o atelier que palpitava, á noite, nas horas de silencio, toda uma vida inesperada de relevos que falavam, de sombras que se moviam. As estatuas, á luz morta da lampada, decuplicavam de acção mysteriosa, de sublime egoismo, de divinizado amor-proprio. O homem deixara de existir naquella officina de creaturas alvas e grandes. O torso enorme do Fauno revirava-se, o joelho em angulo agudo, erguendo a nympha espedaçada, num desencadeamento de forças homericas.

E a greda modelada parecia falar e denunciar mysterios de outra vida.

Lá fóra, São Paulo rumorejava nos ultimos instantes do carnaval.

Jorge d'Alvellos na sua magnanimidade de artista não se queixava da cidade que o não soubera comprehender e salvar. Era pre-

ciso haver sacrificados como elle e como Alma, desastrados geniaes, estupendos, que fizessem a gloria sangrenta de metropole atordoante, como outróra fôra necessario haver martyres e santos para solidificar-se na planicie callosa de Piratininga, o villarejo de indios e jesuitas.

Naquelle momento de lugubre expiação, sentia que da sua historia e da historia de Alma, jorrava a certeza de que São Paulo era a nova America, na sua significação alta, possante e lyrica.

A lembrança de Alma voltou-lhe como uma queimadura.

Apagou a luz com um sopro. E uma paz de cemiterio desceu sobre as estatuas.

Deitara-se ao divan. O revolver gelado pesava-lhe na mão. E pensou de repente que seria facil acabar com a vida. Apenas puxar o gatilho daquella arma... Se o fizesse!

Encostou o canno ao coração sobre a roupa, como a ensaiar. E divagava:— Se o fizesse... que diriam? que haviam de pensar?

Habitudo ao escuro incerto da sala, viu o braço de sêda, recurvo contra o peito, em posição de apontar. E fatalizado, immovel, olhou a mão: estava dobrada sobre a arma, de dedos encarquilhados. Parecia de cêra e de panno — mão de cadaver, mão de suicida.

Houve uma luz e um baque mecanico na noite. Uma surpresa azeda na bocca... Começara qualquer coisa a gottejar-lhe entre a carne e a camisa. Era sangue, quiz accender a luz, verificar... Mas a sua cabeça sahia de si mesmo para realizar no escuro soluços circumcentricos, desenrolando-se numa espiral monstruosa e levando numa acrobacia gelada o divan e os grupos quietos.

Estava deitado.

Moveu as pernas numa afflicção de viver.

Torresvedras accordou quarta-feira, ás quatro horas da tarde. Ergueu-se dando o dia por perdido. E na solidão em que morava numa travessa da Gloria, esperou a noite chegar para sahir.

Um vendedor de jornaes passou, gritando. Comprou uma folha vespertina. Desdobrou-a á janella e leu de repente: "Madrugada de cinzas — Um extranho suicídio".

Fôra no Palacio das Industrias. O musico comia as lettras com os olhos. "Na ante-manhã, circundado de lampadas esguias, o portentoso Florentino envolvia-se num grande manteau... pierrot de sêda e alvaiade"... O no-

me!... queria saber o nome ... “o soldado que ouvira o tiro apitou arrebatado” “em decubito dorsal, os pés voltados para uma estatua quebrada”... Era elle... Quiz rasgar o jornal que se negava a confirmar tudo... E leu no fim: “Pierrot que ora repousava tranquillo no marmore do necroterio não era mais que um esculptor brasileiro, de nome Jorge d’Alvellos, com trinta e dois annos de idade, recémchegado de Roma. O motivo do tragico desatino foram amores contrariados”.

O folhetim policial da gazeta paulista não dissera a verdade lancinante que foi para Carlos Byron e Bruno de Alfenas encontrarem ainda morno no seu pierrot de aluguel, o corpo hirto de Jorge.

Estavam na Rotisserie, em pleno jazz-band, entre luzes e taças de champagne, colombinas, casacas perfeitas, dominós, brilhantes, quando correu na sala que houvera um suicidio no Palacio das Industrias. Quem trazia a noticia era a propria autoridade policial que tomara conhecimento do facto. Chamado ao hotel para verificar uma queixa de furto, entre um licor e a pres-

sa de partir para o seu posto, agitado naquella terça-feira longa do carnaval, contara o occorrido: não pudera levar medico nenhum ao Palacio das Industrias, pois tanto o legista como o da assistencia tinham tomado, momentos antes de resoar o aviso de crime no telephone do gabinete, rumos differentes e longinquos. Não fôra necessario. vendo o pierrot largado e sem pulso e da ferida gottejar o sangue quasi negro, fizera recolhê-lo immediatamente ao necroterio da Central.

Saltando para a Cadillac que com elles fizera o curso, Carlos Byron e Bruno de Alfenas —— aquelle num torero de sêda, o tricornio largo de veludo e o rabicho; este num dominó negro fechado de alto a baixo — fizeram voar a maquina possante pelas ruas onde os ultimos populares dispersavam, e chegaram num pulo ao edificio aberto e illuminado da Secretaria da Justiça, no largo do Palacio. Homens despreocupados, fumando, enfermeiros de avental e um cabo sentado ao fundo, não lhes souberam explicar quem era o morto. A autoridade estava momentaneamente occupada. Disseram-lhes que podiam ir ao necroterio entrando pelo portão de ambulancias á esquerda.

As duas phantasias correram, procuraram o caminho, enveredaram por elle. Era um

corredor de pedra, descendo para o fundo, entre paredes alvas. Desembocaram num começo de patamar aberto para a madrugada.

Havia neblina nos focos de luz. Uma escada desaparecia á direita, estreita, longa, intermina; e lá embaixo, no escuro, o Braz panoramico faiscava. Elles foram devorando os degraus, Bruno levantava nas mãos crispadas o dominó embaraçante. Carlos Byron procurou inutilmente no escuro vago da Varzea a massa informe do Palacio das Industrias. Desceram um novo trecho da escada, maior que o primeiro — e acharam-se numa entrada aberta de estrebaria. Investiram procurando. Um soldado moreno em mangas de camisa, entre dois cavalos suados, gritou com elles. Explicaram-se. O homem indicou-lhes ao fundo, uma especie de garage baixa, fechada por um portão. Foram indo. Havia sentinellas de pé. Num cubiculo que tinha ogivas verdes escancaradas divisaram sobre uma mesa de marmore, um caixão aberto de zinco.

E dentro num negror de sêdas, o suicida tinha a cabeça cahida para traz, os olhos semi-abertos, a bocca muda.

Haviam-lhe arrancado violentamente um punho de rendas. A phantasia estava rasgada ao peito, a camisa tambem: e sobre a carne nua e alva, devassavam-se-lhe pellos fortes e escuros.

Carlos immobilizara-se, aterrado, chorando baixo, Bruno de Alfenas, lento, respeitoso, no dominó negro, aproximou-se. Retirou uma pasta de algodão do lado esquerdo: estava ligeiramente ensanguentada; curvou-se, limpou o lugar ferido e descobriu no mamilo o ponto avermelhado e molle da penetração da bala. Recolocara o algodão e agora espalmava a mão sobre o peito.

—Está morno...

E num subito horror contente, gritou:

—O coração não foi tocado! Bate! Ainda está vivo, vejam!

Dois soldados aproximaram-se espiando. Carlos perguntou ao outro se não era uma ilusão. A grande figura de Bruno de Alfenas perscrutava, affirmava de novo, perscrutava ainda.

—Vamos ver se o salvamos! disse Carlos.

Pediram aos guardas que tivessem cuidado com o ferido. Iriam lá em cima, falar ao delegado. A autoridade, surpresa, não oppoz duvida ao desejo que elles manifestaram de transportal-o para uma Casa de Saude. Deu ordens rapidas.

Um quarto de hora depois, uma grande ambulancia deixava o necroterio. O sangue começara a verter de novo. Dois enfermeiros mantinham na maca o corpo sempre morno.

E um outro automovel, galhardo, possante, com laços de serpentinas nas rodas, confetis nos bancos, restos gritantes da festa que celebrara, seguiu atraz, levando as duas phantasias.

Passaram a cidade, subiram a Avenida Luiz Antonio. A sereia da ambulancia chorava como se fosse a propria mãe de Jorge. E ao fundo do assento fofo, Carlos Byron pensava que abafaria de flores o tunulo do amigo.

Na alvorada hospitalar, os dois cirurgiões mascararam-se de gaze, ficando apenas com os olhos descobertos. E moveram-se nos grandes camisões. Elle fora desnudado como para uma licção de anatomia. Havia em torno irmãs de branco e enfermeiros prestimosos.

As vozes dos medicos saham soturnas atravez das mascaras. Dobravam-se sobre elle, suggeriam, discutiam.

E o zum-zum das vozes continuou, lento ás vezes, ás vezes rapido, com silencios profundos. Os ferros brilhantes que elles recolocavam sobre a mesa esterilizada de vidro, continham manchas de sangue.

Tinham descoberto a bala. Costuravam agora.

A irman que sustinha a pobre cabeça branca de cabellos ondeados, chorava.

Os medicos foram lavar-se. Depois voltaram a vel-o em silencio, um silencio que não dizia nada.

Encostado ao patamar da escada interna, o velho falava na manhã de hospital.

Era um brasileiro de immensa estatura, enrugado nos recortes do rosto, grisalho nos cabellos em franja desigual e nos bigodes em ponta; herculeo e quixotesco.

Chupava um cigarro de palha, numa roupa surrada e antiga.

E Carlos Byron notava os seus olhos agudos, alerta, as suas posições instinctivas de guarda.

—Uma vez eramos creanças, o primo João de Deus e eu, dormiamos no mesmo quarto, na fazenda e um escravo quiz nos matar. Nós dois avançamos para o negro. Elle era valente, nos deu trinta e duas facadas. Pegou uma numa mulata que quiz agarrar o primo pelas costas. Seguramos o bicho. Eu me cortei aqui na mão...

Irmãos passavam, levando remedios, chicanas, seringas de injeção; enfermeiras corriam, medicos entravam e sahiam dos quartos.

Carlos Byron desde a vespera, quando viera saber o resultado da extração da bala, notara aquelle typo só, andando pausado e erecto pelos corredores. Tinha-o visto sahir de um quarto de dois leitos, onde um rostinho de doente o interessara. E agora disposto a esperar a vinda do medico, puzera-se a conversar com elle.

A doente do quarto 21 que sorria um sorriso de vinte annos da sua cama alva e larga, tinha a acompanhal-a uma senhora baixa, de roupas de inverno europeu. E o velho rodava, entrando, sahindo. Era quasi uma sobrinha sua, a filha unica do primo João de Deus, que morrera do peito.

—Que foi isso na mão? perguntou o rapaz desencostando-se.

—Foi ar. Des'que apanhei isso, não pude mais dar dos meus tapas de mão fechada.

E num esforço longo tentou mover os dedos parados.

—Mesmo assim ainda brigo e não tenho medo de assombração. E' só agua benta e boa faca; e vou onde quizerem...

Carlos Byron via passar nos seus olhos firmes, na sua tranquillidade provada em

meio seculo de dias ineditos e bruscos, a tragedia victoriosa de seu povo.

Os peões bronzeados continuavam lá longe, sob o ceu em folha, a avançada perigosa das bandeiras, agatanhando e subindo os limites fugidios da terra descoberta, que se ia entregando farta, compensadora, fiel á vinda prophetica das caravellas.

Raça, mais que raça, expedição secular com martyrologio, calendario, santos, cidades e cathedraes no solo vencido: monção transcontinental sem roteiro, transladação imperceptivel e lenta de sonhadores de todos os climas, de malditos e heróes, de transfugas e rehabilitados, de missionarios e criminosos — caminhada lyrica de quatrocentos annos.

Aos primeiros movimentos que nos portos da Peninsula retesara pannos e cordagens, trazendo pelo mar, argonautas, degredados e padres, havia succedido outro, mais possante e mais largo no surto das frotas commerciaes do ultimo seculo.

Nova gente havia deixado as costas aridas da Albania, os portos buliçosos da Italia,

as ruelas immundas de Salonica e de Marse-  
lha, as manhãs escaldantes da Sicilia ou as  
enregeladas tardes nocturnas da Suecia... E  
tinha vindo no mesmo espirito de cruzada  
egoistica, sem gritos expansivos de guerra ou  
bandeiras erguidas, apenas ao batuque invi-  
sível e teimoso da propria vontade de victoria.

Ao fundo, no largo corredor da Casa de  
Saude, assomou a figura magra e ligeira do  
Dr. Braulio Costa. A senhora de roupas euro-  
péas que deixara com o velho a filha risonha  
dirigiu-se até elle. E perguntou-lhe:

—Doutor, é o senhor que trata do doente  
do quarto 11?

—Sou minha senhora.

—Elle morre?

—Não se póde dizer nada ainda.

Ella despediu-se, forçando um agradeci-  
mento, entre lagrimas subitas, irreprimiveis,  
pequeninas.

Carlos Byron sahira depois de conversar com o medico, na volta do quarto. Não quizera ver o operado: impressionava-se demais. Jorge continuava com a respiração commatosa, ascendente e descendente. O Dr. Braulio não garantia nada...

No portão do jardim exterior do Instituto, o moço cruzou com um automovel de praça, onde vinha um senhor gordo, de grandes olhos e barba grisalha. Sahiu para a Avenida. Doia-lhe perder o amigo: doia-lhe na alma que o artista maravilhoso, indiscutivel que era Jorge d'Alvellos, fosse sacrificado assim a uma horrorosa tragedia, ignorado pela cidade para cuja gloria se tinha feito nos annos laboriosos da Europa.

O senhor gordo, de olhos grandes e barba grisalha pagou lentamente o taxi, empurrou com receio a porta de vidro fosco e ficou olhando, descoberto e timido, para o interior do hospital.

Campainhas retiniam no quadro de chamada, suspenso á parede; creadas lepidas chegavam, liam o numero affixado, faziam-no recolher com um socco e voavam pelos corredores. O homem observava sem dizer nada, esperando que o interpelassem. Uma freira esguia passou, trazia uma toalha na mão. O visitante cumprimentou-a respeitosamente.

Ella não o viu e desapareceu por outra porta.

Vozes resoavam pelos corredores, eram medicos altos e rapados, em longos aventaes. Vinham conversando.

O homem hesitou, quiz seguil-os, deu passos á toa. Um moço vinha sahindo de um quarto entreaberto e fixava-o. Elle cumprimentou-o e disse:

—Eu desejava ter noticias de um doente, meu sobrinho, Jorge d'Alvellos, esculptor.

—Não conheço... Estou em visita tambem...

A freira voltava, trazendo um irrigador metallico.

—Irmã, disse o rapaz. Este senhor quer ver um doente.

A freira levou o tio de Jorge a uma sala que dava directamente para a entrada. A uma meza alta, de pé, sobre um livro de assentamentos, um homem de cavanhaque ralo e olhos attentos, escrevia. Entenderam-se.

—Jorge d'Alvellos... quando entrou?

—Não sei... Li nos jornaes e recebi este cartão.

A irman desaparecera subtilmente. O homem tirava do bolso interno do casaco um maço de papeis dobrados. Collocou-os respeitosamente sobre a mesa e começou a procurar.

—Não sei se encontro. Trouxe tanta encomenda, tanto negocio!

Encontrara entre folhas soltas um envelope armoriado, com restos de lacre. abriu-o e entregou ao outro um cartão em que Carlos Byron lhe dava delicadamente o endereço da Casa de Saude para onde transportara o amigo.

—Jorge d'Alvellos... dizia o homenzinho, enfiando um lapis na barba a se lembrar. Ah sei, o do tiro!

—Sim, fez o parente subitamente incomodado, movendo-se sobre as pernas grossas e procurando logo sahir pelo corredor. Um caso extranho na nossa familia, só houve no passado, um caso identico.

Iam andando. O empregado escutava-o com a mesma affabilidade indifferente do começo.

—Só um. Foi num naufragio. Era tio-avô delle. Chamava-se Jorge tambem, o mesmo nome. Mas esse era commandante de navio. Naufragou. Salvou a população e não quiz sobreviver. Mas foi num naufragio.

O empregado desembaraçava-se, ia saber do medico se podia conduzir-o. O tio do esculptor esperou. Nos seus gestos precavidos, nos seus modos lentos e cautelosos, notava-se uma longa ausencia de cidade grande. Des-

habituaado ao ladrilho, ás salas enceradas, elle olhava tudo contemplativamente.

O outro voltava, ligeiro, com o lapis na mão.

—O medico está vendo uma doente. O senhor faz o favor de esperar.

—Meu sobrinho está muito mal?

—O ferimento é grave... mas...

O empregado aboletou-se, tomou apontamentos a lapis. E um silencio de minutos engrandeceu o tic-tac lento do relógio negro da parede.

—Quasi dez horas... Diga-me uma coisa, o senhor conhece bem São Paulo. Eu não venho cá ha mais de oito annos, está tudo mudado, onde é a Casa Allemã?

—Na rua Direita.

—O bonde que se toma é o da Avenida mesmo?

—E'. Faz linha circular.

Vendo o homem olha-lo, com a mão perdida na barbicha do queixo, Anthero d'Alvellos expandiu-se:

—Trouxe uma porção de encommendas. Imagine que não quiz dizer nada á minha mulher nem a ninguem. Escondi na burra os jornaes que traziam a noticia da desgraça. E pretextei uma viagem de negocios. Quem sabe se posso leval-o para lá?

—Oh! Elle não pode sahir. Foi operado ha quatro dias, não?

—Tiraram a bala?

—Sim. O Dr. Braulio é uma celebridade.

—Como está tudo em progresso. São Paulo que eu conheci era bem outro. Hoje só se encontram bicycletas mecanicas, estrangeiros e audaimes.

Ouviram-se passadas ligeiras no corredor. A figura esperta do medico appareceu no avental branco. O empregado apresentou-os. Falaram de Jorge.

—E' seu sobrinho? Vamos ver se o salvamos. Póde vir ao quarto commigo.

E no corredor claro, o medico caminhou ao lado do homem gordo que ia fixando mais os grandes olhos por tudo. Fel-o passar.

A abertura da porta jogara um pouco de luz para dentro. Depois, restabeleceu-se a sombra.

Anthero d'Alvellos, nervoso, interessado, queria inutilmente distinguir alguma coisa no leito.

E viu afinal, entre alvuras de lençóes, uma face pallida, pallida e asthenica e duas mãos lividas, inertes.

Conhecera Jorginho pequeno, de cabellos cacheados. O doutor esperava. Como elle se demorasse muito, tocou-lhe o braço, fez-lhe comprehender que era preciso sahir.

O caldeireiro chamara num brado o seu bando de assalto. Jorge quiz atirar-se do leito, com os olhos concavos, horriveis. E a colher inflexivel verteu-lhe zinco ardente pelas entranhas do peito. A lava derretida ia engrossando, formando uma bola azul que lhe soldava os veios do tronco e dos braços.

E um urro humano, igual, regular, obsecado, d'entre o amontoado dos enfermeiros accorridos, levantou-se pelo hospital, poz latidos na acustica dos corredores, fez os visitantes taparem os ouvidos, os enfermos pedirem que fechassem as portas...

Uma creada roliça, de touca, passava correndo. O velho alto e herculeo chamou-a. Ella tinha lagrimas nos olhos.

—Que é isso?

—E' o doente do 11 que está morrendo.

Jorge d'Alvellos não estava morrendo: estava subindo do fundo limoso e febreiro de um precipicio, onde o haviam jogado cé-

go, perfurado de fogo liquido no coração, ás cabeçadas, tonto, perdido, lamentavel.

As veias internas do peito engorgitavam-se da lava humida e viva. E o hospital inteiro hurrava.

Passaram-se sete dias e sete noites.

Enrolado em pensos, o operado tinha os olhos vagos, a face immovel e branca e os labios mecanicos falando.

—Agua, formador!

E a obsessão partia-se numa clareira de ouro, que vinha, que vinha, que andava. A sua pobre cabeça queria aprehender aquillo e trabalhava, trabalhava. Ficava com os braços tremulos do esforço. Tinha comprehendido: era uma musica — que musica linda!

A musica cascadeava. E dos penhascos da serra de Santos, rolava numa corda immensa e branca, a agua a accender-lhe fogos azues na garganta.

—Olha a agua batendo na pedra, formador!

Desfalecia numa velha modorra. E a musica accordava-o de novo. Na face immovel e alva, os labios dissociados contavam: eram cem violinos e os cinco mil sinos de Roma.

Os sinos paravam e rolavam e dos violinos, no ouro de um occaso de Africa, subiam formas longas, monstros espirituaes, estatuas lividas...

—Que bello! Que bello!

De novo, batia nas pedras da serra de Santos, a fita torturante de agua fresca.

Pelas aberturas douradas dos olhos, entravam-lhe em nuvens de persuasão e de silencio, ondas de ouro, onde pinoteavam lentamente animaes extranhos como montanhas aridas.

Ficava a ver.

Numa sala immensa, ao fundo, concertavam num piano, impeccaveis, dois velhos amigos seus.

—Que bonito!

Era um arabesco só, um arabesco envolvente, que crescia em espamos. E a agua passava nas escalas, rolava em cascatas pelo piano, inundava tudo num jorro de crystal liquido e sonoro.

Tinha a garganta ferida, secca, torrada; e abria os olhos para defender-se.

Cainha de novo com ouro nas frestas das orbitas cançadas. Em um immenso écran de cinema, escreviam e apagavam em lettras cruas: "Arte e Delinquencia".

E o velario desaparecera. Era uma descommunal planicie, onde esphinges douradas e longas paravam com olhos vasados e expres-

sivos. Eram harpias enroladas no fundo, onde despencava do alto, tenuemente, uma poeira de azas minúsculas e egypcias, de ouro. A chuva de ouro crescia, entupia-lhe a garganta, onde placas jorravam, abertas e ardidias.

E uma mulher andava pelo quarto, abatido de penumbra. A mulher ia e vinha; tinha-se despido e viva como uma estatua, dos seios em pera, dos olhos claros, fizera-se dia de novo, dia azul, num quarto azul, de paredes infinitas. A mulher tinha as formas de bronze, com os cabellos ouro-vermelhos de Alma.

Elle viu faiscarem suas unhas côr de agua, e ella crescer no azul, extinguil-o em jogos ageis, gigantescos e terriveis.

No fim da segunda semana, o musico Torresvedras que viera todas as tardes, obstinado e mudo, foi admittido afinal a vel-o. Penetrou na penumbra do quarto.

Um homem de barba crescida e nariz afilado de morto tinha a cabeça enterada para o lado nos travesseiros do grande leito.

A irman que o conduzira approximouse do doente, curvou-se sobre elle, arranjou uma dobra do lençol e disse:

—E' um seu amigo que tem vindo sempre...

Jorge d'Alvellos continuava immovel. Havia sobre o leito, almofadas coloridas, festivas, trazidas do atelier e do quarto.

E Torresvedras sentiu a necessidade de falar, de expandir-se, de dizer o que lhe ia por dentro. Achevou-se. Um soluço grosso ficou-lhe na garganta. Encostara-se ao leito e perguntou:

—Como foi, meu amigo...

Sem voltar a cabeça, o doente murmurou numa espaçada algaravia lamentosa:

—Arran... caram... o co... razão...

Voltara a mulher de unhas cor de agua Jorge apenas não via que ella tinha um casaco grosso de lã, europeu e chorava.

Era a mãe da artista de Roma que, sem presentir a catastrophe de Jorge d'Alvellos, esperava sorrindo a sua volta do Rio no leito branco do quarto 21. Haviam-lhe dito aquillo e ella acreditava.

Quatro dias depois do desembarque em Santos, fora accommettida de febre violenta e resolvera passar os dias do Carnaval num Sa-

natorio. Havia feito uma travessia acabrunhada e dolorosa. Quatro mezes atraz, esmagando as cores na palheta, no seu atelier de Via Margutia, sentira um subito mau gosto na bocca. Fora a primeira hemoptyse. Uma pleurocongestão declarara-se pela segunda vez. E depois disso, Mary Beatriz desfallecia lentamente.

Os medicos haviam-lhe aconselhado a Suissa, qualquer villazinha de chalets,, na Jungfrau, ou mesmo em baixo, Vevey, sobre o lago.

Era preciso deixar Roma. Como estivesse terminado o pensionato do governo de São Paulo, ella convencera a mãe angustiada de que deviam voltar ao Brasil. Faria uma exposição e se fosse preciso iria tratar-se nos Campos do Jordão.

Não avisara Jorge, num desejo infantil de surprehendel-o na grande blusa de linho, na sacra paz do atelier que havia de ter, sob o ceu caliginoso de São Paulo, quem sabe se na terminação gloriosa de um relevo para o Monumento do Ypiranga.

E na quarta-feira de cinzas, pela madrugada, sua mãe que não pudera dormir por causa dos gritos da uremica do quarto 7 e sahira á busca de caldo, voltara pallida, aterrada, sem o alimento da enferma. Tinha assisti-

de lá fóra, á entrada do corpo em sangue de um suicida.

A doente adormecera entre os fartos cabellos, á luz do abat-jour inteiriço. A senhora sahiu de novo, voltou. E nunca mais deixou de acompanhar, como se fosse um filho que lhe negassem, o operado do quarto 11.

Abrira-se dias depois com Carlos Byron que immediatamente viera visitar a artista no seu leito e dizer-lhe que recebera de Rio uma carta em que Jorge d'Alvellos lhe pedia para informal-o se era verdadeira a noticia da imprevista chegada de Roma. Fora á residencia de seus primos á Rua Aurora, e lá lhe haviam dado o endereço do hospital.

Sorrindo mais ainda, a tísica pediu-lhe que não dissesse nada a Jorge de sua doença. Viera para alli apenas repousar da travessia. E os medicos a haviam prohibido de sahir. Pediu-lhe que fizesse tudo para que o esculptor regressasse depressa. Não tinha ninguem para conversar — só a mamãe. O velho tio regressara ao interior, os primos eram occupados.

Carlos Byron que confiava já na resurreição de Jorge, viu naquelle encontro inesperado, um estímulo sobrehumano para a vida do amigo e prometeu trazel-o na proxima semana.

Nessa manhã, haviam carregado difficulosamente o doente do quarto 11 para uma cadeira de rodas.

E elle ficara alli, animalizado, barbudo, indifferente, com o tronco enrolado e enorme.

O medico prohibira á mãe de Mary Beatriz de vir vel-o, pois elle podia reconhecê-la e ter um trauma fatal.

Mas Jorge d'Alvellos não reconhecia senão a dor que lhe rondava implacavelmente pelas galerias do corpo.

Deitada no grande leito da sua esperança, ella pensava nas tintas com que refaria a vida...

E como não melhorasse, sua mãe e Carlos Byron angustiados, procuravam obter do Dr. Braulio, sempre ligeiro e attento, a possibilidade de fazel-os se verem.

O medico de Mary Beatriz era o Dr. Carlos Pinheiro. Tinha a velha cara cheia de sulcos e bossas que lhe davam um aspecto de seriedade monstruosa. Manifestara-se de opinião contraria ao encontro. A tuberculose afinava a sensibilidade, a sua marcha dependia muitas vezes da affectação dos centros sen-

siveis. Ella devia partir quanto antes para os Campos do Jordão. Mas a doente, apesar da tosse que lhe rachava o peito, recalcitou — não sahiria dalli sem rever Jorge.

Disseram-lhe que o esculptor estava doente, de um ferimento enorme que recebera no atelier, quando evitava o desabamento de uma estatua.

Ella chorou, pensando que elle se recusasse a vir vel-a.

Carlos Byron annunciava-se todas as manhãs, pela enfermeira roliça e risonha, mandava-lhe flores. E foi preciso a intervenção mazorra e honesta de Torresvedras, para diminuir a afflicção da doente. Ella acreditou afinal e agora, á noite, esquecia de resar por si á Maçonna Del Giglio, para pedir á boa senhora que curasse de pressa o seu amor.

Porque vendo-se mal, o sentimento definitivo de sua vida de mulher, viera-lhe numa subita invasão, por todos os póros da alma e do corpo. Ao approximar-se das costas brasileiras, cahida na sua chaise-longue, a contemplar, nas tardes vasiaas, nuvens sobre o mar, ella vira partirem, uma a uma, todas as antigas restricções, as antigas reservas. Amava o seu amor, amava o seu amor! Num envolvente perdão, bemdizia a existencia toda delle, dia a dia, os seus soffrimentos, as suas loucuras, as suas orgulhosas revoltas.

E doia-lhe deliciadamente o coração physico. Ia encontral-o, e partir com elle num grande carro, por estradas e caminhos, com a felicidade por guia. Era uma exasperação, morbida, que lhe alargava as grandes pupillas serias e fazia-a arranhar muito tempo, com as unhas bem tratadas, os lençóes do leito.

Mas o abalo physico de Jorge d'Alvellos parecia ter sido mortal.

O resuscitado permanecia de tronco colossal e duro na grande cadeira, junto á janella, agora aberta para o ceu e para as arvores de um parque. Vivia numa indifferença humilhada de animal que escorcharam. Vinham fazer-lhe o penso demorado e doloroso, uma vez ao dia. E como fosse exigido o maximo repouso, deixavam que dormisse alli mesmo.

Certa manhã, trouxeram-lhe uma visita, o velho capellão da Santa Casa, que Carlos Byron tivera o expediente de ir buscar.

E o enfermo ao vel-o entrar, pensou em beijar-lhe as mãos. Tinha um sorriso inedito no rosto. Murmurava palavras de confusa gra-

tidão; quiz mover-se da cadeira, mas não poudo firmar o corpo imprestavel. Um instante, a bocca torturou-se, entristecendo a mascara inteira recoberta de barba.

Mas sorria de novo, preso ao sacerdote que abrira com os braços erguidos as portas do ceu para Alma. A mystica apparição crescia aos olhos do doente Deus mandara tambem a elle o desobstruidor de paraizos.

Na sua cadeira, com o peito enfaixado depois do curativo, elle viu a irmã de caridade arrumar roupas e objectos. Chamou-a com a voz humilde.

— Irman... eu não morro mais?

— Não. Deus o salvou.

— Que livro é esse?

— O livro das enfermeiras...

— Empresta-me?

A irman veiu sorrindo trazel-o. Era um volume de orações e conselhos practicos.

Ficou lendo, a freira sahira. Cahiu-lhe ao collo, de dentro das paginas, uma imagem. Tomou-a nas mãos: era Maria de Magdala, em lithographia, com frizos de ouro. Havia qualquer coisa escripto no verso. Jorge voltou

o santinho e leu, numa lettra calligraphica:  
“Sob o peso da desgraça, a alma que não chama por Deus é muda.”

Então, não era só elle a soffrer? Pelo mundo, anonymas, caladas, existiam outras almas sob o peso de outras tragedias. Almas emmudecidas como a sua e outras almas que haviam gritado o nome do Senhor e recebido d'elle a ordem de formar na cavallaria dos devotamentos quietos, das consolações sem recompensa...

Numa confusa fixação esculptural, Jorge viu a procissão final do mundo desenhar-se num Josaphat de cem leguas: de um lado, os idolatras, os taciturnos, os blasphemos; do outro, num desabafo de victoria, todos os crucificados da terra.

Lá fóra, no parque de folhagem entre muros, a nevoa de São Paulo, vestia as arvores de branco, na manhã de fins de Março.

Raparam-lhe a barba. Iam leval-o para ver Mary Beatriz que o esperava, cada vez mais anciosa nos grandes olhos, abertos e fixos para a porta. Elle foi pelos corredores, arrastando-se e sorrindo, num cortejo commovido de amigos.

Haviam atufado de flores o quarto branco da enferma.

Ao deixarem-lhe perceber que Mary Beatriz estava alli, ao seu lado, no mesmo hospital, Jorge d'Alvellos tivera uma surpresa nervosa e feliz. Depois, vieram as demoradas conversas com a mãe da artista doente. A boa senhora reconduziu-o facilmente ao passado onde a sua mocidade lyrica cantava. As recordações avivadas, os detalhes lembrados, as noticias de amigos e de episodios, exposições de arte, a volta triumphal das tropas negras que se haviam batido em Vittorio Veneto — tudo o levava de novo, numa persuasão inquietada e excellente, ao fio partido de existencia. Além disso, a mãe tinha qualquer coisa da filha, nos olhos, no gesto — qualquer coisa.

Aquella noite, elle percebeu numa confissão embaraçante, que amava. Pediu perdão

á morta. Tinha o corpo enrolado em pensos, as pernas desobedientes, a cabeça fragil.

E Mary voltava por entre os travesseiros alvos do encosto; sorria, esperava...

Pela manhã, foram achar Jorge d'Alvellos fóra da cadeira de rodas. Levantara-se sozinho afinal.

— Porque não fiquei?

— Tens saudade?

— Il rimpianto...

— Chorar ainda?

— Sobre o passado perdido.

Houve um silencio de hospital. Lá fóra, ia gente conversando. E elle falou:

— Pobre passado! Lembras-te? Fazia um anno e um dia que nos haviamos conhecido. Tiveramos um arrufo na vespera...

— Sim... E tu partiras para voltar melhor.

— E voltei, na manhã inacreditavel, batida de sinos, na manhã de luar. Dormias no divan da sala. Accordei-te num grande susto de creança. Como suspiravas profundo!

Coniemplaram-se numa transfusão de existencias, pelos olhos molhados. E ella, cer-

rou os cilios, numa subita fadiga, recostada aos grandes travesseiros.

Ficaram perdidos, mão na mão. Longinqua, nos campanarios novos das torres de São Bento, uma festa de sinos começou. Elle proseguiu:

— Tinhas nervos á flor da pelle de seda. A's vezes, chegavas á Via Flamminia, com os primeiros raios esquivos do sol. Lembras-te... Foi um outomno sobrenatural. O Tibre transbordava aguas negras das ultimas chuvas. Como corria repousada a vida no nosso jardim de inverno! As manhãs do meu pijama de flores amarellas, com a tua entrada ligeira... E as tosses convulsivas do porteiro... lembraste! E o poeta que te amava e empoava os cabellos... E o compositor... o nosso mundo...

— Tartarella... Elle assistiu ao nosso embarque em Piazza Termini.

Mary Beatriz cerrara os olhos. A febre subia. Jorge levantou-se difficultosamente das almofadas que juntara ao chão. Ia fechar a janella. Mas ella exclamou:

— Não! Este azul lembra-me as manhãs daquelle tempo.

A tarde baixava em ouro lá fóra.

As ave-marias dos monges, na abbadia de pedra da cidade americana, resoavam espaçadamente.

— Ouves?

— Parecem os sinos de Roma!

Haviam-nos deixado sós o dia todo. A doente dir-se-ia dormir. Tinha as faces incendiadas. Jorge esperou, devorando-a com os olhos pensativos. Depois, tomou-lhe cautelosamente o pulso, contou as pancadas rapidas da arteria.

Ella parecia reanimar-se lentamente. Descerrou os olhos, e falando numa superexcitação:

— Era Maio... aquelle mez de Maio, quando iamos visitar as egrejas... Lembraste das tardes de óca, dos dias de fogo? São Pedro fazia: Bá-om! B'-om! como agora.

— No ar todo azul, riscado de andorinhas negras, de regresso como a felicidade...

Quando o medico e a mãe entraram, chamados pela enfermeira, vieram encontra-los rubros de febre, na evocação delirante do sol, que pela janella, entre arvores, cahia por detraz de São Pedro, como outrora.

Haviam-lhe chegado duas cartas.

Na sala clara da secretaria, elle abrira a primeira que trazia um envelope da Fazenda Nova Olympia.

Era um convite risonho e bulhento, traçado numa letra quasi infantil, desenhada em caracteres americanos. Terminava assim:

“Não sabe como os seus primos e primas o esperam todos os dias, quando o Ford chega da estação. Papae nos disse que você prometeu vir sem falta. Venha logo e não se esqueça dos presentes que papae disse que você nos trouxe da Europa.”

Seguiram-se uma lista jovial, as assignaturas, as primeiras caprichadas, as outras balbuciantes apenas legiveis:

Maria Thereza

Annita

Jorge

Belkiss

— E' verdade — disse o secretario — tenho mais uma carta, guardada aqui, deixada por seu tio.

Procurou a uma gaveta. Jorge interessado, rasgou o envelope e leu:

“Meu presado sobrinho.

Desde que soube de todo o occorrido, parti no forte desejo, na ancia em que me vi de me communicar comtigo, de correr ao teu encontro.

Cheio de preocupações e de responsabilidades, pequenas em si, mas sufficientes e sobejas para assoberbarem um homem edoso,

vejo-me na necessidade de voltar immediatamente para a fazenda.

Meu caro amigo e meu filho — pois creio que te posso chamar assim — sinto que soffres e que estás só na vida. Esta idéa me penetra fundo e me domina, como logica inexoravel do sentimento que tenho por ti. Desejo ver-te, abraçar-te e ter-te ao meu lado, com a minha familia que é a substituta da tua. Não conto voltar tão cedo a São Paulo. Porque não vens a Nova Olympia? E' meu ardente desejo. Passarás alguns mezes commigo, na nossa casa. Tenho um quarto vasio e prompto. E conversaremos longamente. Creio que essa viagem havia de fazer-te bem. Uma boa disposição e o trem te trarão até a nossa estação, onde irei te buscar com primos e primas. Creio que atenderás ao meu appello sincero

Teu velho amigo e tio — Anthero d'Alvellos.”

Jorge pensou no calvario de Alma, abandonada ao lado do avô inerme. Não comprehendeu aquelle interesse do tronco enriquecido e victorioso.

Tinha a outra carta fechada na mão. Abriu-a e leu um bilhete mal escripto e immundo de Milagre. Ella dizia-lhe que trabalhava agora no Theatro Boa-Vista e pedia-lhe dinheiro.

O Dr. Braulio Costa chamou Jorge d'Alvellos para a sala de visitas, com mobilia grenat de couro, da Casa de Saude.

— Meu amigo, preciso ter comsigo a maxima franqueza. Conheço a sua robustez phisica e moral...

— Quer falar-me de Mary Beatriz?

— E' verdade. O estado della inspira cuidados. Como sabe o Dr. Pinheiro chamou esta manhã o Dr. Mario Lupercio, uma das nossas autoridades em affecções do pulmão... A tuberculose declarou-se com uma feição lenta e silenciosa. Ella tem um precedente na familia.

— Pode morrer então?

— Não quero dizer isso. Mas é preciso procurar um clima que estacione a marcha da molestia...

Jorge numa inesperada angustia, voltou ao quarto. Perscrutou demoradamente a doente que sorria nos travesseiros. Depois, sahiu e procurou, sem resultado, obter leite de cabra no hospital. A enferma acceitara a suggestão do novo alimento. Em tudo agora que os medicos lhe ordenavam ella punha uma redobrada confiança.

Sem dizer nada, o convalescente partiu. Não havia ninguém no hall monumental e quieto do Instituto. E sahio, num subito maravilhamento de se ver assim, de pé, tropegando, mas vivo, com o peito arrasado, as mãos incapazes, mas vivo. Quarenta dias atraz elle passara aquella mesma porta, numa padiola da policia, vinda do necroterio, com dois mascarados atraz.

Estava vivo. Lá fóra, pisando a rua, a tarde pareceu-lhe miraculosa.

Elle soubera que alli, nos fundos do hospital, em grotas intransitaveis, havia toda uma aldeia de cabreiros. Iria lá, encommendar o alimento para o seu amor.

Caminhava sorrindo de caminhar, levantado daquelle leito de horror, sahido pela primeira vez daquella casa branca de tortura. Olhou para traz, onde qualquer coisa de rubro faiscavá entre arvores: era o sol! E o ceu estava fluido e tremulo. Foi tropeçando nas primeiras barbas de bode do grande descampado...

Cahiam as ave-marias numa grande paz sem sinos.

E subito, dum belvedere natural, elle descobriu em baixo a cidade, num polvilhamento alvo. A's vezes, destacava-se longe, uma nota viva de hangar immenso, fabricas com chaminés, officinas de caliça com centenas

de janellinhas. E, ao fundo, a linha envolvente de montanhas, em verde, escuro e branco.

O ceu desmaiava em camadas successivas, cinza, rosa, azul. Fumaças erguiam-se, lentas, paradas, a se confundir com os vapores da bruma.

No mais profundo do casario, ao centro, Jorge viu a linha negra do velho Viaducto, ligando monstros construidos em ardosia e greda: o Theatro Municipal, Santa Ephigenia, os primeiros arranha-ceus...

Esfriava. Do outro lado, o fim de occaso tornara-se de ouro. Havia um grande cheiro de campo. Grillos cantavam ao pé delle, outros chamavam: priii, priiii! E mosquitos punham bandos tremulos no ar.

Jorge d'Alvellos sahiu daquelle pasmo em que se perdia, correu para as barrocas na direcção dos cabreiros. E cauteloso e decidido, procurando e proseguindo, foi descendo por entre grotões, quintalejos, fins de labor, roupas recolhidas das cercas e sons de chocalho.

Elle quiz que tivesse um effeito decorativo, theatral, symbolico, a entrada do ani-

malzinho lanudo e preto, que vinha conduzindo pelos chavelhos curtos, com a cabreira atraz ao longo dos corredores, na madrugada acceza da Casa de Saude.

Pensava em fazer Mary Beatriz receber o leite tirado á sua vista, das tetas pendentes da cabrinha. E foi uma festa para os olhos da doente que dormira mal, vel-o arrastar-se até junto á cama, assim, naquelle rude serviço, seguido da mulher e da irman enfermeira da noite que sorria. Como a cabreira, envolvida toda num chale negro, fizesse jorrar o leite num copo, elle afastou-se repentinamente commovido.

Revira uma madrugada de Roma, em que tinham ambos sahido. Fora num domingo de Paschoa. Haviam tomado o velho caminho de Aqua Acetosa, sob o ceu leve. Havia ainda estrellas, como agora. E haviam chegado até uma egreja de padres descalços, em plena Campagna. Uma procissão sahia, pittoresca, com tochas accesas, bandeiras votivas, andores pequeninos, sob o rebate vivo do campanario.

Depcis foram andando, elle tendo pelo braço a silhueta moça, um pouco arcada, num tailleur curto de lã, com a gola fechada em voltas de xadrez pelo pescoço.

E passara por elles, na manhã vacillante, perto de aqueductos ruidos, alongando-se em

ponta irregular, um rebanho de cabras negras e pelludas, num afastar tremulo de campainhas sonoras.

E agora, numa cama de hospital, Mary arcava-se mais e bebia o leite grosso e branco para sarar.

Era uma luta desesperada e surda entre elle e as pulsações. E lia sempre e lia mais:

— “A’ hora habitual, Dinazarda chamou na noite seguinte a irman e lembrou-lhe a promessa que fizera.

Scheerazada continuou a narrativa:

“Effectivamente, a rainha partiu no mesmo instante, e quando chegou á borda do lago, tomou uma pouca de agua na mão e com ella borrifou o ar, depois de ter pronunciado algumas palavras cabalisticas. A cidade reappareceu num momento; os peixes tornaram-se homens, mulheres, creanças; mahometanos, christãos, persas...”

— Estás escutando?

— Estou... sussurrou a doente, descerrando os olhos. — Deixa-me ver o pulso...

— Não... não!

Abriu mais as pupillas de febre e debatia-se. Mas Jorge tomara-lhe o braço muito

branco, fino e longo, de dentro dos lençóis. Deixara cair o livro azul a uma almofada. E olhando o relógiozinho de prata que lhe dera em Roma, contou baixo as pulsações. Setenta. Cem. Cento e uma... e duas... tres... queria diminuir, parar... E dez... onze... quinze... vinte...

— Quantas? interrogou a enferma.

— Cento e cinco.

Estava aterrado. Tomou de novo o livro e continuou a leitura.

Havia tres dias, como Scheerazada, para afastar a morte que espreitava lá fóra, contava historias maravilhosas e incriveis, com genios, dragões, principes e loucas metempsychoses...

O Dr. Carlos Pinheiro declarou-lhe inutil qualquer tentativa mais de viagem ou de cura.

Era possivel então! O Senhor não o provara bastante ainda! O seu amor que encontrara de novo, na dolorosa convalescença do tiro, o seu amor ia morrer!

Uma subita revolta amarga levantava-se no seio do redivivo.

Mas Jesus, de carne e suor, egualado aos outros pela Suprema Vontade, tinha ido ajoelhar-se numa hora assim, a um canto de velho parque, só, abandonado aos indiscutíveis momentos do seu destino.

*Coepit pacere...*

Jorge d'Alvellos foi para o seu quarto tomado do medo humano de Jesus.

O padre não poudes mais confessal-a. Ella voltara duas vezes a si, em silencias cansados de soffrimento, sorrindo os seus ultimos sorrisos.

Estava agora calada e inerte, de olhos semi-cerrados. O sacerdote dissera o "Ego te absolvo a peccatis tuis", definitivo. E começara o Extremo Sacramento.

-- Per istam sanctam unctionem et suam piissimam misericordia, indulgeat tibi Dominus quidquid per sensum deliquisti, quidquid per visum deliquisti...

E tocava-lhe os olhos, fechando-os para sempre.

— ... quidquid per odoratum, per auditum...

E tocava-lhe os ouvidos, cerrando-os para sempre.

— ... quidquid per gustum et locutionem...

E sellava-lhe a bocca para sempre.

— .. quidquid per tactum...

Descobrira-lhe os pés harmonicos e brancos...

— ... quidquid per gressum deliquisti...

Havia terminado.

Então, Jorge levantou-se e pediu humildemente á mãe para beijal-a. Ella agitava-se como que comprehendendo. Tinha movimentos vagos na cabeça, ondulações nos braços descarnados e alvos.

A mãe achegou-se com a enfermeira, a irman, o padre.

Levantaram-na nos braços, segurando-a, contendo-a, acalmando-a. Jorge avançou em soluços:

— Eu quero um beijo teu, eu quero, minha Mary.

Ella ouvira, parecia sorrir. Os outros sustinham-na, soerguendo-a, consolando-a.

Tinham passado assim tres noites eguaes.

Jorge sentia um alquebramento physico final.

Estava sentado sobre um tamborete baixo, ao lado da agonizante.

No outro leito, a mãe e uma senhora de preto que viera, haviam cedido á fadiga e dormiam juntas.

A madrugada lá fóra andava.

Jorge olhou o pequenino relogio de Roma: eram quasi tres horas.

Elle resignara-se á solemne chegada desse momento que bateria na sua vida como um ultimo aviso de Deus. Esperava-o como se espera uma ordem indiscutivel de partida para caminhos novos.

O cansaço vencera. Elle cochilava com o cabeça deitada perto do braço grande e inerte de Mary.

E na noite de agonia, veio cantar-lhe o ouvido, solemne, depois de graves kyries, a ladainha pausada das rogações que acompanhara, no collegio, em creança, na madrugada de São Norberto:

Sancte Paule, ora pro nobis!

Sancte Andréa, ora pro nobis!

Padres e seminaristas tinham sahido para o matto, a cruz alçada na frente, o thuribulo e o hysope. E caminhavam pela aresta escura de um caminho, sob as ultimas estrellas, entre as arvores pasmadas. Ao clarão inquieto das tochas, as batinas alvas oscillavam na santa procissão.

Sancte Thoma, ora pro nobis!

Sancti Fabiane et Sebastiane, ora pro nobis!

— A vela, depressa!

Um grande anjo extactico entrara imperceptivelmente no quarto: era a irman enfermeira da noite. Jorge estremunhado e tragico, accendeu o cirio bento; collocou-o na mão escaldante e largada. No outro leito, as duas mulheres dormiam. A janella descerrara-se para

fóra. E a agonizante teve apenas duas suffocações suaves — e cessou de viver.

Jorge procurou, ancioso, na penumbra, achar ainda a sua Mary. Ella partira, subtil como quando entrava, matinal e viva, no atelier de Via Flamminia.

Lá fóra, na noite, um gallo bateu as azas, cantou.

Na madrugada de leite, a febre esvaira-se, escoara-se num ultimo calor de veias mortas, entre bençams maternas, luzes vacillantes, silencios e soluços...

Jorge fôra pelo corredor, numa placa de neblina, até o jardim, buscar-lhe as primeiras flores. Depois, esperara que lavassem a estatua enregelada e nua — a sua ultima estatua. E beijara obstinadamente a bocca material.

Agora, na sala de visitas extranha dos parentes, para onde a tinham conduzido, Mary dormia ao clarão dos cirios altos, no feretro fofo de pau rico, com seu sorriso immobilizado nos labios e um lyrio entre as mãos.

Preso a um minuto de eternidade, num desespero mudo de dentes rilhados, Jorge

d'Alvellos sacudia com as garras das mãos, a cabeça de cabellos despenteados e enormes.

O esculptor fechou-se no seu quarto da Avenida São João, durante dois dias e duas noites, deitado ao leito de bronze fosco.

Os amigos vieram num interesse inquieto visitá-lo, obrigá-lo a comer. Na terceira manhã, como elle todo se transformara num ouvido unico que crescera, tomara conta do sêr... e escutava, escutava, sahiu e tomou um trem para Santos.

Passou o dia estirado em um quarto de hotel. E a noite veio e foi... Ficou até meio dia na cama alva e desconhecida. Fazia um calor de porto sul-americano. Levantou-se, vestiu-se com difficuldade, tomou o trem de duas horas, de regresso.

No começo da serra, chovia. Uma retardada fadiga cahiu sobre elle. Olhou pela janela do wagon: em baixo, entre aguas, viu uma casa de tijolos com chaminé e leu um letreiro longo até o fim.

Um mosquito trouxe-lhe uma ferroada ardida á mão.

Fitcu a serra. Para lá do valle aberto, um tabuleiro gigantesco cavalgava o ceu de bruma com a cohorte de seus milhões de copas verdes.

E accordou de repente afogado entre paredes negras, gottejantes, ameaçadoras. O trem parara num tunel... sahiria. Quantas vezes a sua vida tambem estacara assim entre muros fechados! O trem sahiria, vencendo em curvas a ladeira immensa, na direcção de horizontes desconhecidos...

Um guarda recebeu o bilhete. Tinha cesado a chuva: estava perto de São Paulo.

A cidade appareceu e enguliu o comboio por um dos seus tentaculos pardos.

Encontrou duas cartas de Nova Olympia sobre a mesa. Era um novo chamado de tio Anthero. Na outra a garrula fieira de nomes cantava:

Maria Thereza

Annita

Jorge

Belkiss

Como seriam seus priminhos? Lembrava-se de que as duas mais velhas haviam nascido antes d'elle partir para a Europa. Maria Thereza devia ser uma moça. Annita tambem. E esse Jorge que tinha o seu mesmo nome, tradicional e tragico entre os d'Alvellos? E a pequenina Belkiss que mandava sempre a assignatura borrada?

Elle não era tão só! Tinha uma familia que o chamava, que o queria... Uma ternura extranha commoveu-o... Maria Thereza... Annita. . Jorge... Belkiss...

Não voltaria a Europa. Sentia-se inutilizado para a arte. Porque ficar em São Paulo, na interrogação dos scenarios vividos?

Os amigos iam conduzi-lo, pela ultima vez, ao atelier do Palacio das Industrias.

Seriam tres horas da tarde quando Carlos Byron e Bruno de Alfenas fizeram estacar o auto, em frente ao grande sobrado de commodos da Avenida São João.

Abraçaram-no. Elle estava mais consolado e mais forte.

Sobre o leito de bronze fosco tinham fi-

cado dois livros, um de Huysmans, outro de André Gide.

Bruno contou as ultimas aneddotas. E desceram, pondo os chapéus, pelo elevador.

Atravessando a cidade na tarde banal, Jorge lembrou-se de que naquella mesmo automovel fôra a Santos, ao lado de Alma.

Mas repelliu o demonio que viera tortural-o. Elle tinha agora uma serenidade de condemnado que se redime.

Haviam chegado. Recobria-se da ultima argamassa a frente monumental do Palacio. Subiram pela escada florentina. Atravessaram salas... a porta do atelier estava aberta. Fizeram Jorge passar. Mas elle não reconhecia o vasto e limpo local onde soffrera tanto. Tinha sido tudo transformado. De pé, esperando-o, estavam Torresvedras e Lino de Albuquerque. E haviam collocado flores nas estatuas como se fossem altares...

Contornando a claridade das figuras, trepando, cahindo em fios triumphaes, rubros cachos de sangue, boccas roxas e amarellas entreabertas na folhagem rude do Brasil, inundavam de gloria a officina. Sobre o pedestal do centro, voltada para elle que os amigos cercavam, a Victoria de marmore erguia alto as duas mãos. Tinha os seios minusculos, as ancas retesadas numa elegancia unida de linhas,

as coxas macias e direitas, as azas cahidas para traz.

O artista sentiu uma perturbação franzir-lhe a bocca. Lagrimas molharam-lhe os ciliolos. E pouco a pouco foi encontrando tudo o que fizera, intacto, alli...

Carlos Byron, commovido e sorrindo, annunciou-lhe que a municipalidade de São Paulo resolvera comprar-lhe o grupo da "Vingança" para um jardim da cidade, e que estavam tratando de vender a "Descida" para uma cathedral.

Estavam... quem? Os seus amigos, os que lhe tinham salvo a vida. E a terra para que se formara nos annos laboriosos, reconhecia e pagava a sua obra!

Subitamente, tomou conta delle, um maravillamento.

A um canto, sobre uma prancheta, estava ainda fincado a pregos, um esqueleto de mascara...

Viu a esponja, procurou os baldes de agua.

E foi buscar a greda humida.

Cobriu a armação duma bola confusa. E sério, impenetravel, com os braços de novo desembaraçados e ageis, fez os buracos dos olhos, o nariz afilado... Um riso de pequeno satyro velou-se. Depois, atacou os cabellos, afinou o pescoço, marcou as maçans. E no

riso, na vida multiforme do barro, Mary Beatriz passou inteira.

Foi lavar os dedos empastados de greda. Lino de Albuquerque seguiu-o, abrindo um lenço alvo.

Elle queria soffrer, soffrer mais ainda. Que eram a reprovação social e o escandalo, se elle se sentia desafogado de pesos enormes?

A principio, quando vieram dizer-lhe que um advogado promettia envolvê-lo numa campanha immunda, elle sentira um involuntario temor, uma emoção dolorosa de quem já tendo soffrido muito, ainda se vê apontado e destinado a martyrios novos.

Era Milagre, a perda de Areias, o pivot do retardado escandalo. E elle, num tragico receio temia ver por detraz da mulher a figura de Mauro Glade. Mauro podia mesmo accusal-o do seu crime.

Mas Carlos Byron havia enfrentado immediatamente o homenzinho, parado, de oculos para cima, na eterna pesquisa de miserias e chantages. O leguleio desfizera-se em desculpas. E o amigo viera trazer-lhe a noticia, transbordante de alegria.

Jorge d'Alvellos deixara-se tomar inconscientemente por aquella effusão. Não envelhecera apezar de tudo. Nem sequer se sentia adulto. De dentro, um immutavel fundo de adolescencia, gritava-lhe que era preciso sofrer, viver, morrer, seguir a lei ferrea do mundo.

Elle sabia bem agora que um Sêr invisivel e supremo existia. E numa reorganisação de blague heroica, deante do espelho, pensava que fora agatanhado no torso, sobre o coração, pelos proprios dedos de Deus.

O amigo tinha-o deixado. E elle ficara numa alegria que procura motivos, num amor de tudo, sereno, experimentado. Sorria suavemente.

Andou á toa pelo quarto. Ia partir para Nova Olympia. Esse nome cantava-lhe aos ouvidos como uma promessa.

Ia ensaiar de novo o gume dos duros antepassados no cerne das florestas brasílicas, lá, onde elles haviam aberto a primeira passagem ao homem da Europa e, nas noites sertanejas, cerrado os olhos cheios e a alma leve á benção calada do Cruzeiro.

Era a fuga para outra calma de ceu. Elle renovara a funesta experiencia cidadina dos ancestraes e resumia-se naquelle cyclo catástrophico a promettida messe de victorias nas luctas babilonicas!

Mas transportava-se a tempo ainda para a alegria integral dos descampados puros e das cidades paradas no surto virgem das eras innocentes.

Fôra infeliz... certamente, porque não se mantivera fiel aos compromissos raciaes.

E via-se á janella, num extase, transportado para a immensa paz verde dos cafesaes orvalhados da chuva, na tarde de nuvens cyclicas.

Chegou-se á chiffonnière abaulada. Tirou da gaveta um grande grupo photographico. Era a familia que o esperava, que o chamava.

Quedou-se alli. Qual seria daquelles olhares firmes e grandes de zagala, daquelles sorrisos em folha, o da *consolatrice qui ne savait pas*...

O porteiro viera chamal-o ás cinco horas.

Elle tinha as malas promptas, a passagem comprada. Na tarde de apotheose, dera os pequenos estudos. os torsos e as mascaras aos amigos que tinham sahido carregando-os nos braços.

Guardara apenas o "Retrato de Antepassado", talhado em planos de ferro e o ultimo sorriso de Mary.

As pernas harmoniosas de Alma, mandara-as passar para o marmore e sobre tres degraus brancos, marcariam para sempre o holocausto na encosta terrosa e esquecida do Araçá.

Elle fizera accordar-se cedo á tôa. O trem partiria ás nove horas.

Foi ao espelho. A' luz farta da lampada, de que tirara o antigo abat-jour, abriu a camisa, examinou as devastações do tiro.

Sentia-se cançado. Resignava-se. Aceitaria doravante as diminuições que viessem. Era isso mesmo a vida humana — uma serie de quedas phisicas e de provações moraes, em torno de uma grave e intima ascensão.

À porta do quarto estalou, abriu-se para o corredor escuro e quieto.

Uma corrente subtil poz rumores nas janelas, levantou papeis na mesa.

Um sino isolado deu lambadas de bronze na noite. Lá fóra, um automovel businou, passando.

O sino persistia: *Misericordia Domini in aeterno cantabo*. Eram as matinas dos monges, já de pé, no negror dos habitos rectos como consciencias, resando em São Bento.

Jorge d'Alvellos parado, olhava a grande mala aberta junto á parede, a mala de cabina que o acompanhara nas antigas viagens, pelos hotéis obscuros de Paris, depois em Roma.

Estava riscada de sulcos, grudada de velhas etiquetas. Junto ao fecho de metal, tinha uma mancha redonda e queimada. Elle costumava fazer o café brasileiro sobre ella, no atelier de Via Flamminia.

E como houvesse amanhecido, sahiu para despedir-se de São Paulo.

A cidade accordara como que lavada, cheia de rumores e de bulicio. Midinettes passavam, trabalhadores, gente do commercio. E silhuetas claras, evocadoras de Alma, iam, preocupadas na manhã de aventura.

Elle penetrou na igreja de Santo Antonio, onde se celebrava uma missa baixa. Na penumbra, olhos perscrutadores seguiram-no.

Jorge d'Alvellos sentou-se entre uma moçinha de luto e um mendigo. E viu o padre alto, de cabeça branca, permanecer numa demorada reverencia ante o tabernaculo acceso, vinte vezes secular.

A sua voz chegava, clara, precisa, até os fieis.

— In illo tempore... lembrava o passado na Galiléa.

— Per omnia secula seculorum... affirmava o futuro e a eternidade.

Não lhe parecia possivel que aquelles homens se reunissem alli, no apparato symbolico das alvas e das casulas, vinte seculos depois do Calvario, sem significação nenhuma, como

os passaros que voam, os gallos que cantam,  
os animaes que pastam.

Depois do meditado silencio da elevação,  
o sacerdote de pés unidos, cotoveiões juntos,  
circumscripito á patena, ia commungar.

A patena era a pedra com que o piedoso  
José de Arimathéa sellara o sepulchro de Deus,  
sacrificado para tirar os peccados do mundo.

— Domine! Non sum dignus ut intres sub  
tectum meum, sed tantum dic verbum et sa-  
nabitur anima mea!

A campainha resoou.

Jorge d'Alvellos, de joelhos, resava.

-- Senhor! Dize uma palavra e minha  
alma será salva!

O padre repetiu em voz alta:

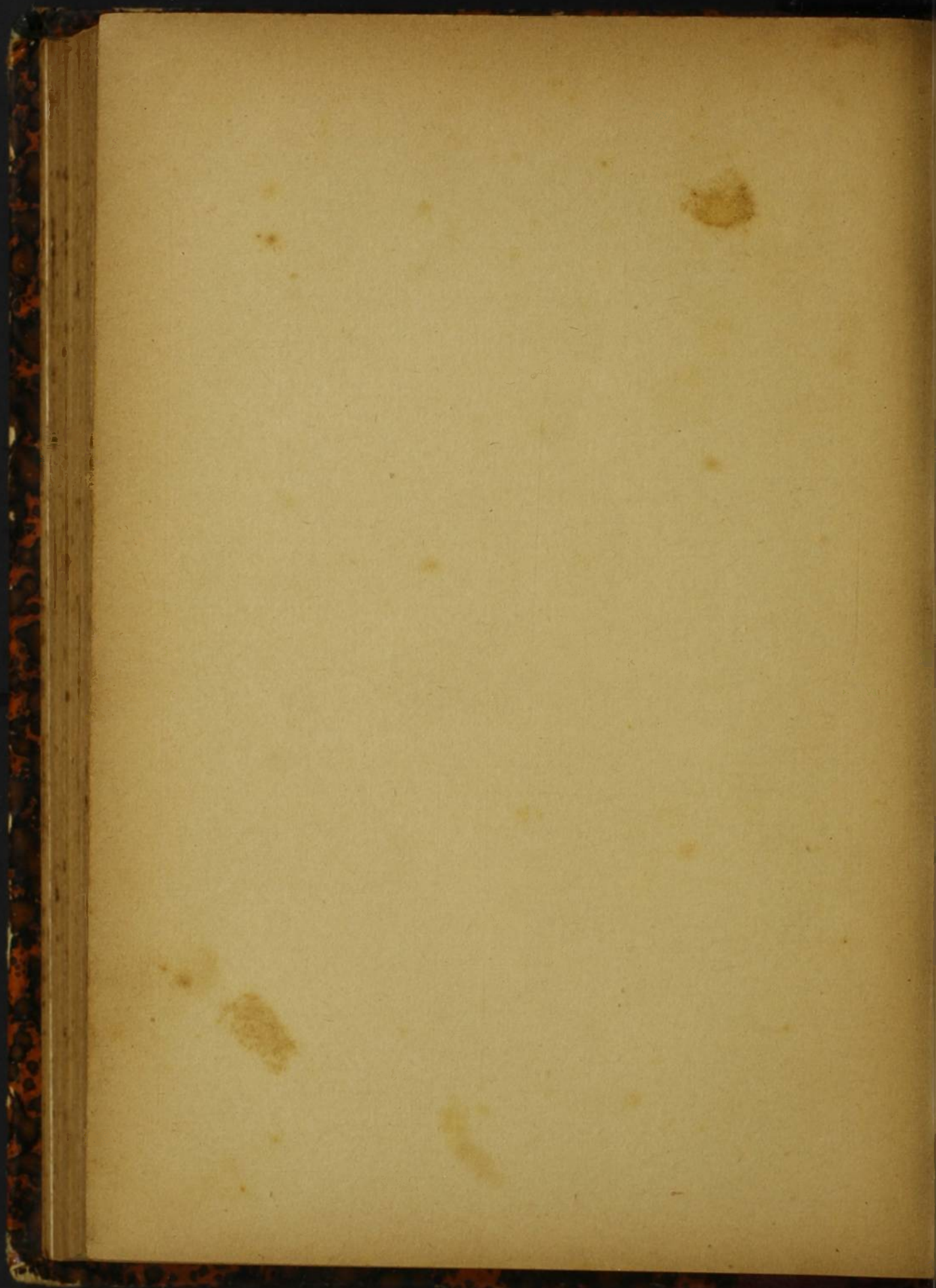
— Domine! Non sum dignus...

A campainha resoou de novo no templo.

Um velho espectorou no silencio.

F I M

L A U S D E O



## ERRATA

---

Na pagina 55 sahiu “densa” em vez de “dansa”.

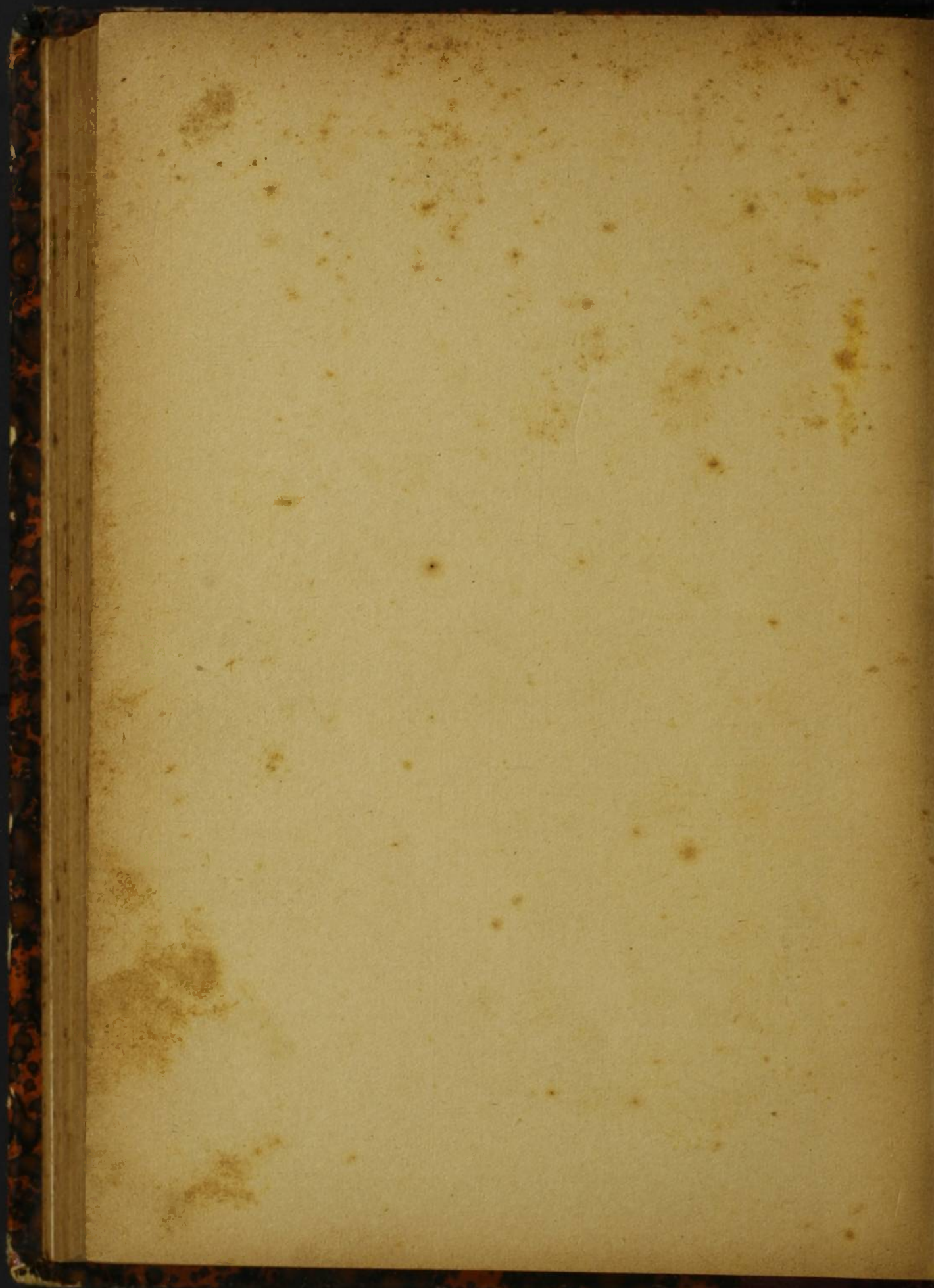
Na pagina 69 sahiu “com grandes chapeus” em vez de “com mulheres de grandes chapeus”.

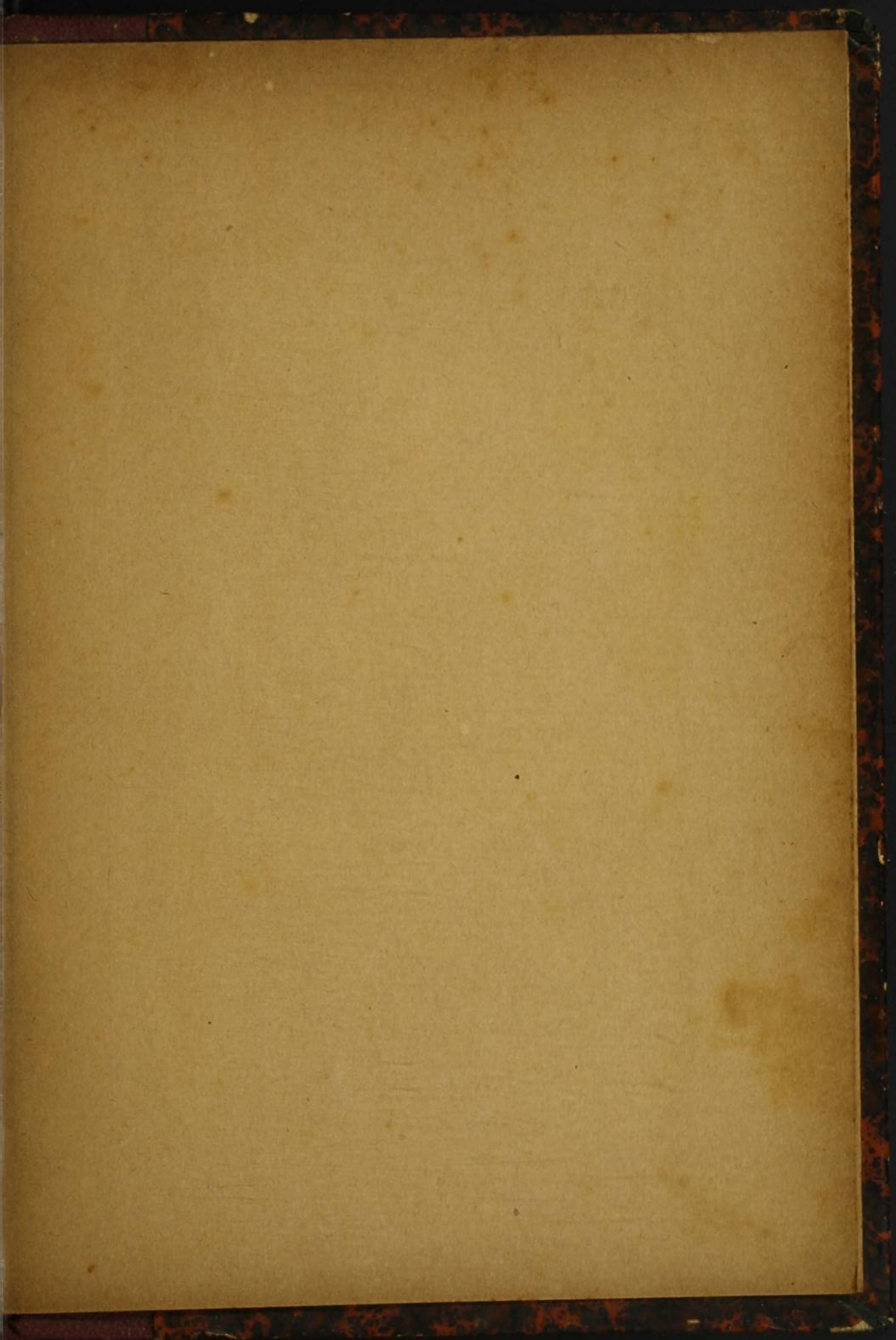
Na pagina 71 sahiu “resolvida” em vez de “revolvida”.

Na pagina 80 sahiu “sceptico” em vez de “septico”.

Na pagina 99 sahiu “tomara” em vez de “tornara”.

Outros erros de revisão, de psychologia ou de intriga serão facilmente corrigidos pelo leitor arguto.





29

23980

